



Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U 18/05/2020

EDUARDO FERREIRA DOS SANTOS ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO *QUER DIZER* NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO, MOÇAMBICANO E ANGOLANO:
ESTÁGIOS E TRAJETÓRIAS DE GRAMATICALIZAÇÃO**

Feira de Santana-BA
2026

EDUARDO FERREIRA DOS SANTOS ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO *QUER DIZER* NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO, MOÇAMBICANO E ANGOLANO:
ESTÁGIOS E TRAJETÓRIAS DE GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

Almeida, Eduardo Ferreira dos Santos
A446c A construção *quer dizer* nas variedades do português brasileiro,
moçambicano e angolano: estágios e trajetórias de gramaticalização
/ Eduardo Ferreira dos Santos Almeida. - 2026.
147f.: il.

Orientadora: Josane Moreira de Oliveira
Coorientadora: Valéria Viana Sousa

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de
Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
2026.

1. Português brasileiro. 2. Português angolano. 3. Português
moçambicano. 4. Construção *quer dizer*. 5. Funcionalismo norte-
americano - Gramaticalização. I. Oliveira, Josane Moreira de, orient.
II. Sousa, Valéria Viana, coorient. III. Universidade Estadual de
Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos. IV. Título.

CDU: 806.90

Dissertação aprovada em: 27 de maio de 2026

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente

JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA

Data: 27/07/2026 18:55:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira – UEFS

(Orientadora)



Documento assinado digitalmente

VALERIA VIANA SOUSA

Data: 28/07/2026 11:16:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa – UESB

(Coorientadora)

Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho – UNEB

(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto – UEFS

(Examinador Interno)

DEDICATÓRIA

Dedico estas páginas às horas silenciosas, aos pensamentos inquietos e à coragem de seguir em frente. Que este trabalho seja memória viva de um percurso feito com esforço e esperança!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar nesta trajetória acadêmica e me conceder forças para superar os desafios ao longo do caminho.

À minha esposa, Keila, pelo amor incondicional, pela contribuição na pesquisa – desde orientações e auxílio na formatação – e, sobretudo, por compreender minhas ausências. Agradeço também por ser a pessoa que contribuiu não apenas para esta pesquisa, mas para toda a minha formação, desde a graduação até o mestrado. Você foi essencial, meu amor.

Aos meus pais, Edmundo e Mônica, por todo o esforço, direto e indireto, na realização dos meus sonhos.

Às minhas irmãs, Monique, Maria Eduarda e Eloá, por sempre acreditarem em mim.

À minha avó, Maria Delfina, pelo incentivo aos estudos e por todo amor e carinho.

À minha prezada e querida orientadora, professora Josane Oliveira, pela orientação atenta, pelo empenho dedicado ao meu projeto de pesquisa e, sobretudo, pelo incentivo e pela confiança depositada em mim. Agradeço imensamente por me conduzir ao longo deste percurso acadêmico e por todas as contribuições valiosas, que foram fundamentais para o desenvolvimento e a consolidação deste trabalho. Professora, sou profundamente grato pelo apoio recebido ao longo deste percurso.

À minha estimada coorientadora, professora Valéria Sousa, pelas valiosas contribuições ao meu projeto de pesquisa e ao texto de qualificação. Suas contribuições, leituras cuidadosas e reflexões foram fundamentais para o amadurecimento das ideias aqui apresentadas. Deixo aqui minha sincera gratidão, professora.

À minha queridíssima professora Cristina Carvalho, por me guiar durante a Iniciação Científica e ao longo da Graduação. Agradeço pelas orientações, contribuições e pela compreensão em meus momentos de falha; seus conselhos e críticas foram valiosos ao longo desse percurso e contribuíram significativamente para a minha formação. Cris, minha trajetória acadêmica não teria sido a mesma sem você. Agradeço também por aceitar compor minha banca de Mestrado, o que torna este momento ainda mais significativo para mim.

Ao professor Natival Simões Neto, por aceitar participar da minha banca de qualificação e defesa de Mestrado. Ao longo da minha trajetória acadêmica, tive a oportunidade de participar de diversos minicursos ministrados pelo senhor, entre eles os de Linguística Cognitiva e de Morfologia e Sintaxe do Português em Abordagem Construcional, além de muitos outros que contribuíram significativamente para a minha formação. Professor, sou um grande admirador do seu trabalho.

À professora Huda Santiago, por quem desenvolvi uma profunda admiração durante o Mestrado, pela condução dos projetos de pesquisa na disciplina Metodologia da Pesquisa em Estudos Linguísticos, pelos valiosos conselhos e incentivos acadêmicos e, sobretudo, pela pessoa admirável que é. Professora, sua presença e suas palavras foram essenciais ao longo desta caminhada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro concedido durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e para a minha trajetória acadêmica. Cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio e cada oportunidade de aprendizado foram fundamentais para que este momento se tornasse possível.

RESUMO

Nesta pesquisa, investiga-se a construção *quer dizer* nas variedades do português brasileiro, moçambicano e angolano, sob a perspectiva da gramaticalização. O trabalho tem como objetivo analisar os usos de *quer dizer*, considerando diferentes estágios do processo de gramaticalização e sua atuação no domínio discursivo-pragmático. Especificamente, busca-se identificar e descrever os usos de *quer dizer* nas três variedades analisadas, estabelecer critérios para a distinção entre usos menos e mais gramaticalizados, propor uma sistematização dos estágios de gramaticalização da construção, examinar a influência do contexto morfossintático na emergência e no funcionamento dos usos gramaticalizados e comparar as variedades em foco, a fim de identificar convergências e divergências no percurso funcional da construção. Os fundamentos teóricos da pesquisa estão ancorados no Funcionalismo linguístico de orientação norte-americana, mais precisamente na abordagem da gramaticalização tal como concebida por Hopper e Traugott (2003 [1993]), Martelotta, Votre e Cezario (1996) e Gonçalves et al. (2007), dentre outros, e também em trabalhos sobre a gramaticalização de *quer dizer*, a saber: Dal Mago (2001), Carneiro (2006), Gonçalves et al. (2007), Carvalho e Silva (2018), Almeida (2022), Almeida e Carvalho (2025), dentre outros. Nesse sentido, defende-se um processo de mudança gradual, sensível ao uso e condicionado por fatores discursivo-pragmáticos. Do ponto de vista metodológico, adota-se uma abordagem quali-quantitativa (Lacerda, 2016). Nesse caso, o viés qualitativo possibilita a descrição funcional dos usos da construção *quer dizer* e o viés quantitativo mensura a distribuição e recorrência nas variedades analisadas, o que confere maior rigor à análise comparativa dos dados. Para a descrição do fenômeno, utiliza-se como *corpus*, nesta pesquisa, um conjunto de textos extraídos do *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006), que contempla dados das variedades brasileira, moçambicana e angolana. Foram levantadas e analisadas, nesta pesquisa, 300 ocorrências de *quer dizer* em cada variedade do português examinada, o que possibilita a comparação dos usos e dos diferentes estágios de gramaticalização identificados. A análise evidenciou a multifuncionalidade de *quer dizer*, com a identificação de diferentes usos, além de considerar fatores morfossintáticos e discursivos relevantes para a identificação dos estágios de gramaticalização da referida construção. Ao adotar uma abordagem comparativa, o estudo pretende contribuir para a compreensão dos processos de gramaticalização no português pluricêntrico, uma vez que a língua portuguesa possui mais de um centro de referência, evidenciando trajetórias não homogêneas na constituição de construções discursivas das variedades aqui examinadas. Os resultados indicam que os usos mais gramaticalizados da construção *quer dizer* tendem a ocorrer em contextos sem sujeito, sem a presença da conjunção *que* e em sequências argumentativas. Observa-se que, embora as três variedades apresentem trajetórias semelhantes de gramaticalização, esse processo se mostra ligeiramente mais avançado nas variedades africanas em comparação com a variedade brasileira.

Palavras-chave: Construção *quer dizer*; Funcionalismo norte-americano/Gramaticalização; Português brasileiro; Português moçambicano; Português angolano.

ABSTRACT

This research investigates the construction *quer dizer* in varieties of Brazilian, Mozambican, and Angolan Portuguese, from the perspective of grammaticalization. The aim is to analyze the uses of *quer dizer*, considering different stages of the grammaticalization process and its role in the discursive-pragmatic domain. Specifically, it seeks to identify and describe the uses of *quer dizer* in the three varieties analyzed, establish criteria for distinguishing between less and more grammaticalized uses, to propose a systematization of the construction's grammaticalization stages, to examine the influence of morphosyntactic context on the emergence and functioning of grammaticalized uses, and to compare the varieties in focus in order to identify convergences and divergences in the construction's functional trajectory. The theoretical foundations of this research are anchored in North American-oriented linguistic Functionalism, more precisely in the grammaticalization approach as conceived by Hopper and Traugott (2003 [1993]), Martelotta, Votre and Cezario (1996), Gonçalves et al. (2007), among others. It also draws on works regarding the grammaticalization of *quer dizer*, namely: Dal Mago (2001), Carneiro (2006), Gonçalves et al. (2007), Carvalho and Silva (2018), Almeida (2022), Almeida and Carvalho (2025), among others. In this sense, a gradual change process is advocated, sensitive to usage and conditioned by discursive-pragmatic factors. From a methodological point of view, a qualitative-quantitative approach is adopted (Lacerda, 2016). In this case, the qualitative bias allows for the functional description of the uses of the construction *quer dizer*, while the quantitative bias measures the distribution and recurrence in the analyzed varieties, which lends greater rigor to the comparative analysis of the data. For the description of the phenomenon, this research uses as its corpus a set of texts extracted from the Corpus of Portuguese (Davies; Ferreira, 2006), which includes data from the Brazilian, Mozambican, and Angolan varieties. 300 occurrences of *quer dizer* were collected and analyzed in each variety of Portuguese examined, allowing for the comparison of uses and the different stages of grammaticalization identified. The analysis highlighted the multifunctionality of *quer dizer*, identifying different uses, and also considered morphosyntactic and discursive factors relevant to identifying the stages of grammaticalization of this construction. By adopting a comparative approach, the study aims to contribute to the understanding of grammaticalization processes in pluricentric Portuguese, since the Portuguese language has more than one center of reference, evidencing non-homogeneous trajectories in the constitution of discursive constructions of the varieties examined here. The results indicate that the most grammaticalized uses of the construction *quer dizer* tend to occur in contexts without a subject, without the presence of the conjunction *que*, and in argumentative sequences. It is observed that, although the three varieties present similar trajectories of grammaticalization, this process is slightly more advanced in the African varieties compared to the Brazilian variety.

Keywords: Construction *quer dizer*; American Functionalism/Grammaticalization; Brazilian Portuguese; Mozambican Portuguese; Angolan Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Brasil, Moçambique e Angola no mapa mundi	56
Figura 2: Trajetória da gramaticalização de <i>quer dizer</i>	100

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> nos dados do PB, do PM e do PA (percentuais)	104
Gráfico 2: Distribuição dos dados de <i>quer dizer</i> em função da pessoa gramatical no PB, no PM e no PA (número de ocorrências)	111
Gráfico 3: Distribuição dos dados de <i>quer dizer</i> em função da explicitude/omissão do sujeito no PB, no PM e no PA (número de ocorrências)	117
Gráfico 4: Distribuição dos dados de <i>quer dizer</i> em função da presença/ausência da conjunção <i>que</i> no PB, no PM e no PA (número de ocorrências)	124
Gráfico 5: Usos de <i>quer dizer</i> menos e mais gramaticalizados no PB, no PA e no PM (percentuais)	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> nos dados do PB	102
Tabela 2: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> nos dados do PM	102
Tabela 3: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> nos dados do PA	103
Tabela 4: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da pessoa gramatical no PB ...	106
Tabela 5: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da pessoa gramatical no PM.	106
Tabela 6: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da pessoa gramatical no PA ...	106
Tabela 7: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da explicitude/omissão do sujeito no PB	112
Tabela 8: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da explicitude/omissão do sujeito no PM	112
Tabela 9: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da explicitude/omissão do sujeito no PA	113
Tabela 10: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da presença/ausência da conjunção <i>que</i> no PB	118
Tabela 11: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da presença/ausência da conjunção <i>que</i> no PM	119
Tabela 12: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função da presença/ausência da conjunção <i>que</i> no PA	119
Tabela 13: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função do tipo de sequência linguística no PB	125
Tabela 14: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função do tipo de sequência linguística no PM	125
Tabela 15: Distribuição dos usos de <i>quer dizer</i> em função do tipo de sequência linguística no PA	126
Tabela 16: Usos de <i>quer dizer</i> menos e mais gramaticalizados no PB, no PM e no PA	131

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PA	Português Angolano
PB	Português Brasileiro
PM	Português Moçambicano
SN	Sintagma Nominal
SVO	Sujeito + Verbo + Objeto
CFFs	Construções do tipo <i>foi fez</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 OS VERBOS <i>QUERER</i> E <i>DIZER</i> NO PORTUGUÊS	20
2.1 NA TRADIÇÃO GRAMATICAL	20
2.2 NOS DICIONÁRIOS	21
2.3 EM ESTUDOS FUNCIONALISTAS	23
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	26
3.1 TENDÊNCIAS FORMALISTAS E FUNCIONALISTAS NO ESTUDO DA LINGUAGEM	26
3.2 O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO	30
3.3 A GRAMATICALIZAÇÃO	34
3.3.1 Princípios de gramaticalização	38
3.3.2 A unidirecionalidade	41
3.3.3 Gramaticalização de formas/construções verbais	42
3.3.4 A gramaticalização de <i>quer dizer</i>	46
4 METODOLOGIA	50
4.1 O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	51
4.2 AS COMUNIDADES EM ESTUDO	53
4.2.1 Brasil	56
4.2.2 Moçambique	59
4.2.3 Angola	62
4.3 PROCEDIMENTOS ADOTADOS	65
4.3.1 Usos de <i>quer dizer</i>	67
4.3.2 Grupos de fatores e hipóteses da pesquisa	70
4.3.2.1 <i>Pessoa gramatical do sujeito da construção quer dizer</i>	71
4.3.2.2 <i>Explicitude/omissão do sujeito</i>	73
4.3.2.3 <i>Presença/ausência da conjunção que na construção quer dizer</i>	75
4.3.2.4 <i>Tipo de sequência linguística</i>	76
4.3.3 O instrumental quantitativo: o GoldVarb X	79
5 ANÁLISE DOS DADOS	81
5.1 USOS DE <i>QUER DIZER</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO, MOÇAMBICANO E ANGOLANO	82

5.2 USOS DE <i>QUER DIZER</i> : DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS NA AMOSTRA	102
5.3 PARÂMETROS LINGÜÍSTICOS	105
5.3.1 Resultados para a pessoa gramatical do sujeito	105
5.3.2 Resultados para a explicitude/omissão do sujeito	112
5.3.3 Resultados para a presença/ausência da conjunção <i>que</i>	118
5.3.4 Resultados para o tipo de sequência linguística	125
5.4 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE O PB, O PME O PA	130
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	140

1 INTRODUÇÃO

Construções linguísticas aparentemente simples, recorrentes no uso cotidiano, frequentemente revelam processos complexos de mudança quando analisadas do ponto de vista discursivo. Nesse contexto, *quer dizer* é amplamente utilizada por falantes das variedades brasileira, moçambicana e angolana. É uma construção¹ que possui características pragmático-discursivas que operam na organização do discurso, na reformulação enunciativa e na gestão da interação.

A investigação aqui proposta insere-se no campo dos estudos sobre mudança linguística, com foco nos processos que envolvem a emergência de novas funções a partir do uso. Nessa perspectiva, “a habilidade linguística do falante é, então, vista como constituída das regularidades no processamento mental da linguagem em situações de uso” (Martelotta, 2011, p. 56). Sob esse enquadramento teórico, a construção *quer dizer* configura-se como um objeto relevante, uma vez que apresenta uma multiplicidade de usos na língua portuguesa, associados a diferentes graus de abstração funcional. Essa diversidade de empregos assumida por *quer dizer* sugere um processo de gramaticalização, no qual valores originalmente vinculados ao funcionamento verbal passam a atuar no domínio discursivo-pragmático.

Ao considerar os processos de reanálise funcional associados à construção *quer dizer*, torna-se evidente que a gramática está em constante adaptação, desmistificando a ideia de um sistema estático. Nessa perspectiva, a gramática não pode ser compreendida “sem referência tanto à sua evolução a partir do discurso quanto aos fatores comunicativos e cognitivos que governam seu surgimento” (Furtado da Cunha; Tavares, 2016, p. 20). Nesse sentido, sob o prisma do Funcionalismo linguístico, a gramática também é vista como um conjunto de padrões linguísticos regulares nos níveis fonológico, morfológico e sintático.

A partir do momento em que há a alteração de sentido de uma determinada palavra ou expressão, é salutar inferir a variação e a mudança da gramática, ou seja, se a língua muda a gramática também muda. Esse pensamento está de acordo com a noção de *gramática emergente*, estabelecida por Hopper (1987). Uma das evidências dessa concepção de gramática nas línguas humanas é a gramaticalização, entendida como um processo gradual pelo qual formas e construções passam a assumir funções cada vez mais abstratas e discursivas.

¹ “Unidade com forma e significado, cujos aspectos de sua forma e de seu significado nem sempre estão previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição, nem por outras construções preexistentes na língua” (Goldberg, 1995, p. 4).

A gramaticalização, por ser um fenômeno de mudança linguística, pode envolver tanto itens/construções lexicais quanto itens/construções já gramaticais, acarretando a reconfiguração de seus valores semântico-funcionais e seu comportamento categorial. Segundo Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 1), esse fenômeno diz respeito a “como os itens lexicais e as construções passam, em determinados contextos linguísticos, a desempenhar funções gramaticais ou como os itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais”², evidenciando, com isso, a interdependência entre forma, significado e uso. Nessa perspectiva, cabe destacar que a gramaticalização reflete a dinamicidade da língua e constitui um instrumento teórico central para a compreensão dos processos de mudança linguística orientados pelo discurso.

A concepção teórica adotada por pesquisadores brasileiros, alinhada ao Funcionalismo linguístico de vertente-norte-americana, também compreende a gramaticalização como um processo de mudança gradual que envolve, em muitos casos, o deslocamento de itens/construções do domínio lexical para funções de natureza gramatical e discursiva. Paralelamente, Martelotta, Votre e Cezario (1996) distinguem os itens lexicais, caracterizados por um conteúdo semântico mais pleno, como é o caso de *quer dizer* não gramaticalizado, e pela capacidade de designar entidades, ações e propriedades, de itens gramaticais, cuja principal função está voltada para estabelecer relações estruturais e coesivas no texto. Estudos desenvolvidos a partir desse enquadramento teórico têm sido alvo de pesquisas envolvendo diferentes formas e construções verbais em diversas línguas e variedades (Martelotta; Votre; Cezario, 1996; Görski et al., 2002; Martelotta, 2008; Carvalho, 2017; Carvalho; Silva, 2018; Almeida, 2022; Almeida; Carvalho, 2025, dentre outros).

No que se refere à construção *quer dizer*, estudos anteriores têm demonstrado uma reconfiguração funcional associada à gramaticalização. Em Dal Mago (2004, p. 651), observa-se que essa construção “perde o seu valor locucional de verbo auxiliar + pleno (*querer/dizer*), com escopo oracional, para adquirir uma multiplicidade de funções textuais e pragmático-discursivas, a depender do contexto”. Segundo a autora, *quer dizer* progressivamente deixa de se comportar com estatuto verbal, passando a atuar em funções de organização argumentativa discursiva, o que evidencia seu caráter polissêmico.

A fim de ilustrar a multifuncionalidade da construção *quer dizer*, apresentam-se, a seguir, alguns dados do português brasileiro, moçambicano e angolano extraídos do banco de

² Do original: “Grammaticalization refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions” (Hopper; Traugott, 2003 [1993], p. 1).

dados utilizado desta pesquisa. Os exemplos contemplam diferentes funções assumidas pela construção, a saber: modal e *dicendi* (1), valor de ‘significa’ (2), conector textual (3) e marcador discursivo (4):

- (1) [...] O apóstolo aqui provavelmente determinou a entender que o evangelho é uma mensagem universal, concebido para todos os homens e adequado para ser pregado entre todas as nações. O que ele **quer dizer** no contexto de Colossenses é que o Evangelho avançava alcançando vários povos. [...] (PB, <http://agrandecidade.com/category/minhas-palavras-nao-passarao/o-evangelho-em-todo-o-mundo/>)
- (2) [...] O vencedor receberá ainda parte de a receita da vila pelos serviços de acomodação, no período em que este não estará a residir nela. Isto **quer dizer** que, depois dos primeiros três anos, o galardoado terá já acumulado alguma soma de dinheiro a sair das receitas anuais, que lhe permitirá custear as despesas de alimentação, bebidas e as atividades recreativas. [...] (PM, <http://nandiiwe.blogspot.com/2012/06/fernando-sumbana-ministro-do-turismo-de.html>)
- (3) [...] A questão da unidade nacional só pode por isso mesmo ser abordada a partir de uma única possibilidade -- a possibilidade que nos é dada pelo materialismo histórico. **Quer dizer**, que não é com base nas posições do chamado humanismo universalista dos séculos passados que devemos resolver a problemática da unidade nacional angolana, tal como desejam e defendem os oportunistas da direita. [...] (PA, <http://www.27maio.com/4-unidade-nacional/>)
- (4) [...] Se os americanos estão prontos para aceitar que um representante de a minoria negra pode ser presidente de os states, quando estaremos nós em Angola preparados para um branco ser presidente de Angola? Ficaram a olhar para mim, e vi que ficaram surpreendidos com a pergunta. Houve um que começou a gaguejar. Bem, ó kota... **quer dizer**, não sei, mas pode ser. Eu apenas fiquei calado a olhar para eles, como que a dar-lhes tempo para me responderem. Levantei-me e disse não há maka juventude [...]. (PA, http://blogdangola.blogspot.com/2008_06_01_archive.html)

No dado (1) está exemplificado o uso modal + *dicendi* em que *querer* modaliza o verbo *dizer*, ou seja, esse uso ainda não está gramaticalizado. Quando o locutor diz *O que ele quer dizer no contexto de Colossenses é que o Evangelho avançava alcançando vários povos*, há a utilização verbal da construção, uma vez que remete à intenção comunicativa do enunciador original.

No dado (2) *querer* não modaliza *dizer*, ou seja, tem-se aqui uma construção cristalizada com o sentido de ‘significa’. Há um sujeito anafórico *isto*, que retoma o segmento textual citado anteriormente, mas não há uma leitura volitiva do verbo *querer*, evidenciando, com isso, um estágio intermediário de gramaticalização como pontuam Gonçalves et al. (2007).

O dado (3) mostra uma reformulação do argumento anterior, dito de forma mais clara, ou seja, há um esclarecimento da informação previamente apresentada. A ausência de sujeito e de complemento verbal reforça o grau de gramaticalização.

Por fim, em (4) tem-se o uso mais gramaticalizado dessa construção, que é o marcador discursivo. Nesse dado específico, percebe-se uma hesitação junto com uma pausa do locutor no seu turno de fala. Essa é uma das características do marcador discursivo.

O objetivo geral desta pesquisa é, então, analisar o processo de gramaticalização da construção *quer dizer* no português brasileiro, moçambicano e angolano, à luz do Funcionalismo linguístico de orientação norte-americana (Hopper; Traugott, 2003 [1993]; Martelotta; Votre; Cezario, 1996; Gonçalves et al., 2007).

Haja vista o objetivo geral, a presente pesquisa busca responder às seguintes questões orientadoras: (i) Quais usos são observados para a construção *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português? (ii) Quais reconfigurações funcionais e indícios de mudança categorial podem ser identificados nos usos da construção nas três variedades analisadas? (iii) Quais usos da construção apresentam maior grau de gramaticalização à luz dos critérios adotados na pesquisa? (iv) Quais estágios de gramaticalização podem ser propostos para a construção *quer dizer* a partir dos dados analisados? (v) Quais convergências e divergências se observam nos empregos da construção *quer dizer* nas variedades do português examinadas? Por meio dessas questões norteadoras, busca-se, então, caracterizar, em variedades de uma mesma língua, um processo de mudança linguística – especificamente a gramaticalização – associado ao desenvolvimento de novas funções semântico-discursivas.

À luz das questões mencionadas, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: (i) identificar e descrever os usos de *quer dizer* nas três variedades analisadas; (ii) estabelecer critérios para a distinção entre usos menos e mais gramaticalizados; (iii) propor uma sistematização dos estágios de gramaticalização da construção; (iv) examinar a influência do contexto morfossintático na emergência e no funcionamento dos usos gramaticalizados; (v) comparar as variedades em foco, a fim de identificar convergências e divergências no percurso funcional da construção *quer dizer*.

Para a análise do fenômeno investigado nas três variedades do português, são utilizados como amostra da pesquisa textos extraídos do banco de dados *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006)³, mais precisamente o subcorpus *Web/dialetos*. Do ponto de vista metodológico,

³ Disponível em: www.corpusdoportugues.org.

a pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, articulando a descrição funcional dos usos da construção *quer dizer* à análise da distribuição e recorrência das ocorrências nas variedades examinadas.

Acresce-se ainda que, de acordo com os pressupostos teóricos de Lacerda (2016), a abordagem qualitativa busca uma descrição detalhada do objeto investigado a partir do contexto em que a construção é instanciada e a quantitativa volta-se para a quantificação dos dados analisados, com o objetivo de evitar possíveis distorções na análise e na interpretação dos resultados. Com essa abordagem metodológica espera-se conseguir resultados mais contundentes a partir da amostragem desta pesquisa.

A investigação desenvolvida no âmbito da graduação, centrada na comparação do português brasileiro com o português moçambicano, constitui um ponto de partida para as reflexões propostas nesta dissertação. Estudos anteriores centrados na comparação do português brasileiro com o moçambicano, a saber, Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), evidenciaram a multifuncionalidade dessa construção e apontaram para diferentes estágios de desenvolvimento funcional. Diante desse cenário, este estudo amplia a investigação para o português angolano, adotando uma abordagem comparativa mais abrangente, com vistas a compreender de forma mais sistemática as trajetórias de gramaticalização da construção *quer dizer* no português pluricêntrico.

Além disso, busca-se contribuir com os estudos sobre gramaticalização a partir da adoção da perspectiva comparativa de diferentes variedades da língua portuguesa, sobretudo variedades africanas. Ao analisar os usos de *quer dizer*, é possível identificar as convergências e divergências nos percursos funcionais da construção, ampliando a compreensão dos processos de mudança linguística em contextos pluricêntricos. Trata-se, então, de uma investigação empírica de natureza comparativa, que busca evidenciar diferentes estágios e trajetórias de gramaticalização, considerando a atuação de fatores discursivo-pragmáticos nas variedades do português em foco.

Este trabalho está estruturado em cinco seções. Na primeira, aqui apresentada, tecem-se considerações iniciais em relação ao objeto de análise (a construção *quer dizer*) bem como são elencados os objetivos e os questionamentos da pesquisa. Na segunda seção, procede-se a uma revisão da literatura sobre o tema. Na terceira seção, expõem-se os fundamentos teóricos do trabalho: explicitam-se, inicialmente, pressupostos teóricos basilares do Funcionalismo linguístico de vertente de norte-americana e, depois, da abordagem da gramaticalização; em seguida, aborda-se o processo de gramaticalização de *quer dizer*. Na quarta seção, descrevem-se o *corpus* e os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Na quinta seção,

analisam-se e discutem-se os resultados da análise quali-quantitativa dos dados. Na sexta e última seção, apresentam-se as considerações finais e, a seguir, listam-se as referências do trabalho.

2 OS VERBOS *QUERER* E *DIZER* NO PORTUGUÊS

Esta seção apresenta uma revisão da literatura sobre o objeto da pesquisa. Está subdividida em três subseções: a primeira traz a abordagem da tradição gramatical do português, a segunda mostra o tratamento dos verbos *querer* e *dizer* e da construção *quer dizer* em dicionários e a terceira revisita trabalhos de cunho funcionalista sobre a gramaticalização de *quer dizer*.

2.1 NA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Antes de abordar o processo de gramaticalização da construção *quer dizer*, faz-se necessário examinar o funcionamento dos verbos *querer* e *dizer* enquanto verbos plenos da língua portuguesa, conforme descritos na tradição gramatical.

No que se refere ao verbo *querer*, Said Ali (2008 [1931]) o classifica como verbo auxiliar modal quando rege outro verbo, ressaltando que, nesses casos, não deve ser equiparado aos verbos transitivos que selecionam complementos nominais, uma vez que sua função consiste em modificar semanticamente o verbo principal. O autor ainda destaca um ponto interessante ao apontar que “às vezes omitimos o verbo principal. Assim *ele quer dinheiro* equivale a *ele quer haver (ou possuir) dinheiro*; *quero isto pronto* = *quero ver isto pronto*” (Said Ali, 2008 [1931], p. 64, grifos do autor). Esses exemplos esclarecem que, mesmo na tradição gramatical, reconhece-se a possibilidade de esvaziamento do conteúdo lexical do verbo principal, com a manutenção do valor modal na estrutura.

No que concerne ao verbo *dizer*, a tradição gramatical o descreve como um verbo pleno de elocução, responsável por introduzir conteúdos e, frequentemente, por reger complementos oracionais. Rocha Lima (2011) classifica *dizer* como verbo irregular, destacando sua forma de particípio – *dito*. Diante disso, *dizer* apresenta comportamento sintático e semântico estável, sem lhe serem atribuídos valores discursivos ou funções que extrapolem o domínio verbal.

Como destacado anteriormente, o verbo *querer* apresenta comportamento recorrente como verbo auxiliar modal, uma vez que frequentemente rege outro verbo no infinitivo (Rocha Lima, 2011). Nesse viés, *querer* é um dos verbos que mais comumente seleciona complementos verbais, ou seja, atua, em muitos casos, na modificação do valor semântico expresso pelo verbo principal. Além disso, *querer* mantém estatuto verbal e função auxiliar, enquanto *dizer* conserva suas propriedades sintáticas e semânticas como verbo pleno.

Autores como Bechara (2009) reconhecem que a locução verbal *quer dizer* pode assumir o valor semântico de ‘significar’ ou ‘esclarecer’, sendo empregada em contextos de explicitação ou reformulação, mas o autor não deixa de reconhecê-la como locução verbal. Nessa vertente, quando os verbos *querer* e *dizer* ocorrem de forma articulada, a tradição gramatical continua descrevendo a sequência *quer dizer* como uma locução verbal, muitas vezes associada a valores de elocução e comunicação. Nesses contextos, *quer dizer* expressa o ato de dizer algo a alguém, podendo reger complementos nominais ou oracionais, com sujeito explícito ou implícito. Gramáticos como Said Ali (2008 [1931]), Bechara (2009) e Rocha Lima (2011) postulam caracterizar essa sequência no âmbito da predicação verbal, sem atribuir-lhe funções discursivas.

Dessa forma, cabe recapitular que o verbo *querer* é frequentemente descrito como verbo auxiliar de valor modal, sobretudo quando rege outro verbo no infinitivo (Said Ali, 2008 [1931]; Bechara, 2009; Rocha Lima, 2011). O verbo *dizer*, por sua vez, é descrito como verbo pleno, relacionado ao domínio da comunicação verbal. E *quer dizer* é vista como uma locução verbal que frequentemente é associada ao sentido pleno, ‘significa’, usada para introdução de esclarecimentos.

2.2 NOS DICIONÁRIOS

Nos dicionários da língua portuguesa, os verbos *querer* e *dizer* são descritos a partir de seus valores lexicais mais prototípicos. De acordo com o dicionário eletrônico *Oxford Language*⁴, o verbo *querer*, de origem latina *quaerere*, tem como significado: ter o desejo ou a intenção de; tencionar, projetar, aspirar, pretender, exigir, ordenar etc. O verbo *dizer*, também de origem latina, *dicere*, tem como significado: expor através de palavras; exprimir, enunciar, ordenar, mandar, avisar, advertir, repreender, censurar, interessar, importar, convir etc. Observa-se, com isso, que, no dicionário em questão, ambos os verbos são descritos a partir de seus valores lexicais plenos, sem referência explícita aos usos discursivo-pragmáticos que emergem quando integrados à construção *quer dizer*. Isso reforça a necessidade de uma análise funcional que considere o uso efetivo da língua.

As significações atribuídas aos verbos *querer* e *dizer*, de acordo com os dicionários eletrônicos de língua portuguesa *Oxford Language* e *Priberam*⁵, são amplamente utilizadas em vários contextos de escrita e de fala por parte dos usuários da língua. A seguir são apresentados

⁴ Fonte: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>.

⁵ Fonte: <https://dicionario.priberam.org/>.

alguns contextos, retirados do dicionário *Oxford Language*, a fim de exemplificar o uso dos referidos verbos:

- (5) Exemplo do verbo *querer* com a função de ter vontade ou a intenção de: “não me importa que alguém **queira** dar-lhe a outra parte”.
- (6) Exemplo do verbo *querer* com a função de desejar que (alguém) esteja ou desejar estar em determinada situação, posição, estado etc.: “nem de graça **quero** esse homem aqui”.
- (7) Exemplo do verbo *querer* com a função de desejar com especial interesse; aspirar, pretender: “os prejudicados **querem** ressarcimento”.

Os próximos exemplos também foram extraídos do dicionário *Oxford Language* e se referem ao verbo *dizer* e seus contextos de uso:

- (8) Exemplo do verbo *dizer* com a função de expor através de palavras; exprimir, enunciar: “**disse** que desejava viajar”.
- (9) Exemplo do verbo *dizer* com a função de dirigir (palavras, cumprimentos, ou acusações, ofensas etc.) a alguém: “tinha de lhe **dizer** algumas palavras”.
- (10) Exemplo do verbo *dizer* com a função de informar ou afirmar, oralmente ou por escrito; assegurar, comunicar: “os sindicalistas **disseram** que não haveria greve”.

Os exemplos apresentados têm como objetivo fornecer informações acerca dos verbos *querer* e *dizer*, enfatizando os contextos em que são empregados. Embora a pesquisa não faça referência histórica de como *querer* e *dizer* se organizaram para o surgimento de *quer dizer*, defendemos nesta pesquisa a hipótese de que, com o passar do tempo, foram surgindo contextos de uso bastante popularizados na oralidade, intercalando as designações originais dos verbos com os novos usos, dando origem, em meio a todos esses contextos, à sequência *quer dizer*, inicialmente composta por dois verbos plenos, mas que, ao longo do tempo, passou por processos de reanálise semântica e funcional, resultando em usos progressivamente mais abstratos e discursivos.

O *Dicionário Houaiss*⁶ registra a construção *quer dizer* como uma unidade lexicalizada, atribuindo-lhe valor explicativo equivalente ao da expressão *isto é*. Esse registro lexicográfico evidencia que a construção já não tem mais o sentido composicional de *querer* e *dizer*, pois passa a atuar como um recurso de reformulação e esclarecimento do discurso. Além disso, é

⁶ https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/167920:040/.

importante frisar que a dicionarização de *quer dizer* reforça a hipótese de um processo avançado de gramaticalização, ou seja, a construção assume funções discursivo-pragmáticas.

Observa-se que o sentido composicional de *querer* e *dizer* é progressivamente esmaecido quando passam a integrar a construção *quer dizer*, pois seu significado passa a ser de natureza discursiva. Nessa configuração, a construção assume funções explicativas, de acordo com o *Dicionário Houaiss*, além de funções organizadoras do discurso, sendo empregadas em vários contextos de uso, sejam de escrita ou de oralidade. Isso reforça a relevância dos estudos dos processos de gramaticalização do português.

Desse modo, o *Dicionário Houaiss* registra e descreve os principais valores semânticos de *quer dizer*, especialmente o uso explicativo. Todavia o dicionário não prioriza explicar os mecanismos linguísticos responsáveis pela emergência dessas funções nem o percurso de mudança envolvido. Essa lacuna descritivo-explicativa também é preenchida por abordagens de base funcionalista, como este trabalho, que passam a investigar *quer dizer* a partir de seu uso no discurso e de seu processo de gramaticalização.

2.3 EM ESTUDOS FUNCIONALISTAS

Estudos funcionalistas sobre a construção *quer dizer* são amplamente recorrentes na literatura linguística brasileira, evidenciando usos que extrapolam aqueles descritos pela tradição gramatical normativa. Nesse sentido, diversas pesquisas têm se dedicado à análise das funções discursivo-funcionais assumidas por essa construção, buscando compreender os mecanismos envolvidos em seu percurso de gramaticalização. Trabalhos como os de Dal Mago (2001), Carneiro (2006), Gonçalves et al. (2007), Carvalho e Silva (2018), Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025) demonstram que *quer dizer* desempenha papéis que vão além da locação verbal prototípica, passando a atuar como organizador textual.

Os estudos mencionados convergem quanto aos usos de *quer dizer*, indicando que essa construção percorre trajetórias comparáveis de gramaticalização. Em Almeida (2022, p. 57) constatou-se que “os usos da construção *quer dizer*, nas duas variedades [brasileira e moçambicana], tendem a seguir o mesmo percurso” de gramaticalização. A análise comparativa entre o português brasileiro e o português moçambicano, realizada nesse estudo, reforça a compreensão da gramaticalização como um processo recorrente na língua portuguesa, muito sensível ao uso e ao contexto discursivo.

Dal Mago (2001, p. 46) argumenta que *quer dizer* parece estar passando por um processo de reanálise, pois “é uma expressão de uso corriqueiro em nossa língua, que assume

determinadas funções modeladas pelo contexto e/ou pelo tipo de discurso e que está se gramaticalizando”. Segundo a autora, o caráter dinâmico dessa construção manifesta-se no fato de sua forma permanecer estável, enquanto seus valores semântico-funcionais se reconfiguram progressivamente, sendo esse um aspecto central nos estudos funcionalistas sobre mudança linguística.

O estudo desenvolvido por Carneiro (2006) chama atenção pela alta recorrência de *quer dizer que* funcionando como conector discursivo. Nessa perspectiva, “ao se apresentar como conector discursivo, a expressão ‘quer dizer que’ conecta cláusulas, atuando assim na organização textual e, portanto, desempenhando um papel textual-discursivo semelhante ao de ‘quer dizer’” (Carneiro, 2006, p. 49). À vista disso, é válido apontar que a presença da conjunção *que* evidencia, nesse caso, uma ampliação construcional da forma, reforçando seu papel na articulação e na progressão do discurso.

A análise dos estudos dedicados à construção *quer dizer* revela uma convergência quanto aos usos atribuídos a essa construção, independentemente das classificações terminológicas adotadas. Conforme observam Carvalho e Silva (2018, p. 169), “os usos ou funções atribuídas a *quer dizer* assemelham-se entre si independentemente da classificação adotada por cada autor”. As autoras chamam atenção para a diversidade de rótulos empregados na análise de *quer dizer*, entretanto as funções assumidas no funcionamento textual permanecem as mesmas.

Trabalhos mais recentes sobre *quer dizer*, como os de Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), propõem que essa construção percorre a seguinte trajetória de gramaticalização: “*verbo* (modal + *dicendi* > valor de ‘significa’) > *conector textual* (esclarecedor/retificador/ressalva/exemplificador/conclusivo) > *marcador discursivo*” (Almeida; Carvalho, 2025, p. 264). Essa trajetória contempla desde os usos plenos dos verbos *querer* e *dizer* até o uso mais gramaticalizado da construção, caracterizado pelo marcador discursivo.

Em Gonçalves et al. (2007), destaca-se o caráter processual e não conclusivo da gramaticalização de *quer dizer*, dando ênfase à gradualidade. Para tanto, os autores evidenciam que “à medida que começa a sofrer o processo de gramaticalização, a estrutura *quer dizer* tende a ser reanalisada” (Gonçalves et al., 2007, p. 107). Essa perspectiva permite compreender os diferentes usos da construção em contextos orais e escritos como reflexos de estágios distintos do processo de mudança linguística, que podem, com isso, apontar para a emergência de novos usos na língua.

Diante do exposto, o delineamento teórico desta pesquisa filia-se aos estudos funcionalistas que abordam o processo de gramaticalização de *quer dizer*. À luz dessas contribuições e das citadas anteriormente, propõe-se, neste trabalho, uma abordagem comparativa de caráter pluricêntrico, contemplando dados do português brasileiro, moçambicano e angolano. Tal perspectiva busca ampliar o escopo de análise dos estudos funcionalistas, sobretudo no que se refere às variedades africanas do português, ainda pouco exploradas nesse enquadre teórico. Na seção a seguir são tecidos os pressupostos centrais do Funcionalismo linguístico que fundamentam esta investigação.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A presente seção apresenta o referencial teórico que embasa a pesquisa, ancorado no Funcionalismo linguístico de orientação norte-americana, bem como discute os pressupostos teóricos relacionados ao processo de gramaticalização de *quer dizer*. A primeira subseção trata da abordagem funcionalista da linguagem em contraste com a abordagem formalista, com ênfase na relação entre uso, discurso e mudança linguística. A segunda subseção apresenta as bases do Funcionalismo norte-americano. A terceira subseção discute o processo de gramaticalização, apresentando seus princípios e abordando a gramaticalização de construções, com ênfase na gramaticalização da construção *quer dizer*, considerando seus diferentes contextos de uso.

3.1 TENDÊNCIAS FORMALISTAS E FUNCIONALISTAS NO ESTUDO DA LINGUAGEM

A Linguística contemporânea é marcada por diferentes abordagens teóricas que buscam descrever e explicar o funcionamento da linguagem. Entre essas perspectivas, destacam-se as correntes formalista e funcionalista, que apresentam fundamentos epistemológicos distintos. Desse modo, enquanto as abordagens formalistas privilegiam a descrição da estrutura linguística em termos de forma, as abordagens funcionalistas enfatizam o papel do uso, da função comunicativa e do contexto discursivo. As diferenças teóricas, aqui postuladas, fazem com que a concepção de língua seja distinta, principalmente sobre a relação entre língua, gramática e uso.

No *Curso de linguística geral*, Ferdinand de Saussure (2006 [1916]) propõe uma concepção inovadora de língua, concebendo-a como um sistema complexo e estruturado de signos convencionais. Esses signos, formados pela união arbitrária entre significante e significado, são compartilhados por uma comunidade linguística e resultam de um acordo social tácito. O autor ainda destaca que a língua não é criação individual, mas um produto social da faculdade da linguagem, possibilitando a comunicação entre os indivíduos por meio de convenções cognitivamente internalizadas (Saussure, 2006 [1916]).

À vista disso, segundo o autor, o signo é composto por significante (a forma sonora ou gráfica) e significado (o conceito mental associado a essa forma). Esses dois conceitos fazem parte da teorização de Saussure (2006 [1916]) no estudo da linguagem, que os considera como

uma unidade inseparável, entretanto o foco está na relação arbitrária e na diferença entre signos dentro do sistema e não no uso funcional e heterogêneo da comunicação.

Saussure (2006 [1916]) priorizou a língua em detrimento da fala, uma vez que, por ser um sistema regular, podia ser estudada como um objeto científico. A fala, por outro lado, foi considerada pelo autor como um fenômeno individual e subjetivo, o que a torna menos adequada para a investigação científica, do ponto de vista metodológico. Tal perspectiva pressupõe que é a língua – enquanto sistema compartilhado – que sustenta os signos linguísticos e possibilita o funcionamento da comunicação entre os seres humanos.

Essa concepção saussuriana de língua direciona os estudos linguísticos para a forma, ou seja, o autor concebe a língua como um sistema formal de signos, uma estrutura regida por regras internas. Além disso, o mais importante, nessa perspectiva, não é a função comunicativa da linguagem (isto é, seu funcionamento externo ou os efeitos de causa), mas a forma como os elementos linguísticos se organiza e se relaciona.

Saussure (2006 [1916]) propõe a corrente estruturalista para a concepção da língua, ou seja, os estudos desenvolvidos têm como proposta estudar a língua como um sistema de relações diferenciais entre formas, ou seja, os signos só têm valor por oposição a outros signos no sistema, conforme se pode verificar em suas palavras:

Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças sem termos opositivos. Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação. (Saussure, 2006 [1916], p. 139)

Percebe-se nessa passagem que os elementos linguísticos não têm valor por si sós, mas pela diferença em relação a outros elementos. Nesse caso, os signos ganham sentido fazendo oposição a outros signos, ou seja, os elementos (som, forma e ideias) ganham sentido a partir do momento em que são inseridos no sistema linguístico. “A língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema” (Saussure, 2006 [1916], p. 139). O autor esclarece nesse trecho que os elementos linguísticos não possuem existência ou valor anteriores à língua.

Ainda de acordo com a citação, depreende-se que a ideia de instabilidade do signo não é saussuriana, mas sim da perspectiva funcionalista. Nesse sentido, alterações em determinados signos podem desencadear transformações em outros, evidenciando que a língua constitui um sistema dinâmico, com constante reconfiguração, sensível aos contextos de uso e às pressões comunicativas.

Vale destacar também, a partir da passagem, que Saussure (2006 [1916]) considera a língua como algo relacional, ou seja, o que define o signo linguístico é a diferença em relação aos outros signos e não uma qualidade intrínseca de som ou de ideia. Para o autor, a forma (estrutura) é central, enquanto a função ou o uso comunicativo é meramente algo secundário.

O reforço da centralidade na forma considera que a linguagem é vista como uma estrutura fechada e autônoma, em que cada elemento só adquire sentido pela sua posição formal nesse sistema. “O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos” (Saussure, 2006 [1916], p. 139). À vista disso, o autor considera que o funcionamento da língua é explicado prioritariamente por relações internas entre os signos, independentemente dos contextos de uso. A língua é vista, portanto, como um objeto abstrato, relativamente estável, cujo estudo privilegia a descrição sincrônica das regularidades estruturais.

Nesse contexto, o Estruturalismo de Saussure influenciou fortemente áreas como a fonologia, a morfologia e a sintaxe, ao conceber a língua como um sistema autônomo e organizado de relações internas. No entanto essa corrente teórica recebeu diversas críticas por relegar a um plano secundário os aspectos funcionais, sociais e pragmáticos da linguagem, uma vez que não considerava o uso efetivo da língua em contextos reais de comunicação.

Assim como o Estruturalismo, o Gerativismo, corrente linguística que surgiu na década de 1950, também colocou em segundo plano esses aspectos (funcionais, sociais e pragmáticos), ao conceber a linguagem como uma abstração e como um sistema homogêneo. Essa visão formalista da linguagem é representada amplamente pelos estudos gerativistas, que concebem a linguagem como um sistema autônomo de regras mentais, priorizando a estrutura da língua em detrimento de seu uso social. Martelotta e Kenedy (2015, p. 13) enfatizam que o polo formalista se caracteriza “pela tendência de analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais”. Esse posicionamento está de acordo com a ideia de que a língua tem um caráter abstrato e estático, não se relacionando com as vicissitudes do ato comunicativo.

Em resposta ao polo formalista dos estudos da linguagem, a corrente funcionalista considera que língua e fala são inseparáveis, pois o contexto de uso influencia a linguagem bem

como a constituição formativa do indivíduo. Nessa perspectiva, o contexto sociocomunicativo e a experiência linguística dos falantes desempenham papel central na constituição da gramática, que deixa de ser concebida como um sistema fechado e autônomo. A abordagem funcional, para Neves (1997), considera a competência comunicativa do falante:

Por gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso. (Neves, 1997, p. 15)

De acordo com a citação, a gramática é algo intrinsecamente ligado ao uso da língua em contextos reais de comunicação, estando, portanto, a serviço da interação. Essa perspectiva ressalta que o indivíduo não se limita a codificar e decodificar expressões linguísticas, mas as interpreta levando em conta a relação entre locutor e interlocutor. Assim, o uso da língua é orientado por uma dimensão social, na qual as regras gramaticais são mobilizadas em função das intenções comunicativas e do contexto da enunciação.

Segundo Neves (1997), os estudiosos da *Escola Linguística de Praga*⁷ consideravam as frases como unidades comunicativas que “veiculam informações, ao mesmo tempo em que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto linguístico” (Neves, 1997, p. 17). Tal acepção evidencia que o foco principal dessa corrente é o contexto de uso, ou seja, a situação interacional – verbal ou não verbal – em que a informação é transmitida. Nesse sentido, a linguagem é compreendida como uma prática social, em que os elementos linguísticos se organizam de acordo com sua função comunicativa e sua inserção no contexto discursivo.

O Funcionalismo surgiu no período em que o Estruturalismo estava vigente, porém os linguistas não concordavam com alguns pressupostos teóricos dessa corrente originária. Não concordavam com a dicotomia entre sincronia e diacronia nem com a ideia da homogeneidade do sistema linguístico. Suas análises levavam em consideração os contextos pragmáticos e discursivos, partindo do pressuposto de que a organização sintática das cláusulas é motivada por fatores comunicacionais.

A linguística estrutural desencadeou uma tendência formalista nos estudos norte-americanos, que se enraizou com Leonard Bloomfield e se mantém atualmente com o Gerativismo. No entanto foi se desenvolvendo concomitantemente, paralela a essa teoria, a

⁷ “Designação que se dá a um grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930 para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística” (Neves, 1997, p. 17).

tendência funcionalista, pela influência dos trabalhos de Franz Boas, Edward Sapir e Benjamim Lee Whorf (cf. Furtado da Cunha, 2011).

Mesmo diante do predomínio das teorias formais, Dwight Bolinger (1968) já chamava a atenção para os fatores pragmáticos que atuavam em determinados fenômenos linguísticos estudados pelos formalistas (cf. Furtado da Cunha, 2011). Esse autor contribuiu de forma significativa com os estudos funcionalistas e, de maneira mais pontual, com a pragmática da ordenação das palavras na cláusula.

Assim sendo, esta subseção teve como objetivo analisar previamente as concepções de língua associadas ao polo formalista e ao polo funcionalista, destacando as principais contribuições teóricas de cada vertente e demarcando suas diferentes inclinações analíticas. Buscou-se, ainda, situar as concepções acerca das correntes estruturalista, funcionalista e gerativista, de modo a evidenciar os pressupostos teóricos a partir dos quais cada uma delas explica o funcionamento da língua. Na seção a seguir são dispostas contribuições a respeito do Funcionalismo linguístico de vertente norte-americana.

3.2 O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO

A Linguística Funcional de vertente norte-americana constitui uma das principais correntes teóricas que buscam explicar o funcionamento da língua a partir de seu uso efetivo em contextos reais de comunicação. A fim de demarcar esse caráter dinâmico das análises funcionalistas, Bybee (2010) recorre a uma metáfora elucidativa que enfatiza a variabilidade nos contextos reais de uso ao destacar que “as dunas de areia apresentam regularidades aparentes de forma e estrutura, mas também exibem variações consideráveis entre os exemplares individuais, bem como gradações e mudanças ao longo do tempo”⁸ (Bybee, 2010, p. 1). A autora chama atenção para o caráter funcional e dinâmico da língua, destacando que, embora existam regularidades formais e estruturais, elas também podem emergir do uso recorrente em contextos comunicativos diversos. Com relação à variação, citada pela autora, pode-se depreender que variação e mudança são inerentes ao sistema linguístico.

O Funcionalismo linguístico se caracteriza, de modo geral, pela centralidade atribuída ao uso real da língua em suas análises. No entanto, enquanto modelo teórico, o Funcionalismo não se apresenta de forma homogênea, uma vez que abrange diferentes vertentes de

⁸ Do original: “Sand dunes have apparent regularities of shape and structure, yet they also exhibit considerable variation among individual instances, as well as gradience and change over time” (Bybee, 2010, p. 1, tradução nossa).

investigação, tais como o Funcionalismo Europeu, o Funcionalismo Norte-americano, a Linguística Cognitivo-funcional e a Gramática Sistêmica Funcional, entre outras.

Nessa perspectiva, tais abordagens revelam-se heterogêneas, sobretudo porque seus focos de análise se diferenciam, dando ênfase a categorias específicas do funcionamento linguístico. Diante disso, a presente pesquisa filia-se especificamente ao Funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, alinhando aos pressupostos teóricos propostos por Furtado da Cunha e Tavares (2016), Martelotta e Kenedy (2015), Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015), Bybee (2010), Hopper e Traugott (2003 [1993]), entre outros autores.

Diferentemente das abordagens formalistas, que privilegiam a descrição abstrata e autônoma da estrutura linguística, o Funcionalismo parte do princípio de que a forma linguística é motivada por fatores comunicativos, cognitivos e sociais. À vista disso, vale salientar que “a linguística norte-americana foi dominada por uma tendência formalista, que se enraizou com Leonard Bloomfield e se mantém presente até hoje por meio da Linguística Gerativa” (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 15). Os autores também destacam que linguistas como Lakoff e Johnson (1980) e Langacker (2009), ao criticarem os pressupostos teóricos do Gerativismo, propuseram modelos alternativos, como a Gramática Cognitiva e a Linguística Cognitiva, aproximando-se de uma concepção de linguagem sensível ao uso, à experiência e à cognição.

No Funcionalismo, as estruturas gramaticais não são concebidas como entidades estáticas, mas como resultados de pressões funcionais decorrentes do uso recorrente da língua pelos falantes. Nesse sentido, Furtado da Cunha (2011) enfatiza que os funcionalistas compreendem a linguagem a partir da interação social, alinhando-se a vertentes que partem da relação intrínseca entre língua e sociedade. Além disso, segundo a autora, “seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua” (Furtado da Cunha, 2011, p. 157). Sob esse viés, as regularidades observadas na interação social entre falantes constituem um dos principais objetos de investigação do Funcionalismo. A título de exemplificação, a autora apresenta os seguintes dados, que evidenciam o uso real da língua em contexto interacional:

(11) Você é desonesto.

(12) Desonesto é você.⁹

⁹ Exemplo extraído de Furtado da Cunha (2011, p. 157).

A partir desses exemplos, Furtado da Cunha (2011) diz que a formulação da réplica em (12) só se torna possível em função da enunciação anterior em (11), isto é, a resposta ocorre como reação direta ao enunciado inicial. Com isso, evidencia-se que a organização linguística não pode ser dissociada do contexto discursivo em que se insere, o que ilustra de maneira clara a perspectiva funcionalista de análise, centrada na língua em uso e nas motivações comunicativas que orientam a escolha das formas linguísticas.

Nessa perspectiva, a língua é entendida como um sistema dinâmico e adaptativo, em constante mudança, moldado pelas necessidades comunicativas dos usuários. Sob essa ótica, “as línguas não têm finalidade em si mesmas, os humanos as desenvolveram para promover a comunicação entre eles” (Martelotta, 2011, p. 27). O autor chama atenção para o caráter adaptativo das línguas, que se modificam ao longo do tempo em respostas às pressões cognitivas, sociais e comunicativas exercidas pelos falantes.

Autores como Hopper e Traugott (2003 [1993]) e Bybee (2010) defendem que fenômenos gramaticais devem ser analisados à luz de sua emergência no discurso, considerando-se fatores como frequência de uso, inferência pragmática, processamento cognitivo e organização textual. Com base nos autores, pode-se depreender que as categorias gramaticais não são entendidas como unidades fixas, mas como construções que se formam gradualmente no uso da língua. Além disso, podem variar conforme o contexto e se modificar ao longo do tempo, em decorrência de processos de mudança linguística, como a gramaticalização.

Um dos pressupostos centrais do Funcionalismo norte-americano é a relação intrínseca entre discurso e gramática. Oliveira (2011) aponta que, no interior das abordagens funcionalistas, as descrições gramaticais passam a considerar de forma central os padrões de uso recorrentes na língua. Nesse contexto, a autora ressalta que “cresce em importância a analogia, uma vez que a relevância da estruturação gramatical destaca o viés da regularização e da sistematização dos usos linguísticos e que analogizar é também renovar e mudar, e não mera repetição formal” (Oliveira, 2011, p. 38). À vista disso, analogizar não é repetir formas já existentes, mas também é renovar e promover mudanças na língua. Essa concepção, segundo Oliveira (2011), distancia-se da perspectiva defendida por Meillet (1958 [1912]), para quem a analogia era vista como a reprodução mecânica de um padrão linguístico previamente estabelecido na comunidade.

Para essa abordagem, a gramática emerge do discurso, ou seja, padrões recorrentes de uso discursivo tendem a se convencionalizar e a integrar o sistema gramatical da língua. Hopper (1987) sintetiza essa concepção ao propor a noção de gramática emergente, segundo a qual a

estrutura gramatical não é fixa, mas está sempre em processo de construção e reorganização. Além disso, essa concepção mostra-se bastante produtiva para a análise de fenômenos de mudança linguística, em especial a gramaticalização.

De acordo com Furtado da Cunha e Tavares (2016), a gramática emergente não abriga apenas palavras ou construções tradicionalmente consideradas centrais no âmbito gramatical. Também pode abrigar “porções linguísticas recorrentes, como expressões idiomáticas, provérbios, clichês, fórmulas, sintagmas especializados, transições, aberturas, fechamentos” (Furtado da Cunha; Tavares, 2016, p. 19). Tais elementos passam a integrar a gramática em função de seu uso reiterado em contextos específicos de interação, sendo moldados por pressões discursivas e comunicativas.

Hopper (1987) enfatiza que a gramática “deve ser vista como um fenômeno social em tempo real e, portanto, é temporal; sua estrutura está sempre sendo adiada, sempre em processo, mas nunca chegando, e, portanto, emergente”¹⁰ (Hopper, 1987, p. 141). A visão do autor rompe com a visão de gramática como um sistema fechado e estável ao compreender as estruturas gramaticais como resultados provisórios de práticas discursivas recorrentes. Assim, a gramática não é concebida como um produto acabado, mas como um processo em constante formação, moldada pelo uso efetivo da língua em interação social, reforçando o caráter dinâmico e adaptativo defendido pelo Funcionalismo norte-americano.

As concepções teóricas acerca da abordagem funcional levam em consideração a competência comunicativa do falante. Sobre isso, Neves (1997, p. 15) assinala que a gramática funcional compreende essa competência como “a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória”. Sob essa ótica, essa perspectiva desloca o foco exclusivo da estrutura linguística para o uso efetivo da língua na interação verbal, o que implica reconhecer a relevância de fatores pragmáticos e discursivos na organização sintático-semântica do modelo linguístico.

Por fim, diante do contexto teórico apresentado, é fundamental frisar que a abordagem funcionalista compreende a gramaticalização como um processo fortemente motivado pelo uso linguístico. Nessa perspectiva, a recorrência de determinadas formas bem como os contextos discursivo-pragmáticos em que são instanciadas desempenham papel central na explicação do

¹⁰ Do original: “I believe the same is true of grammar, which like speech itself must be viewed as a real-time, social phenomenon, and therefore is temporal; its structure is always deferred, always in a process but never arriving, and therefore emergent” (Hopper, 1987, p. 141, tradução nossa).

fenômeno da mudança linguística. Na subseção a seguir são tecidas considerações acerca do processo de gramaticalização.

3.3 A GRAMATICALIZAÇÃO

No âmbito dos estudos funcionalistas, a gramaticalização constitui um dos fenômenos centrais para a compreensão da mudança linguística. Para Hopper e Traugott (2003 [1993]), a gramaticalização é o estudo de formas gramaticais, tomadas não como objetos estáticos, mas como entidades em constante mudança. De acordo com os autores, a gramaticalização é compreendida como um processo gradual por meio do qual itens lexicais ou construções menos gramaticais passam a assumir funções mais gramaticais, frequentemente acompanhadas de mudanças semânticas, sintáticas e pragmáticas.

Por ser a gramaticalização um fenômeno em que itens originalmente lexicais passam a desempenhar funções gramaticais, trata-se, portanto, de um processo de mudança linguística caracteristicamente unidirecional. Nesse percurso, conforme destaca Martelotta (2011), os itens lexicais deixam gradativamente de operar no nível representacional, isto é, de fazer referência direta a entidades, eventos ou estados do mundo biossocial, e passam a atuar no nível interpessoal. Nesse novo contexto, assumem valores processuais e discursivos, relacionados à maneira como o falante organiza e constrói sua maneira de falar no contexto específico de interação. Assim, a gramaticalização implica não apenas em uma mudança formal ou categorial, mas sobretudo uma reconfiguração funcional orientada pelas necessidades comunicativas dos falantes.

A gramaticalização se encaixa em um dos principais processos de mudança linguística observados nas línguas humanas. Considerando que o sistema linguístico está em permanente renovação, tais mudanças podem ser identificadas, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes (Gonçalves et al., 2007). Essa concepção articula-se diretamente à noção de gramática emergente estabelecida por Hopper (1987), segundo a qual a gramática não é um sistema fechado e estático. Essa perspectiva é amplamente compartilhada por pesquisadores vinculados ao Funcionalismo linguístico, especialmente no âmbito da vertente norte-americana (Martelotta; Votre; Cezario, 1996; Hopper; Traugott, 2003 [1993]; Gonçalves et al., 2007).

Ainda de acordo com a concepção de gramática emergente, Hopper (1987) reforça essa visão processual da gramaticalização, enfatizando que as categorias gramaticais não são entidades plenamente cristalizadas, mas estruturas em constante formação, que emergem do

uso discursivo. Nesse sentido, compreende-se que a gramaticalização é concebida como um processo aberto, no qual diferentes estágios podem coexistir sincronicamente, evidenciando a natureza gradual da mudança linguística.

De acordo com Hopper e Traugott (2003 [1993]), a gramaticalização pode ser entendida como o desenvolvimento histórico de formas linguísticas motivado por contextos recorrentes de uso, nos quais ocorrem processos como reanálise, extensão funcional e aumento de abstração semântica. Para os autores, esse fenômeno não acontece de maneira abrupta, mas gradativa, sendo marcada por estágios em que coexistem usos mais lexicais e usos mais gramaticais de uma mesma forma.

Em relação aos elementos lexicais, compreende-se que estes designam entidades, ações e qualidades. Já os elementos gramaticais têm como função organizar o léxico no discurso, uma vez que “ligam partes do texto, identificam partes do texto já mencionadas ou por mencionar, marcam estratégias interativas, expressam noções gramaticais como, por exemplo, tempo aspecto e modo” (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 24). Nesse sentido, o domínio gramatical desempenha papel fundamental na construção da coerência discursiva e na interação entre os falantes.

Na perspectiva funcionalista, a distinção entre léxico e gramática não é concebida de forma rígida, mas como um contínuo. Para Martelotta, Votre e Cezario (1996), os itens lexicais e os itens gramaticais diferenciam-se, sobretudo, em termos de grau de abstração e de função discursiva, e não por pertencerem a domínios estanques do sistema linguístico. Assim, léxico e gramática não se opõem de maneira dicotômica, mas constituem polos de um mesmo *continuum* funcional, no interior do qual se situam os diferentes estágios de mudança linguística, como é o caso da construção *quer dizer*.

Um aspecto relevante no estudo da gramaticalização diz respeito à relação entre analogia, reanálise e mudança linguística. Gonçalves et al. (2007, p. 49) definem a analogia como o processo que “se refere à atração de formas preexistentes por outras construções também já existentes no sistema e envolve inovações ao longo do eixo paradigmático”. Nessa perspectiva, a mudança por analogia não implica a criação de novas categorias gramaticais, mas a ampliação ou a extensão de padrões já disponíveis no sistema linguístico.

No que concerne à reanálise, os autores assinalam que constitui um processo independente da gramaticalização, uma vez que “nem sempre, ao se instanciar a reanálise, uma categoria lexical muda para gramatical ou amplia um status gramatical preexistente” (Gonçalves et al., 2007, p. 50). Assim, embora a reanálise e a analogia possam resultar em mudanças categoriais, tais processos não definem a gramaticalização. Esta se caracteriza, de

modo mais amplo, por um conjunto de mudanças graduais que envolvem deslocamentos semântico-funcionais, sintáticos e discursivos.

A gramaticalização, como visto anteriormente, está associada à extensão de usos gramaticais a partir de formas originalmente lexicais, sendo frequentemente acompanhada por processos de reanálise. É o que se observa, por exemplo, no comportamento do verbo *estar*, em suas realizações *está/tá*, conforme discutido por Silva (2021).

- (13) Por onde você entrava você tinha que sair, você entrava pela, pela BR trezentos e vinte e quatro, voltava pra, pra ir pra, pela BR trezentos e vinte e quatro, hoje não, você aí, qualquer lugar você vai, *está aqui* agora, eu vou pra, pra não sei aonde, entro num beco desses aí e vai pro Rio Vermelho, vai pra Pituba, vai pra onde você quiser, então a Bahia progrediu muito. (PEPP, Inq. 34, homem, 66 anos, fundamental, p. 313)
- (14) Menina é porque, às vezes K... por exemplo estuda junto com o namorado engana a faculdade a manhã toda, vem junto no carro, quando chega aqui, meia hora que ela *tá em casa* quer levar uma hora no telefone, ah não, e tem celular ele, tem celular ele, digo não, aí eu dou cada grito. (PEPP, Inq. 17, mulher, 53 anos, médio, p. 292)¹¹

Nos exemplos (13) e (14) *está/tá* atua como verbo pleno, com valor locativo, indicando a posição espacial do sujeito no discurso. Nesses casos, o verbo mantém propriedades semânticas e sintáticas típicas de sua categoria lexical, expressando localização física no espaço. Nos exemplos a seguir vê-se a atuação do verbo *estar/tá* como verbo de ligação:

- (15) Não é não, brincadeira de agora *está* mais pesada, brincadeira de hoje em diante agora é, qualquer coisinha tem que ter uma briga, as brincadeiras de antes não, a gente aguentava, agora os meninos estão chegando agora tudo é briga (PEPP, Inq. 18, homem, 23 anos, fundamental, p. 83)
- (16) Pegar uma bronquite?”, quer dizer falta de inteligência, né? Muita, muita, muita, então hoje em dia pode estar acontecendo ainda por isso, pode estar acontecendo ainda por isso, que as crianças são muito rebeldes hoje, eu acho, os jovens muito rebeldes, e quando a gente fala, “menina não faça isso, *tá* com as pernas inchadas, não coma sal”, “ah! Sou vocês que tem pressão alta, sou jovem” [...] (PEPP, Inq. 17, mulher, 53 anos, médio, p. 274)

Diferentemente dos exemplos (13) e (14), em (15) e (16) o verbo *está/tá* passa a funcionar como verbo de ligação, estabelecendo uma relação entre o sujeito e um predicativo que lhe atribui uma característica. Conforme observa Silva (2021), nesses contextos o verbo

¹¹ Exemplos extraídos de Silva (2021, p. 108).

não expressa mais localização, mas desempenha a função de relacionar uma propriedade aos sujeitos das sentenças (*brincadeira de agora; você*, implícito).

Essa mudança evidencia um processo de reanálise categorial, uma vez que o verbo deixa de operar como verbo pleno e passa a integrar construções de natureza mais abstrata. Trata-se, portanto, de um exemplo de mudança funcional motivada pelo uso, que pode integrar trajetórias mais amplas de gramaticalização, embora a reanálise, por si só, não seja suficiente para caracterizá-la plenamente. Exemplos como esses ilustram, assim, como alterações graduais no funcionamento de formas linguísticas emergem do uso recorrente em contextos discursivos específicos.

Somado a isso, Bybee (2010) destaca que a recorrência de determinadas construções em contextos semelhantes contribui para a fixação de novos valores funcionais, favorecendo o desbotamento semântico (*semantic bleaching*) e a maior integração sintática dessas formas. Assim, a mudança gramatical não é vista como um fenômeno autônomo do sistema, mas como resultado direto das práticas comunicativas dos falantes.

Ainda de acordo com Bybee (2010), a gramaticalização está intimamente relacionada ao uso frequente das formas linguísticas em contextos específicos. Para a autora, a repetição recorrente de determinadas sequências favorece processos cognitivos como o *chunking*, fazendo com que formas originalmente composicionais passem a ser armazenadas e processadas como unidades. Esse processo acarreta, frequentemente, mudanças semânticas graduais, em que significados mais concretos e específicos dão lugar a valores mais abstratos. Além disso, a autora destaca que a frequência de uso contribui para a extensão funcional das construções, permitindo que passem a atuar em novos contextos discursivos, o que evidencia seu caráter gradual.

À luz dessas contribuições teóricas, a gramaticalização é entendida, nesta pesquisa, como um processo funcionalmente motivado, gradual e sensível às condições de uso, no qual fenômenos semânticos, sintáticos, pragmáticos e discursivos interagem de forma indissociável. Essa abordagem mostra-se especialmente produtiva para a análise da construção *quer dizer*, cujos diferentes usos parecem refletir estágios distintos de gramaticalização, desde valores mais composicionais – quando funcionam como verbo – até funções discursivas altamente abstratas, quando atuam como marcadores discursivos. A seguir são apresentados os princípios de gramaticalização.

3.3.1 Princípios de gramaticalização

Nesta subseção, são abordados os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991), fundamentais para a compreensão dos estágios da mudança linguística. O autor parte da concepção de que a gramática de uma língua é sempre emergente, isto é, encontra-se em constante processo de construção, no qual forma e função se reorganizam a partir do uso ao longo do tempo. Nesse sentido, os princípios formulados por Hopper (1991) buscam identificar tendências e indícios de mudança em curso. Assim, tais princípios funcionam como ferramentas analíticas que permitem refinar a investigação dos processos de gramaticalização, ao evidenciar como novas funções gramaticais vão sendo progressivamente instauradas na língua.

Para descrever esse percurso, Hopper (1991) propõe um conjunto de princípios que auxiliam na identificação e na compreensão de construções em processo de gramaticalização, a saber: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. É importante apontar que esses princípios não devem ser entendidos como estágios rígidos, mas como tendências observáveis em diferentes momentos do processo de mudança linguística.

O princípio de estratificação estabelece que, no processo de gramaticalização, novas formas e funções surgem e passam a coexistir com camadas mais antigas dentro de um mesmo domínio funcional. Assim, o aparecimento de novas formas gramaticais não implica, necessariamente, a eliminação ou substituição de formas preexistentes. Ao contrário, formas antigas e novas podem coexistir simultaneamente, desempenhando funções semelhantes ou parcialmente sobrepostas. Dal Mago (2001) apresenta alguns exemplos de outros elementos discursivos que poderiam ser substituídos por *quer dizer*:

- (17) [...] Ficou o do coitado, e eu não tinha, mas coitado que tinha lá. É como eu já tinha falado anteriormente; quem tinha lá cento e cinquenta mil cruzeiros, quer dizer, foi confiscado. Ficou só com cem, **aliás**, ficou só com cinquenta, os cem o governo diz que dá daqui a dezoito meses. (FLP02, L361)
- (18) Ele, o profeta Zacarias, né? diz que toda - diz que toda a Terra, em todo o nosso planeta, né? duas partes da humanidade perecerão, **ou seja**, morrerão, né? E Deus acrescenta, né? [...] (P0A17, L893)
- (19) Olha, eu acho que marcou mesmo, eu acho que não houve grande coisa assim, porque uma vida normal e, eu sempre era uma pessoa muito calma e tudo, né? não me metia em conflitos, nem em complicação, nem nada, então, não tem muita coisa, uma coisa, (hesitação) (pausa) **vamos dizer**, (pausa) (hesitação) não sei nem como dizer, mas uma coisa que eu sempre sentia muito, por exemplo, é (hesitação) lá do

- **vamos dizer** da religião de Deus, e coisa assim, isso sempre na minha vida toda, né? eu sinto isso, né? (BLU07, L753-756)¹²

Nesse sentido, Dal Mago (2001) evidencia que a construção *quer dizer* passa a integrar o conjunto de elementos discursivos que atuam na retificação de conteúdo, como é o caso do *aliás* no exemplo (17). Em (18), *ou seja* desempenha a função esclarecedora com relação à informação anterior. E em (19) a primeira menção de *vamos dizer* desempenha a função de marcador discursivo e a segunda de retificação. Esses dados ilustram de modo claro o princípio de estratificação, na medida em que diferentes formas – antigas e novas – coexistem no sistema linguístico, desempenhando funções discursivas próximas ou parcialmente sobrepostas, sem que haja eliminação imediata das camadas anteriores.

O princípio da divergência diz respeito ao fato de que uma mesma forma pode seguir caminhos distintos no sistema linguístico. Uma construção gramaticalizada pode se afastar semanticamente de sua origem lexical, ao mesmo tempo em que a forma original permanece ativa com seus sentidos mais concretos. Nesse sentido, a gramaticalização não implica o desaparecimento do item lexical de base, mas a ampliação de seus usos e funções.

Carneiro (2006) demonstra que a construção *quer dizer* se ajusta ao princípio da divergência, proposto por Hopper (1991), segundo o qual uma mesma forma pode dar origem a usos distintos ao longo do processo de gramaticalização, sem que esses usos se excluam mutuamente. Nesse sentido, embora *quer dizer* preserve seu significado pleno, observa-se uma divergência funcional, passando a atuar como construção verbal com valor de ‘significa’, como conector textual e como marcador discursivo. Esses diferentes empregos, atestados nos dados desta pesquisa, evidenciam que uma única forma pode seguir trajetórias funcionais diversas, confirmando, assim, a coexistência de funções antigas e novas no sistema linguístico.

O princípio da especialização aponta para a restrição funcional progressiva das formas gramaticalizadas. Ao longo do tempo, determinadas construções tendem a se fixar em contextos específicos de uso, tornando-se mais frequentes em certas funções e menos produtivas em outras. Esse processo contribui para o fortalecimento de valores gramaticais ou discursivos mais abstratos, frequentemente associados à organização textual e à interação.

Em Gonçalves e Carvalho (2007), observa-se um exemplo do princípio da especialização a partir da análise do uso de *a gente* em quase todas as posições sintáticas – sujeito, complemento, adjunto adverbial e adjunto adnominal –, sendo a posição de sujeito a preferencial dos falantes. Os autores evidenciam que essa forma vem se especializando no

¹² Exemplos extraídos de Dal Mago (2001, p. 43).

sistema do português brasileiro, sendo preferida por crianças e adultos em detrimento do pronome pessoal *nós*. Um dos argumentos apresentados pelos autores diz respeito à preferência de falantes com maior escolaridade pelo uso do *a gente*, uma vez que essa forma permite evitar possíveis desvios de concordância verbal na primeira pessoa do plural. Em diversas variedades do português brasileiro, o pronome *nós* pode ocorrer com flexão verbal de terceira pessoa, o que gera estigmatização. Assim, *a gente* passa a ocupar de maneira mais estável e especializada o domínio funcional da referência à primeira pessoa do plural, exemplificando como determinadas formas se fixam em funções específicas dentro do sistema linguístico.

O princípio da persistência indica que traços semânticos da forma lexical original podem permanecer, ainda que de maneira esmaecida, nos usos mais gramaticalizados. Mesmo quando uma construção assume funções altamente abstratas, vestígios de seu significado fonte podem influenciar sua distribuição e interpretação nos contextos discursivos. Dessa forma, Gonçalves e Carvalho (2007, p. 83) salientam que esse princípio “prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada”. Os autores explicam que, ainda tomando por base a forma *a gente*, a ideia de coletividade do substantivo *gente* se mantém na forma gramaticalizada *a gente*.

Por fim, o princípio da decategorização refere-se à perda gradual de propriedades morfossintáticas típicas das categorias lexicais plenas. À medida que uma forma se gramaticaliza, há a tendência de apresentar menor autonomia sintática, redução de possibilidades flexionais e maior dependência de outros elementos da estrutura oracional. Gonçalves e Carvalho (2007) destacam que há uma tendência, nos processos de gramaticalização, de as formas em mudança linguística apresentarem neutralização de marcas morfológicas e sintáticas. Nesse percurso, formas plenas, como nomes e verbos, passam gradativamente a perder propriedades plenas e passam a assumir atributos de categorias mais gramaticalizadas, tais como advérbios, pronomes, preposições, clíticos, afixos, podendo, em estágios mais avançados, chegar a zero. Esse enfraquecimento evidencia o deslocamento funcional das formas, constituindo, assim, o processo de gramaticalização.

A decategorização também é evidenciada no estudo de Carneiro (2006), que demonstra a perda progressiva de propriedades categoriais da construção *quer dizer*. Segundo o autor, à medida que essa construção se afasta de seus usos verbais plenos – seja verbo modal + *dicendi*, seja com valor de ‘significa’ – passam a ser neutralizadas marcas típicas da categoria verbal, como a flexão e a regência. Tal deslocamento funcional evidencia o processo de

decategorização, entendido, nos termos da gramaticalização, como a perda gradual de traços morfossintáticos da categoria de origem em favor de funções mais abstratas e discursivas.

À vista disso, esses princípios oferecem um instrumental teórico fundamental para a análise da construção *quer dizer*, uma vez que permitem observar como os usos lexicais dos verbos *querer* e *dizer* convivem com funções mais abstratas, como o uso como valor de ‘significa’, como conector textual e como marcador discursivo, evidenciando, assim, um processo de gramaticalização em curso nas diferentes variedades do português examinadas nesta pesquisa. A seguir apresenta-se o princípio teórico da unidirecionalidade.

3.3.2 A unidirecionalidade

Como citado brevemente na subseção 3.3, um dos princípios mais recorrentes nos estudos sobre gramaticalização é o da unidirecionalidade, segundo o qual as mudanças linguísticas tendem a ocorrer do léxico para gramática e não no sentido inverso (Martelotta, Votre; Cezario, 1996). Esse princípio postula que itens lexicais, ao longo do tempo, passam a assumir funções cada vez mais gramaticais, tornando-se progressivamente menos concretos e mais abstratos.

Martelotta, Votre e Cezario (1996), com base em Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), defendem que o processo metafórico envolvido na gramaticalização é unidirecional, isto é, segue uma direção preferencial e não reversível. Nesse sentido, os autores propõem uma escala de abstração crescente, a saber: Pessoa > Objeto > Atividade > Espaço > Tempo > Qualidade. Segundo essa perspectiva, os elementos localizados à esquerda da escala tendem a ser utilizados para conceptualizar aqueles que se encontram à direita, o que evidencia uma progressão do mais concreto para o mais abstrato. Ainda de acordo com os autores,

Palavras que designam, por exemplo, partes do corpo (*braço*) passam a designar objetos (*braço* da cadeira) ou qualificações (ele é meu *braço* direito), ou palavras referentes a noções espaciais (*atrás* da casa) passam a expressar noções temporais (dois anos *atrás*) ou qualificações (ele é *atrasado*). (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 27)

Esses exemplos ilustram que a unidirecionalidade da gramaticalização não implica rigidez absoluta, mas aponta para algumas tendências cognitivas nas quais o significado avança em direção a níveis mais abstratos e menos referencialmente concretos. Esse princípio é fundamental para compreender como itens lexicais, ao longo do tempo, passam a desempenhar funções gramaticais e discursivas.

De acordo com Hopper e Traugott (2003 [1993]), a unidirecionalidade não deve ser compreendida como uma regra absoluta, mas como uma tendência recorrente observadas nas línguas naturais. Assim, verbos plenos, nomes e expressões lexicais tendem a desenvolver funções gramaticais, como conectores textuais e marcadores discursivos, em decorrência do uso frequente em contextos específicos de interação.

Martelotta (2011) salienta que a gramaticalização é, geralmente, concebida como um processo unidirecional, no qual itens lexicais tendem a assumir funções gramaticais ao longo do tempo. Embora alguns autores apontem a existência de mudanças em direção inversa – da gramática para o léxico – tais casos são frequentemente tratados como exceções. Isso se deve ao fato de que as evidências empíricas que sustentam a trajetória do léxico para a gramática são significativamente mais numerosas e recorrentes nas línguas naturais.

No caso da construção *quer dizer*, observa-se claramente essa trajetória unidirecional. Parte-se de um uso composicional, em que *querer* atua como verbo modal e *dizer* como verbo *dicendi*, com sentido pleno de enunciação, para usos em que a construção passa a expressar a função de ‘significa’. Em estágios mais avançados de gramaticalização, *quer dizer* assume funções de conector textual – esclarecedor, retificador/ressalva, exemplificador, conclusivo – e marcador discursivo, afastando-se progressivamente de seu sentido verbal original.

Essa trajetória confirma a tendência unidirecional, uma vez que não se observam movimentos acerca da construção *quer dizer* no sentido inverso, isto é, usos discursivos de *quer dizer* retornando a um estatuto plenamente lexical. Por outro lado, os dados indicam um avanço gradual em direção à gramaticalização, fortemente motivado pela frequência de uso e pelos contextos interacionais em que a construção é empregada.

Dessa forma, a unidirecionalidade constitui um princípio fundamental para compreender o percurso de gramaticalização de *quer dizer* nas variedades do português aqui analisadas, evidenciando como o uso reiterado em contextos discursivos específicos impulsiona a mudança linguística e a emergência de novas funções gramaticais.

3.3.3 Gramaticalização de formas/construções verbais

A gramaticalização de formas e construções verbais constitui um dos domínios mais produtivos de investigação no âmbito dos estudos funcionalistas. Verbos, por sua natureza semântica relacional e por sua alta frequência de uso, configuram-se como candidatos privilegiados a processos de mudança linguística, frequentemente assumindo novas funções gramaticais e discursivas ao longo do tempo. Nesse percurso, formas originalmente plenas, com

conteúdo lexical mais concreto, passam a desempenhar funções mais abstratas e interacionais no discurso (Martelotta; Votre; Cezario, 1996; Hopper; Traugott, 2003 [1993]; Gonçalves et al., 2007; Martelotta, 2011, dentre outros).

De acordo com a concepção apresentada, a gramaticalização de formas e construções verbais constitui um processo de mudança linguística que implica a alteração de seu estatuto categorial. Nesse sentido, Rodrigues (2006), ao dialogar com as propostas de Castilho (2002) e Longo e Campos (2002), destaca que esses autores defendem que a presença de material interveniente entre os verbos de uma perífrase verbal indicaria um baixo grau de gramaticalização. Para essa perspectiva, quanto mais indissociável for o conjunto formado pelo verbo auxiliar e pelo verbo principal, maior seria o grau de gramaticalização da construção.

Entretanto Rodrigues (2006) problematiza esse critério ao analisá-lo à luz das construções do tipo *foi fez*, doravante CFFs. Segundo a autora, a adoção dessa concepção levaria à conclusão de que tais construções apresentam um baixo grau de gramaticalização sempre que há material interveniente, o que não se confirma empiricamente. Em seus dados, a presença de elementos intervenientes entre os verbos não impede a consolidação de funções gramaticais ou discursivas nem compromete o grau de gramaticalização da construção. Assim, a autora demonstra que a linearidade estrita e a ausência de intervenientes não podem ser tomadas como critérios absolutos para aferir o estágio de gramaticalização de construções verbais.

À vista disso, a pesquisa desenvolvida por Rodrigues (2006) investigou as CFFs na modalidade falada do português brasileiro, evidenciando a existência de regularidades tanto em suas propriedades sintáticas quanto em suas funções discursivas. Com isso, a autora argumenta que as CFFs não constituem sequências aleatórias, mas apresentam padrões estruturais recorrentes associados a usos pragmático-discursivos específicos. De acordo com Rodrigues (2006, p. 39, grifos da autora), “as CFFs formam-se a partir de uma sequência mínima de dois verbos, V1 e V2, em que V1 e V2 partilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais. V1 é quase sempre um dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar* e V2 é relativamente livre”. A autora acrescenta ainda que os verbos V1 e V2 podem estar ligados pela conjunção *e* ou ocorrer justapostos, como se observa, respectivamente, nos dados a seguir:

- (20) a. [...] Meu pai está no trabalho, minha me fica estudando negócio aí da Jafra, que ela está fazendo, minha irmã fica com o namorado dela, eu vou ficar olhando assim; ***eu vou e desço***. Eu e meu irmão fica jogando pingue-pongue.
- b. Chega lá, você não- você não entende, não fala castelhano, fica o rádio falando castelhano, como é?- “Ih, mas é mesmo! Aí, não quero não”. (rindo) ***chegou e***

devolveu o rádio. (risos) Essa é uma, essa é uma das. (risos) e aí, por aí a fora, não é?

c. [...] Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal- falei: “Ah! Mas não vou continuar não, porque não vai dar”. Aí, *eu peguei e saí do coisa*. Aí, continuou a amizade e tal, mas, aí, *eu peguei e saí*.

(21) a. [...] Antes de ser a rainha do carnaval, falei: “Pô, Margarida, até que é uma boa, vou entrar”. E na época a Gretchen usava aqueles shortezinho bem entrando lá mesmo, não é? Aí *eu peguei falei*: “Tudo bem. Eu vou entrar”. Aí, *minha mãe foi fez um short para mim* de cetim branco, um collant azul, sandália alta, não é?

b. Ele se mantém também tem um (inint), ele está com trinta e poucos ano, mas mantém a forma. Porque, senão, *a pessoa chega começa a ficar barriguda*.

c. Eu não estou conhecendo a voz mesmo. Eu disse: “olha, vou desligar, hein? Até amanhã.” *Ele pegou deu uma gargalhada*. eu disse: “espera aí, fala outra vez.” Aí ele falou, eu disse: “bandido, você me acordando agora e tal”. (riso).¹³

Os dados apresentados por Rodrigues (2006) permitem exemplificar de modo consistente o funcionamento das CFFs. A partir da análise do *corpus*, a autora chega a algumas conclusões relevantes: (i) as construções em que V1 e V2 ocorrem sem a conjunção *e* mostraram-se mais frequentes do que aquelas em que a conjunção está presente; (ii) os verbos *ir* e *pegar* tendem a ocorrer com maior frequência nos contextos sem a conjunção *e*; e (iii) o verbo *ir* apresenta maior recorrência nos contextos com a conjunção *e*, em comparação com os demais verbos analisados.

Algo relevante a ser destacado é que, segundo Rodrigues (2006), o resultado do processo de mudança linguística que culminou na CFFs no português brasileiro não pode ser plenamente explicado a partir do *continuum* tradicionalmente empregado nos estudos de gramaticalização, a saber: item lexical > item gramatical ou item gramatical > item mais gramatical. Para a autora, esse modelo não dá conta de explicar de forma satisfatória a natureza das CFFs, uma vez que tais construções não se enquadram de forma linear nesse percurso.

Como discutido na subseção dedicada à unidirecionalidade, esse princípio constitui uma tendência robusta nos estudos de gramaticalização, dado o grande número de ocorrências em que formas lexicais evoluem para formas gramaticais. No entanto esse princípio não deve ser tomado como absoluto. Conforme atestado por Rodrigues (2006), há fenômenos de mudança linguística que não seguem rigidamente essa direção, o que reforça a necessidade de abordagens mais flexíveis e sensíveis aos dados empíricos apresentados pela autora.

¹³ Exemplos extraídos de Rodrigues (2006, p. 40).

Com relação ao verbo *ir*, o estudo desenvolvido por Pires et al. (2021) também oferece contribuições relevantes para os estudos sobre gramaticalização. As autoras partem da hipótese de que o verbo *ir* se encontra em um processo de gramaticalização de natureza morfossintática e semântica. Quando passa a funcionar como verbo auxiliar, *ir* integra construções que expressam futuridade, evidenciando uma tendência a configurações cada vez mais analíticas. Nesse percurso, observa-se ainda um processo de dessemantização, em que o verbo perde gradualmente seu sentido lexical pleno associado ao deslocamento espacial, passando a assumir uma função gramatical mais abstrata, ancorada na noção de tempo. A título de exemplificação, o dado a seguir apresenta um contexto ambíguo do verbo *ir*:

(22) “A gente vai viajar” (DFP – PCVC)¹⁴

Segundo Pires et al. (2021), o dado apresentado evidencia uma mudança categorial operada por meio da metaforização, uma vez que coexistem dois sentidos associados ao verbo *ir* no contexto em análise. O primeiro corresponde ao sentido lexical prototípico de deslocamento espacial, enquanto o segundo se refere à expressão de tempo futuro. Nesse cenário, argumenta-se que a recorrência e a convencionalização dos verbos (*ir* + verbo no infinitivo) favorecem o surgimento de uma nova função, na qual *ir* passa a atuar como verbo auxiliar temporal. Como consequência desse processo, observa-se a perda gradual de traços semânticos e sintáticos do verbo *ir* pleno, em favor de uma função mais abstrata e gramaticalizada no uso da língua.

À vista do que foi explicitado, é fundamental apresentar a concepção apresentada por Carvalho (2017), que destaca que formas e construções verbais vêm passando por mudanças categoriais em determinados contextos morfossintáticos. Nesse sentido, a gramaticalização de verbos implica alterações em seu estatuto categorial, fazendo com que deixem de atuar exclusivamente como verbos plenos e passam a desempenhar funções mais abstratas e gramaticais. Ademais, a autora ressalta que o contexto morfossintático exerce papel fundamental na motivação desse processo, uma vez que não apenas exerce a gramaticalização, mas também parece condicionar a forma e os valores funcionais assumidos pela construção gramaticalizada. Na subseção seguinte, passam a ser discutidas algumas contribuições acerca do processo de gramaticalização da construção *quer dizer*.

¹⁴ Exemplo extraído de Pires et al. (2021, p. 7).

3.3.4 A gramaticalização de *quer dizer*

À luz dos pressupostos teóricos apresentados nas subseções anteriores, esta subseção dedica-se à análise do processo de gramaticalização da construção *quer dizer* no português, tomando-a como um caso de mudança linguística orientada pelo uso. Trata-se de uma construção formada, originalmente, pela combinação de dois verbos plenos – *querer* e *dizer* – que, em determinados contextos morfossintáticos e discursivo-pragmáticos, passa a assumir funções progressivamente mais abstratas, afastando-se de seu sentido composicional inicial (Dal Mago, 2001; Görski et al., 2002; Carneiro, 2006; Gonçalves et al., 2007; Severo, 2007; Carvalho; Silva, 2018; Almeida, 2022; Almeida; Carvalho, 2025).

Do ponto de vista funcionalista, a gramaticalização de *quer dizer* pode ser compreendida como resultado da recorrência de usos em contextos interacionais específicos, nos quais a construção deixa de operar estritamente como locução verbal para desempenhar funções discursivo-pragmáticas. O estudo desenvolvido por Almeida (2022), em que foram analisados usos de *quer dizer* nas variedades brasileira e moçambicana, evidenciou que *quer dizer* apresenta um percurso gradual de mudança, que vai desde usos verbais plenos até a forma mais gramaticalizada atestada do *corpus*, correspondente ao uso como marcador discursivo.

Além disso, Almeida (2022) argumenta que o princípio da unidirecionalidade se aplica à construção *quer dizer*, que, em seus estágios iniciais, atuava com o uso pleno, ou seja, *querer* (verbo volitivo) e *dizer* (verbo *dicendi*), expressando, respectivamente, valores de desejo e enunciação. Ao longo do tempo, essa construção passa a assumir a função semântica de ‘significa’, posteriormente amplia seu funcionamento para o domínio textual, atuando como conector, e, em um estágio mais avançado, consolida-se como marcador discursivo. Nesse percurso, *quer dizer* expande progressivamente seu escopo funcional e discursivo, evidenciando um processo de gramaticalização gradual e orientado do léxico para a gramática. Nesse processo, de acordo com Hopper e Traugott (2003 [1993]), tal mudança não ocorre de forma abrupta, mas por meio da coexistência de diferentes camadas funcionais, conforme prevê o princípio da estratificação, que permite que usos verbais convivam simultaneamente no sistema linguístico.

Nesse processo, observa-se a gradual perda de propriedades verbais prototípicas de *quer dizer*, como a seleção argumental plena e a referência semântica concreta, acompanhada do fortalecimento de valores procedurais voltados à organização textual e à interação discursiva (Hopper; Traugott, 2003 [1993]). À vista dessa concepção, é fundamental destacar que a gramaticalização de *quer dizer* “se deu no contexto morfossintático do verbo *querer* no presente

do indicativo e na terceira pessoa do singular, seguido do verbo *dizer* no infinitivo” (Almeida; Carvalho, 2025, p. 251). Os autores ressaltam, assim, a importância do contexto morfossintático nos processos de gramaticalização de verbos, uma vez que é nesses ambientes que novos usos emergem em decorrência das pressões de uso observadas nos contextos de interação.

A partir desse contexto, observa-se que *quer dizer* passa a sofrer um processo gradual de reconfiguração funcional, ampliando sua leitura composicional inicial. Nesse sentido, Gonçalves et al. (2007) propõem três estágios para a trajetória de gramaticalização da construção *quer dizer*. O primeiro estágio corresponde ao uso não gramaticalizado da construção, atestado desde os primeiros registros da língua portuguesa. Tal permanência histórica confirma a atuação do princípio da divergência, uma vez que o surgimento de novos usos não implica a eliminação dos usos mais antigos, mas a coexistência de diferentes funções.

O segundo estágio refere-se a uma fase intermediária do processo, caracterizada pela decategorização da construção, em que os verbos *querer* e *dizer* passam a apresentar enfraquecimento de seus traços lexicais prototípicos e a operar como uma unidade mais cristalizada no discurso. Nesse estágio, *quer dizer* passa a assumir a acepção de ‘significa’, evidenciando um deslocamento semântico em direção a valores mais abstratos. Gonçalves et al. (2007) destacam, nesse ponto, a atuação do princípio da especialização, uma vez que, embora houvesse diferentes possibilidades de expressão modalizadora – como *quer significar*, *significa dizer*, *pode dizer* etc. –, a língua passa a privilegiar a forma *quer dizer*, considerada de acepção mais geral. Além disso, observa-se a incidência do princípio da persistência, já que traços semânticos do estágio inicial permanecem parcialmente ativos nesse uso intermediário.

No terceiro estágio, Gonçalves et al. (2007) destacam que *quer dizer* apresenta um grau mais avançado de gramaticalização, no qual há a perda de seus traços verbais prototípicos, passando a se caracterizar como um elemento de natureza textual-discursiva. Nessa etapa, a construção adquire diferentes funções pragmáticas, relacionadas à organização do texto, à reformulação e à negociação de sentidos na interação, o que evidencia a ampliação de seu escopo funcional e o avanço de sua trajetória de gramaticalização. À vista disso, observa-se novamente a atuação do princípio da decategorização, uma vez que os traços verbais se esmaecem progressivamente, dando lugar a funções mais abstratas.

As pesquisas desenvolvidas por Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025) atestam a atuação desses estágios no processo de gramaticalização de *quer dizer*, uma vez que, nos dados de escrita do português brasileiro e do português moçambicano, foram identificados diferentes usos correspondentes às etapas propostas por Gonçalves et al. (2007). Observam-se, inicialmente, ocorrências da construção em seu uso pleno, como modal + *dicendi*. Além disso,

foram evidenciados diversos usos de *quer dizer* como conector textual e, por fim, ainda que de forma menos frequente no *corpus* analisado, foram atestados alguns usos como marcador discursivo, estágio mais avançado de gramaticalização constatado até o momento.

Com relação ao uso como marcador discursivo, Dal Mago (2001, p. 78) considera *quer dizer* como um preenchedor de pausa, uma vez que “não há uma palavra que possa substituir o *quer dizer*, pois, como o próprio nome indica, não há um elemento discursivo para ser substituído, já que o falante está reorganizando o seu enunciado”. A autora destaca que, nessa função, o falante lança mão do marcador discursivo como estratégia para ganhar tempo, enquanto planeja e reorganiza as informações que serão enunciadas. Esse uso é geralmente caracterizado pela ocorrência de pausas, hesitações e, em alguns casos, alongamentos vocálicos, assumindo um nítido caráter interacional. Os dados a seguir – retirados do trabalho da autora – ilustram esse uso:

- (23) Agora hoje você sai, vai pesquisar e pode combater, certo? (pausa) **Quer dizer**, (pausa), nas matérias que são realmente (pausa), **quer dizer** (pausa), o negócio da terra, o ar. (FLP13, L650-651)
- (24) Não tinha emprego, não tinha moradia, né? **quer dizer**, (pausa longa) é - não tinha é - instrução suficiente pra arrumar imi trabalho. (LDN16, L958)
- (25) É, parece que era cruzeiro (estímulo do entrevistador e pausa), **quer dizer** (pausa e alongamento vocálico), dava cinquenta por cento pra casa, porque naquela época eu ainda estava em casa. (FLP13, L878)

De acordo com os dados apresentados por Dal Mago (2001), percebe-se empiricamente a atuação de *quer dizer* como marcador discursivo, o que confirma sua atuação no processamento discursivo. Trata-se de um ambiente altamente dinâmico, no qual o turno de fala é constantemente negociado entre locutor e interlocutor e em que os falantes recorrem a diferentes estratégias discursivas para organizar, reformular e tornar mais acessíveis as informações veiculadas. Desse modo, esse uso de *quer dizer* revela-se intimamente relacionado à cognição humana e aos mecanismos envolvidos no processamento da linguagem em tempo real de uso.

Freitag (2009) chama a atenção para a multiplicidade de rótulos atribuídos aos marcadores discursivos, evidenciando a ausência de consenso na literatura quanto à sua definição. Esses elementos podem ser designados, por exemplo, como marcadores conversacionais, operadores argumentativos, articuladores textuais, entre outras denominações. Além disso, a autora destaca que a categoria dos marcadores discursivos é frequentemente

estigmatizada, tanto por sua associação aos chamados “vícios de linguagem” quanto por sua ausência nas descrições da gramática normativa. No entanto esse cenário vem se modificando, uma vez que muitos desses marcadores já podem ser observados em contextos de escrita.

Outro aspecto enfatizado por Freitag (2009) é que os marcadores discursivos não devem ser compreendidos como meros preenchedores de pausa esvaziados de conteúdo semântico. Ao contrário, esses elementos desempenham funções relevantes na organização da fala no discurso, atuando na gestão da interação, na progressão textual e na construção de sentidos. A autora ressalta ainda que os marcadores discursivos interacionais emergem, primordialmente, na modalidade oral, o que pode explicar, em parte, o estigma social que os acompanha. Contudo se observa que esses marcadores vêm progressivamente adentrando contextos de maior formalidade, o que aponta para indícios consistentes de sua incorporação ao sistema linguístico do português.

O estudo desenvolvido por Almeida (2022, p. 58) aponta que “a baixa ocorrência de marcador discursivo parece se justificar pelo fato de haver poucos textos falados na amostra analisada”. Essa observação também se aplica à presente pesquisa, uma vez que os dados do português brasileiro, moçambicano e angolano foram extraídos do *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006), o qual é constituído majoritariamente por textos escritos. Desse modo, a predominância da modalidade escrita no *corpus* tende a restringir a frequência de usos mais gramaticalizados e interacionais da construção, como o marcador discursivo, cuja emergência está fortemente associada à oralidade.

À vista do que foi discutido, conclui-se que a análise da gramaticalização de *quer dizer* insere-se em uma perspectiva que concebe a gramática como emergente, dinâmica e sensível ao uso. Esse enquadramento possibilita compreender de que modo construções recorrentes no cotidiano dos falantes, como a construção *quer dizer*, inicialmente dotadas de valor lexical pleno, passam a assumir funções cada vez mais abstratas, ampliando gradualmente seu papel na organização textual e na interação discursiva. Assim, a trajetória de *quer dizer* evidencia não apenas um processo de mudança categorial mas também o funcionamento adaptativo da língua em resposta às necessidades comunicativas dos usuários da língua. Na seção seguinte, apresenta-se a metodologia da pesquisa.

4 METODOLOGIA

A presente seção tem por objetivo apresentar o *corpus* da pesquisa, retirado do *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006), especificamente do subcorpus *web*/dialetos, a partir do levantamento dos dados analisados neste estudo. Outro ponto abordado nesta seção diz respeito às comunidades em estudo, contemplando a situação da língua portuguesa no Brasil, em Moçambique e em Angola. Além disso, são descritos os procedimentos metodológicos adotados na condução da pesquisa, os quais orientam a investigação da construção *quer dizer*. Esta seção também contempla a apresentação dos usos identificados para a construção *quer dizer* no *corpus* selecionado bem como dos grupos de fatores definidos para a análise de seu comportamento linguístico. Por fim, descreve-se brevemente o programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), empregado no processamento estatístico dos dados desta pesquisa.

A presente pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, combinando procedimentos da metodologia qualitativa e da metodologia quantitativa. Parte-se do entendimento de que a articulação entre essas duas perspectivas possibilita uma análise mais abrangente do fenômeno investigado, ao permitir tanto a interpretação dos usos linguísticos em seus contextos discursivos quanto a observação de padrões de recorrência e distribuição dos dados. Conforme aponta Lacerda (2016), com base em Bryman (1998), a metodologia qualitativa tem como objetivo investigar de forma detalhada o objeto de análise, priorizando: “(a) oferecer uma descrição detalhada do objeto de análise; b) compreender o contexto em que o objeto analisado ocorre; e c) considerar como os conceitos surgem a partir dos dados, e não a priori” (Lacerda, 2016, p. 86). Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa parte da interpretação do pesquisador sobre os dados, buscando compreender os sentidos e funções que as formas linguísticas assumem no uso efetivo da língua.

No que se refere à metodologia quantitativa, Lacerda (2016, p. 86), com base em Diehl e Tatim (2004), destaca que essa abordagem “pauta-se na quantificação dos dados analisados, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação”. Nessa perspectiva, a quantificação envolve o levantamento sistemático dos dados, sua análise e a utilização de técnicas estatísticas – das mais simples às mais elaboradas – como forma de conferir maior objetividade e confiabilidade aos resultados obtidos. Nesse sentido, o método misto, conforme Lacerda (2016, p. 86), fundamentado em Johnson, Onwuegbuzie e Turner (2007), “consiste na combinação de elementos de abordagens de pesquisa qualitativa e quantitativa com o propósito de ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o objeto de análise”. À vista disso, a presente pesquisa adota uma abordagem metodológica mista,

buscando articular a análise interpretativa dos usos da construção *quer dizer* com a observação de sua frequência e distribuição nos dados, de modo a aprofundar a investigação de seu processo de gramaticalização.

A pesquisa também está pautada metodologicamente nos pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano, mais especificamente na abordagem da gramaticalização, já que o estudo é feito com base no uso real da língua. Além disso, o estudo aqui empreendido adota uma perspectiva sincrônica de análise da língua, isto é, a investigação incide sobre o Funcionamento linguístico em um recorte temporal específico (Lopes; Rosário, 2023). Nesse sentido, os autores ressaltam que esse modelo se mostra particularmente relevante para o estudo da variação e mudança linguística, uma vez que se dedica à descrição do que é comumente denominado gradiência linguística. Tal fenômeno é caracterizado como a possibilidade de “um elemento ou uma sequência de elementos *ser* interpretada como uma estrutura polifuncional e/ou polissêmica” (Lopes; Rosário, 2023, p. 38, grifo nosso). Essa concepção teórica aplica-se à construção *quer dizer*, que, ao longo do tempo, vem adquirindo novas funções no discurso.

Parte-se, portanto, do entendimento de que fenômenos linguísticos devem ser analisados a partir do uso efetivo da língua em contextos reais de comunicação, considerando fatores discursivos, pragmáticos e cognitivos. A esse respeito, vale ressaltar que a investigação da construção *quer dizer* fundamenta-se na observação de ocorrências empíricas com o objetivo de identificar seus diferentes usos, funções e estágios de gramaticalização nas variedades do português brasileiro, moçambicano e angolano.

4.1 O *CORPUS* DA PESQUISA

A presente pesquisa utiliza como *corpus* o banco de dados eletrônico *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006). Esse *corpus* foi constituído pelos professores Mark Davies, da Brigham Young University, e Michael Ferreira, da Georgetown University, e reúne dados representativos das variedades brasileira, moçambicana, angolana e portuguesa. Além disso, o *Corpus* do Português é financiado pela Fundação Nacional para as Humanidades (*National Endowment for the Humanities*), instituição cujo objetivo é apoiar pesquisas nas áreas da educação, preservação, capacitação e difusão pública das humanidades.

O *Corpus* do Português é organizado em três subcorpora, a saber: o Gênero Histórico, o *Web*/dialetos e o *Now*. Além disso, a ferramenta permite que os usuários possam encontrar frequências de palavras, padrões de distribuição bem como de frases e construções gramaticais em diferentes períodos históricos e dialetos do português contemporâneo. O *corpus* em questão

reúne cerca de um bilhão de palavras, abrangendo textos produzidos do século XIII ao XXI, constituindo-se como uma importante fonte de pesquisa para estudos que se dedicam ao estudo da língua portuguesa bem como da comparação entre variedades.

O subcorpus gênero histórico, por sua vez, concentra cerca de 45 milhões de palavras e constitui uma importante fonte de pesquisa para diversos estudiosos da língua portuguesa. Os textos que o compõem datam do período entre 1300 e 1900 e estão distribuídos em diferentes gêneros textuais, tais como oral, ficcional, jornalístico e acadêmico. Esse subcorpus possibilita ao pesquisador a comparação de diferentes momentos históricos da língua portuguesa, permitindo a realização tanto de estudos diacrônicos quanto de análises sincrônicas, a depender do recorte temporal adotado.

O subcorpus *Web/dialetos*, que tiveram seus textos extraídos entre 2013 e 2014 e único *corpus* consultado nesta pesquisa, reúne cerca de um bilhão de palavras extraídas de páginas da *web* provenientes do Brasil, Moçambique, Angola e Portugal. Esse subcorpus possibilita a análise do português do século XXI, permitindo também a comparação entre diferentes variedades da língua portuguesa e suas influências dialetais. Além disso, o subcorpus disponibiliza as páginas eletrônicas das quais os dados foram extraídos, o que permite a análise de textos completos, a visualização de informações detalhadas sobre cada ocorrência e o acesso direto aos respectivos *links*.

Por fim, o subcorpus *Now*, que também reúne mais de um bilhão de palavras, concentra os dados mais recentes do *Corpus* do Português, abrangendo o período de 2012 a 2019. Esse subcorpus é composto por textos provenientes de jornais e revistas online. Trata-se do subcorpus que mais se aproxima das variedades contemporâneas do português, possibilitando a análise mais imediata do comportamento linguístico dessas variedades bem como das influências e tendências em curso.

Embora o *Corpus* do Português disponibilize também o subcorpus *Now*, que reúne dados mais recentes, optou-se, nesta pesquisa, pelo uso exclusivo do subcorpus *Web/dialetos*, por apresentar características mais compatíveis com o objeto de estudo aqui examinado. Como a investigação privilegia uma abordagem comparativa das variedades brasileira, moçambicana e angolana voltada ao português contemporâneo, o subcorpus em questão mostrou-se suficiente para a análise proposta. Além disso, esse subcorpus oferece acesso ao contexto ampliado das ocorrências e às páginas originais dos textos, recursos essenciais para a identificação e a interpretação dos diferentes usos da construção *quer dizer*.

Cabe, portanto, salientar que o *Corpus* do Português constitui um recurso fundamental para a realização de pesquisas na área da Linguística, especialmente no âmbito dos estudos

funcionalistas, uma vez que permite o acesso a dados autênticos de uso da língua em diferentes variedades e contextos. Além disso, trata-se de uma ferramenta eletrônica amplamente consolidada, disponibilizada via Internet para acesso gratuito, que viabiliza análises tanto de natureza qualitativa quanto quantitativa, favorecendo investigações que articulam descrição linguística e frequência de uso.

4.2 AS COMUNIDADES EM ESTUDO

As variedades africanas do português, em especial a moçambicana e a angolana, ainda necessitam de atenção por parte da comunidade acadêmica, pois é preciso ampliar a discussão sobre a variação e a mudança linguísticas da língua portuguesa nessas localidades. À vista disso, cabe destacar que o português é reconhecido como língua pluricêntrica, por apresentar diferentes normas e variedades nacionais (Albuquerque, 2022). Tendo isso em vista, é impensável considerar o português brasileiro e o português europeu como referências a serem seguidas, pois isso negligenciaria a diversidade linguística presente no espaço lusófono.

Brasil, Moçambique e Angola compartilham a característica da pluralidade linguística, marcada pela coexistência de diversas línguas em seus territórios. Entretanto cada um desses países apresenta especificidades próprias que os distinguem e que devem ser reconhecidas e valorizadas como parte fundamental da herança cultural e identitária de seus povos. O contexto multilíngue é uma característica, em especial, das variedades africanas, como bem aponta Firmino (2021, p. 163) ao dizer que a língua portuguesa em Moçambique “está num processo de nativização simbólica e estrutural, de que emergem formas peculiares de seu uso”. Em Angola, esse panorama é também muito abrangente, pois, como aponta Sassuco (2021), grande parte da população é falante de uma das línguas bantu, pertencendo, além disso, a uma expressiva diversidade de grupos étnicos. Essa realidade confere tanto a Moçambique quanto a Angola um contexto multilíngue que pode influenciar diretamente os usos do português.

Nesse viés, Soares da Silva (2018, p. 113) assinala que “o pluralismo linguístico é, pois, um caso especial de variação intralinguística, marcada por questões de identidade e poder nacionais”. À luz dessa perspectiva, compreende-se que, no interior de cada variedade do português – seja brasileira, europeia ou africana – há a constituição de normas próprias de uso da língua, moldadas por fatores históricos, culturais, sociais e políticos. Assim, aspectos como cultura, crenças e costumes locais exercem influência direta sobre o funcionamento da língua materna, contribuindo para a emergência de usos específicos e para a consolidação de práticas linguísticas específicas em cada comunidade de fala.

Além disso, Soares da Silva (2018) ainda destaca que o pluricentrismo e o monocentrismo linguístico são categorias não discretas ou estanques. O autor chama a atenção para o fato de que existem línguas mais pluricêntricas do que outras, como é o caso do inglês e do português, em contraste com outras línguas como o francês e o espanhol, que apresentam menor grau de pluricentrismo. A título de exemplificação, o autor esclarece que

[...] o pluricentrismo é só aproximadamente simétrico e mais frequentemente assimétrico, pelas inevitáveis diferenças de estatuto e poder econômico, político ou cultural entre as variedades nacionais; e todas as línguas são, até certo ponto, pluricêntricas, na medida em que contêm variação dialetal e diferentes normas locais. (Soares da Silva, 2018, p. 113)

A partir do momento em que o autor enfatiza que “o pluricentrismo é só aproximadamente simétrico e mais frequentemente assimétrico”, há, portanto, a aceção de que os centros de poder não têm o mesmo peso social, político e simbólico que a variedade de mais prestígio historicamente, embora uma língua possa ter mais de um centro normativo de poder (como o português no Brasil, em Portugal, em Moçambique e em Angola), por exemplo. Quando o autor ressalta que a língua é mais assimétrica do que simétrica, entende-se que se está falando sobre poder econômico, influência política, prestígio cultural e tradição acadêmica. Nesse caso, historicamente falando, a norma europeia ocupou uma posição de maior prestígio institucional, enquanto as variedades africanas e, em certos contextos, a brasileira foram tratadas como periféricas. Portanto, mesmo em uma língua pluricêntrica, as variedades não se relacionam de maneira igualitária.

Quando o autor afirma que “todas as línguas são, até certo ponto, pluricêntricas”, compreende-se que o pluricentrismo não se restringe apenas às línguas oficialmente reconhecidas como pluricêntricas. Nesse sentido, as variedades africanas do português investigadas nesta pesquisa, ainda que historicamente tenham menor projeção política e institucional, apresentam variação dialetal, normas locais e usos socialmente marcados de acordo com a cultural local. Assim, não há homogeneidade absoluta no uso linguístico, uma vez que as línguas apresentam múltiplos padrões de uso, ainda que um deles seja legitimado como “norma padrão”.

Em consonância com a perspectiva apresentada, Abraçado, Lima-Hernandes e Marçalo (2023) reconhecem o termo “pluricentrismo” como uma noção mais democrática e inclusiva, uma vez que sua aceção conduz à compreensão portuguesa como um sistema composto por representações diversas e simultâneas. Nessa abordagem, as diferentes normas não se sobrepõem hierarquicamente nem há a necessidade de atribuir maior prestígio a uma variedade

em detrimento de outra. Todavia as autoras ressaltam que a consolidação dessa perspectiva ainda se encontra em constante processo de desenvolvimento, sobretudo no que diz se refere ao reconhecimento igualitário das variedades, ou seja, ao respeito às diferenças linguísticas e sociais das múltiplas faces do português.

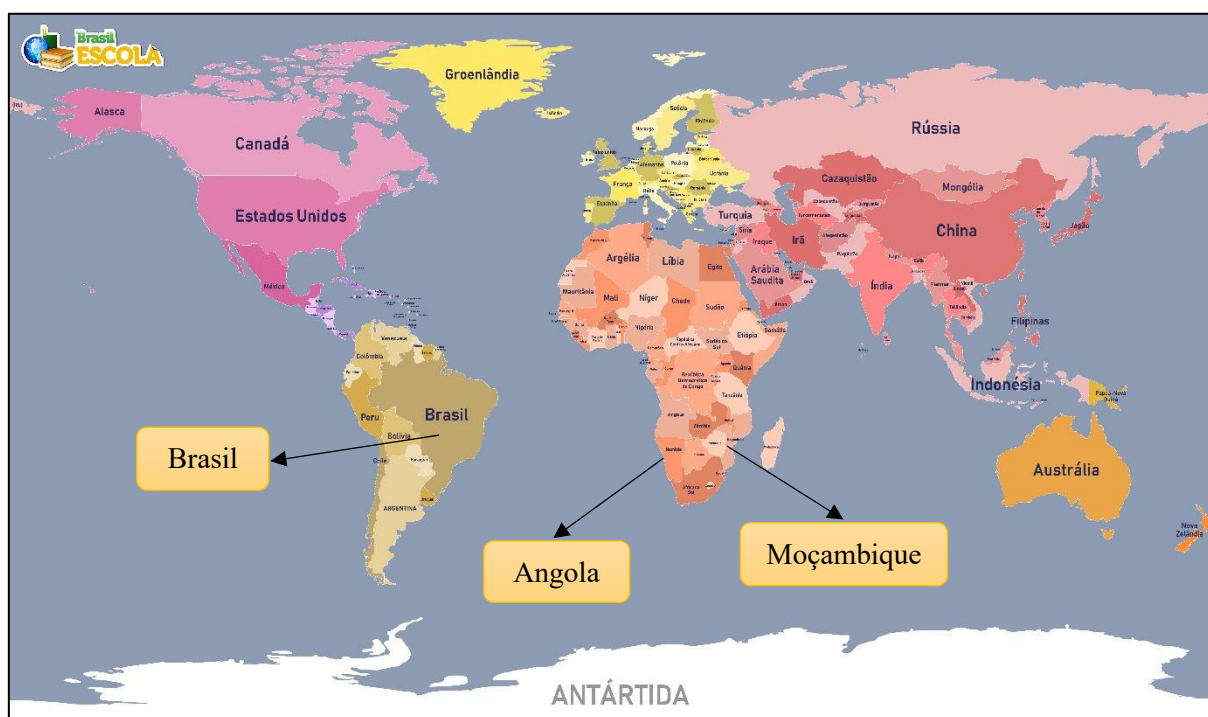
Analisar construções específicas, como *quer dizer*, permite observar como processos de gramaticalização podem ocorrer de modo distinto em contextos diversos, o que amplia a compreensão de mecanismos universais e particulares de mudança linguística, ou seja, permite verificar se as motivações de uma determinada língua atribuem novos usos para uma mesma construção. As motivações que levaram *quer dizer* a adquirir os usos atuais foram forçadas em meios sociais específicos, mesmo com diversos usos semelhantes constatados no *corpus* aqui em estudo. Com esse viés analítico, esta pesquisa se propõe também a ampliar as discussões sobre o pluricentrismo linguístico no contexto das variedades africanas do português, contribuindo para o fortalecimento de centros normativos historicamente relegados a posições periféricas no espaço lusófono.

No âmbito do Funcionalismo linguístico, que parte da premissa de que a língua é um instrumento de interação social e de que suas estruturas se organizam em função do uso (Martelotta; Votre; Cezario, 1996), o estudo das variedades africanas do português revela-se particularmente produtivo. Em primeiro lugar, porque tais variedades se desenvolvem em contextos de multilinguismo e contato linguístico intenso, o que permite observar de maneira privilegiada como fatores pragmáticos, discursivos e cognitivos motivam processos de mudança gramatical. A construção *quer dizer*, por exemplo, pode assumir funções distintas em variedades diferentes, dependendo das necessidades comunicativas e interacionais de seus falantes.

Além disso, analisar o português brasileiro, moçambicano e angolano amplia o escopo das investigações funcionais, pois permite verificar como funções discursivas recorrentes – como a reformulação, a explicação e a introdução de inferências – podem desencadear processos de gramaticalização em contextos diversos. Estudar variedades africanas do português possibilita compreender como diferentes trajetórias de uso podem levar a resultados estruturais específicos, reforçando a ideia de que a mudança linguística não é uniforme, mas sensível ao contexto sociocultural.

A Figura 1, a seguir, situa no mapa mundi os três países cujas variedades do português são examinadas nesta pesquisa.

Figura 1: Brasil, Moçambique e Angola no mapa mundi



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/mapa-mundi.htm>.

A situação da língua portuguesa nos três países destacados na Figura 1 está brevemente relatada nas subseções a seguir.

Por fim, ao destacar a importância de estudar o uso real da língua, o Funcionalismo converge com a necessidade de investigar variedades historicamente marginalizadas no campo da linguística. Estudar as variedades do português africano, nesse quadro teórico, é também reconhecer a legitimidade das práticas linguísticas africanas, valorizando-as como parte constitutiva do mosaico lusófono.

4.2.1 Brasil

Segundo dados extraídos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil localiza-se na porção centro oriental da América do Sul, fazendo fronteira com todos os países sul-americanos, exceto Chile e Equador. É o maior país da América do Sul, com área territorial de 8.509.379, 576 km². Ainda de acordo com o IBGE, a população residente estimada em 2025 é de 213. 421.037 habitantes.

No Brasil, o português constitui a língua materna da ampla maioria da população e ocupa posição hegemônica em todos os domínios de uso social, como a educação, a administração pública, os meios de comunicação e as interações cotidianas. No entanto, apesar

dessa aparente homogeneidade linguística, o português brasileiro caracteriza-se por uma expressiva diversidade interna, resultante de fatores históricos, sociais, regionais e culturais. Conforme Bagno (2007), a história do português no Brasil foi profundamente marcada pelo contato linguístico com línguas indígenas, africanas e de imigração, o que contribuiu para a consolidação de uma variedade linguística plural e dinâmica.

A partir do momento em que as diferenças são respeitadas e as variedades linguísticas passam a ser legitimadas em todo o seu processo de constituição, sem distinções de ordem política, econômica ou cultural, valoriza-se a formação histórica do português brasileiro e reforça-se a discussão sobre o pluricentrismo linguístico. Nesse sentido, Lucchesi et al. (2009, p. 75) salientam que “a nativização do português entre os descendentes dos escravos africanos é determinante na história sociolinguística dessas comunidades”. De acordo com os autores, os povos africanos escravizados foram compelidos a aprender o português como segunda língua, em condições extremamente adversas, o que resultou, inicialmente, em formas de uso frequentemente ininteligíveis. As gerações seguintes, por sua vez, adquiriram o português como língua materna em contato com as línguas de seus pais, configurando um processo de aquisição linguística marcado pela irregularidade. Essa transmissão linguística irregular, segundo os autores, contribuiu para a emergência de diversas variedades do português brasileiro, fortemente influenciadas por línguas africanas e significativamente distintas do português falado pelos colonizadores europeus.

Nesse panorama, a constituição do português brasileiro foi marcada por forte influência das centenas de línguas africanas – trazidas pelos escravizados no período colonial – e das inúmeras línguas indígenas – faladas pelos nativos que aqui já habitavam desde antes da chegada dos colonizadores. A atuação desses povos configura-se como “o principal parâmetro histórico para a contextualização das mudanças linguísticas que afetaram o português brasileiro” (Lucchesi, 2009, p. 41). O autor chama a atenção para a importância de se compreender a variação e, conseqüentemente, a mudança linguística levando em consideração esse percurso historiográfico. Nesse sentido, a análise do português brasileiro deve ser conduzida à luz de uma compreensão cuidadosa de seu processo histórico de formação, levando em conta as condições socioculturais e os contextos de contato linguístico que moldaram sua configuração ao longo do tempo.

Para ressaltar a influência dessas línguas no processo de formação do português brasileiro, é relevante pontuar que muitas das línguas transplantadas para o Brasil – em especial as línguas africanas – permanecem, ainda hoje, em uso sob a forma de línguas especiais. Trata-se de falares associados a grupos específicos, a determinadas faixas etárias ou a práticas

socioculturais particulares, não se configurando, necessariamente, como línguas plenas, mas preservando traços ressaltantes do intenso contato histórico com a língua portuguesa (Petter, 2007). Esses usos linguísticos evidenciam a profundidade e a permanência do contato linguístico na constituição do português brasileiro, reforçando o caráter heterogêneo e plural de sua formação.

Dito isso, compreende-se que a permanência das línguas africanas, ainda que sob a forma de falares especiais ou usos restritos, configura-se como uma forma de resistência simbólica ao processo colonizador. À vista disso, Petter (2007, p. 64) salienta que as línguas africanas utilizadas em ritos atualmente “mantêm-se como veículo de expressão dos cânticos, saudações e nomes dos iniciados, principalmente, podendo também servir como meio de comunicação entre os adeptos da mesma comunidade de culto”. Nesse sentido, a língua portuguesa atua como um instrumento de ressignificação linguística e cultural, por meio do qual esses grupos reelaboram práticas discursivas próprias. Além disso, pode-se destacar também que o português brasileiro é marcado pelo contato entre línguas, pela heterogeneidade e pela incorporação de traços oriundos das línguas africanas, evidenciando que a formação dessa variedade não aconteceu por simples substituição linguística, mas por processos de negociação e adaptação.

Como explicitado, a constituição histórica do português brasileiro é profundamente marcada pelas influências das línguas indígenas e africanas, aspecto fundamental para a compreensão dessa variedade, dotada de traços estruturais e funcionais específicos. Nesse sentido, o caráter pluricêntrico da língua portuguesa reforça a necessidade de valorizar não apenas as línguas que participaram da constituição do português brasileiro, mas também as dos outros países de língua portuguesa.

Nessa perspectiva, a pesquisa desenvolvida por Pereira (2024) enfatiza que conceber o português como uma língua pluricêntrica desde o ensino básico possibilita o compartilhamento das diferentes culturas que atravessam os países que têm o português como língua materna. Desse modo, a autora destaca que as práticas didáticas passam a incorporar múltiplas referências culturais e linguísticas, reconhecendo, inclusive, aquelas historicamente marginalizadas nos materiais pedagógicos. Além disso, ainda ressalta que Moçambique e Angola ainda não formalizaram plenamente suas próprias normas linguísticas. Segundo Pereira, (2024, p. 172), esses países “já estão no processo de normatização, no entanto, quando se trata de um uso formal do português essas nações ainda se orientam pela norma culta do português europeu e do português brasileiro”. Nesse sentido, o pluricentrismo linguístico amplia as

possibilidades de aprendizagem, ao permitir que o falante compreenda o português em suas múltiplas nuances e realizações socioculturais.

Diante do que foi brevemente exposto, observa-se que o português brasileiro se constitui como uma variedade historicamente marcada pelo intenso contato linguístico, resultante de processos sociais, culturais e históricos. Essa trajetória evidencia que a língua portuguesa, longe de ser homogênea, organiza-se a partir de múltiplos centros normativos e usos socialmente situados, o que reforça a pertinência da noção de pluricentrismo linguístico. Essa perspectiva torna-se ainda mais produtiva quando ampliada para os contextos africanos de língua portuguesa, nos quais o contato entre o português e línguas locais também desempenhou e desempenha papel decisivo nas variedades nacionais. Na subseção seguinte, são tecidas considerações sobre o português em Moçambique.

4.2.2 Moçambique

Nesta subseção, apresenta-se a situação do português moçambicano, com destaque para o intenso o contato linguístico estabelecido entre o português e as diversas línguas faladas no território, processo que se deu de modo diferente daquele ocorrido no Brasil. À vista disso, Moçambique está localizado na África Austral e possui uma população superior a 20 milhões de habitantes, distribuída em múltiplos grupos étnicos, o que resulta em um cenário de ampla diversidade linguística (Timbane, 2013). O autor também assinala que a língua portuguesa foi historicamente utilizada como uma estratégia de dominação colonial, uma vez que as políticas linguísticas implementadas visavam excluir as línguas africanas das esferas institucionais e dos espaços de poder.

Algumas das línguas faladas em Moçambique são *kiwahili*, *kimwani*, *shimakonde*, *ciyao*, *emakhuwa*, *ekoti*, *elomwe*, *echuwabo*, *cinyanja*, *cisenga*, *xitswa*, *xironga*, *zulu* e *swazi*, dentre outras (Timbane, 2013). À vista disso, o autor aponta que a maioria das línguas maternas faladas no país são línguas africanas moçambicanas, amplamente utilizadas no cotidiano das comunidades locais. O português, por sua vez, embora seja a língua oficial, historicamente tem um número reduzido de falantes como língua materna, entretanto se observa um crescimento significativo de seu uso, sobretudo entre as gerações mais jovens.

Diferentemente do contexto brasileiro, em que o português se consolidou como língua materna majoritária, em Moçambique o português assume, historicamente, o estatuto de língua segunda, adquirida, sobretudo, em contextos formais, como escola e administrações públicas (Firmino, 2021). Esse cenário sociolinguístico confere ao português moçambicano

características específicas, resultantes da convivência contínua com línguas locais amplamente usadas no cotidiano da população.

Como se observa, o cenário linguístico de Moçambique é marcado por um intenso multilinguismo, no qual as línguas *bantu* constituem os principais meios de comunicação no cotidiano dos falantes, enquanto o português se restringe como língua oficial e de prestígio institucional. Nesse contexto, a educação formal moçambicana é ministrada predominantemente em língua portuguesa, o que configura um desafio significativo, já que grande parte da população não possui o pleno domínio dessa língua. Timbane (2013) salienta que a abordagem do ensino de português dissociada da variação linguística não contribui para a valorização da diversidade linguística do país nem para o devido reconhecimento das línguas moçambicanas no processo educativo.

Lopes, Siteo e Nhamuende (2022, p. 3) enfatizam que “o Português Moçambicano não é apenas ‘um tipo’ de Português, mas sim um complexo de muitos tipos”. Nesse sentido, os autores declaram que, ao adotar essa concepção de língua, os falantes de português como língua materna e os falantes de português como língua segunda ou língua terceira serão contemplados politicamente. Entender que o português moçambicano é “um complexo de muitos tipos”, pressupõe dizer que a língua portuguesa é moldada diante dos diversos contatos entre línguas em todo o território moçambicano. Essa distribuição linguística implica que o português, ao ser apropriado pelos falantes moçambicanos, passa por um processo de adaptação, refletindo padrões cognitivos, discursivos e pragmáticos oriundos das línguas africanas em contato.

O português de Moçambique não pode ser compreendido como uma simples extensão do português europeu nem analisado como tal, mas precisa ser compreendido como uma variedade legítima, moldada por condições históricas e socioculturais próprias. Abdula (2023) salienta que, no cenário moçambicano, a adoção de uma única língua oficial, ainda que falada por uma parcela significativa da população, pode implicar a exclusão das línguas minoritárias dos espaços institucionais, especialmente do contexto escolar. Ademais, o autor destaca que “a política de proibição do uso das línguas nativas em determinados lugares deve ser vista como continuidade da política colonial sobre o uso dessas mesmas línguas” (Abdula, 2023, p. 75). Nesse sentido, desvencilhar-se dessa engrenagem colonial é crucial para a consolidação de uma sociedade efetivamente plural, uma vez que, no âmbito educacional, práticas pedagógicas que consideram a língua materna dos estudantes tendem a favorecer o processo de aprendizagem e a melhorar o desempenho escolar.

De acordo com Lopes (2013), a proficiência em língua portuguesa por parte dos moçambicanos possibilita o acesso a diferentes níveis de poder nas esferas públicas e

institucionais, funcionando como um marcador de pertencimento às elites que concentram o poder político e econômico. Esse acesso tende a ser ampliado entre aqueles que possuem formação universitária e mantêm vínculos com o exterior. Observa-se, assim, que o português assume, em Moçambique, o estatuto de língua de prestígio e de poder simbólico. No entanto conceber o português como língua soberana e homogênea, desconsiderando as línguas moçambicanas em sua constituição e uso, implica dar continuidade a uma política linguística oficial herdada do regime colonial, que historicamente marginalizou as línguas locais e seus falantes.

Timbane (2013) salienta que as línguas *bantu* faladas em Moçambique são línguas completas, dotadas de estruturas gramaticais próprias e plenamente funcionais. À vista disso, depreende-se que a imposição do português no território moçambicano ocorreu como estratégia de dominação colonial, na medida em que a língua do colonizador se impôs como legítima e superior, enquanto as línguas locais foram sistematicamente deslegitimadas e inferiorizadas. Nesse contexto, as línguas africanas passaram a ser concebidas pela administração colonizadora como entraves ao projeto civilizatório e à organização político-administrativa da colônia.

Olhar para o português moçambicano implica concebê-lo como uma variedade multifacetada, atravessada pelo contato contínuo com diversas línguas moçambicanas. Embora o português europeu ainda exerça forte influência normativa e institucional, observa-se um movimento gradual em direção ao reconhecimento e à incorporação das línguas locais, ainda que esse processo se dê em meio a um contexto marcado por um acentuado tradicionalismo linguístico, historicamente pautado na norma europeia.

De acordo com essa concepção, Abdula (2023, p. 75) salienta que a imposição exclusiva do português nas escolas moçambicanas “não olha para o resultado que os alunos devem alcançar durante o processo de ensino e aprendizagem, visto que os valores culturais e sociolinguísticos não são levados em consideração durante o ensino”. Nesse sentido, a inclusão das línguas moçambicanas no contexto escolar mostra-se não apenas desejável, mas necessária, uma vez que o problema central não reside na oficialização da língua portuguesa no país, e sim na invisibilização sistemática das línguas nacionais.

À vista disso, Lopes, Siteo e Nhamuende (2022) se propuseram a caracterizar alguns aspectos próprios do português moçambicano, contemplando palavras, sintagmas, expressões e estruturas retóricas, pautados numa perspectiva lexical, gramatical, semântica e discursiva. Segundo os autores, tais aspectos configuram os chamados moçambicanismos, entendidos como formações linguísticas resultantes, entre outros fatores, da transferência de traços das línguas *bantu* para o português, da analogia com estruturas do português europeu e da

emergência de formações macrolinguísticas tipicamente moçambicanas. Essas formações evidenciam marcas linguísticas e socioculturais próprias, relacionadas a atitudes sociais, crenças, superstições, formas de tratamento e de cumprimento, caracterizando, assim, o que os autores denominam de moçambicanização das funções da fala.

O português de Moçambique apresenta particularidades que não devem ser interpretadas como desvios ou simples interferências em relação à norma padrão, pois tais características resultam dos intensos e contínuos contatos linguísticos que marcaram a formação dessa variedade, o que inviabiliza a adoção do português europeu como parâmetro único ou ideal de referência. Nesse sentido, as análises linguísticas devem incorporar a riqueza e a complexidade dos repertórios linguísticos que constituem a variedade moçambicana, reconhecendo-a como uma legítima, historicamente situada e funcionalmente adequada aos contextos de uso de seus falantes.

Nessa perspectiva, Timbane (2013, p. 139) destaca que “a língua vive e se produz mediante as variações e mudanças que são manifestações criativas de qualquer que seja a língua”. De acordo com o autor, toda língua varia e se transforma em consonância com a comunidade que a utiliza, refletindo sua história, cultura e práticas sociais. Assim, deslegitimar as línguas moçambicanas, faladas há séculos por milhares de pessoas, constitui um retrocesso significativo, uma vez que essas línguas integram de forma indissociável o patrimônio cultural e social do país.

À vista do exposto, compreender o português moçambicano implica reconhecê-lo como uma variedade legítima da língua portuguesa, constituída a partir de intensos processos de contato linguístico com as línguas *bantu* e atravessada por fatores históricos, sociais e políticos específicos. Como visto, as particularidades lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas do português de Moçambique não devem ser interpretadas como desvios em relação a uma norma idealizada, mas como evidências culturais próprias resultantes de sua história de formação. Nessa perspectiva, o reconhecimento do pluricentrismo da língua portuguesa contribui para o fortalecimento das normas locais e para a valorização das identidades linguísticas moçambicanas, historicamente marginalizadas pelas políticas coloniais e pós-coloniais. A seguir são tecidas considerações acerca do português angolano.

4.2.3 Angola

Segundo Mingas (2000), Angola é um país localizado na África Austral, com uma extensão territorial de 1.246.700 km² e clima úmido, caracterizado por duas estações bem

definidas: a estação chuvosa, que se estende de setembro a abril, e a estação seca, de maio a agosto. De acordo com os resultados com os resultados definitivos de Recenseamento Geral da População e Habitação de 2024, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), o país possui uma população de 36.604.681 habitantes. O português é a língua oficial e a mais falada pela população, coexistindo com diversas línguas nacionais, predominantemente do grupo bantu.

Angola é historicamente marcado por um intenso contato linguístico entre o português e um vasto conjunto de línguas nacionais faladas em seu território. Segundo Calossa (2021), o país apresenta, em média, 11 línguas, além do português, coexistindo com outras línguas faladas por grupos minoritários que, não raramente, ficam excluídas de levantamentos oficiais. Essa lacuna na contabilização e no reconhecimento das línguas angolanas, de acordo com o autor, decorre da fragilidade das políticas linguísticas vigentes bem como da ausência de uma definição clara e sistemática quanto à sua distribuição e valorização no âmbito político e institucional.

Esse cenário evidencia que Angola é um país caracterizado por uma expressiva diversidade linguística na qual coexistem inúmeras línguas faladas por milhões de pessoas, apesar de o português ter o estatuto de língua oficial. Ainda de acordo com Calossa (2021, p. 146, grifo nosso), “a maior parte dos falantes angolanos possui o português como *segunda língua*”. Nessa perspectiva, as línguas angolanas constituem, majoritariamente, os principais meios de comunicação cotidiana da população, configurando um contexto sociolinguístico profundamente multilíngue, heterogêneo e marcado pelo constante contato linguístico.

O estudo desenvolvido por Silva e Araújo (2021) aponta que, entre as línguas faladas em Luanda, o português é a mais utilizada, o que, entretanto, não implica que seja, necessariamente, a língua materna da maior parte da população. Os autores destacam que a realidade sociolinguística da capital angolana é bastante complexa; ainda assim, de acordo com os dados divulgados no Censo de 2014, o português ocupa uma posição majoritária em Luanda. Conforme salientam Silva e Araújo (2021, p. 235), “as línguas da família bantu também são faladas, principalmente o umbundu, kimbundu e kikongo”. Desse modo, observa-se que as línguas *bantu* permanecem amplamente presentes no contexto angolano, o que torna fundamentais a formulação e o fortalecimento de políticas linguísticas voltadas à valorização e à legitimação das línguas nacionais, historicamente marginalizadas.

Tomando por base esse caráter heterogêneo do contexto linguístico de Angola, Kialanda e Timbane (2023) destacam a presença da língua franca *lingala*, em sua variedade angolana, amplamente falada em Angola, sobretudo em regiões de contato com povos de países

fronteiriços. Além disso, os autores ressaltam que, no território angolano, coexistem línguas dos grupos *bantu*, *khoisan* e *vatwa* bem como línguas de origem asiática e europeia, o que configura um cenário profundamente multilíngue. Segundo os autores, “as línguas africanas são línguas da cultura, do pensamento, da religião e das tradições locais, o que deveria estimular a preservação e a oficialização das mesmas” (Kialanda; Timbane, 2023, p. 83). Nesse sentido, os autores observam que vem ocorrendo uma mudança gradual de mentalidade em relação às línguas africanas, uma vez que diversos países africanos têm adotado modelos de educação bilíngue, outros têm avançado no processo de oficialização de suas línguas nacionais e alguns têm, inclusive, questionado ou rompido com a exclusividade da oficialidade de línguas europeias.

Como se observa, Angola é um país profundamente multilíngue, no qual o português, embora seja a língua oficial, apresenta-se como uma variedade fortemente influenciada pelas línguas nacionais faladas no território. Apesar disso, verifica-se a existência de um intenso preconceito linguístico, uma vez que parte significativa da população tende a considerar legítima apenas a variedade europeia do português. Tal perspectiva sustenta uma visão homogeneizadora da língua, ancorada em um modelo colonizador, que desvaloriza e invisibiliza as contribuições das línguas angolanas na constituição do português falado no país. Nesse sentido, Santana e Timbane (2021, p. 56) afirmam que “a língua portuguesa (LP) falada pelos angolanos possui diferenças lexicais, morfológicas, fonético-fonológicas, sintáticas e semânticas em relação ao português falado em Portugal”. Os autores ratificam, assim, a relevância das línguas angolanas na formação do português angolano, conferindo-lhe traços próprios que o tornam uma variedade singular e identitariamente vinculada ao seu povo.

O intenso contato linguístico entre o português e as línguas angolanas, especialmente as do grupo *bantu*, contribuiu para que o português angolano se configurasse como uma variedade marcada por traços linguísticos oriundos dessas línguas. Santana e Timbane (2021) salientam que não existe uma única forma legítima de falar o português, uma vez que as línguas humanas se constituem como um conjunto de variantes, variedades e dialetos. Nesse sentido, torna-se fundamental valorizar o contexto sócio-histórico de formação do português em Angola, pois tal reconhecimento contribui para o enfrentamento do preconceito linguístico e para a legitimação das línguas nacionais que compõem o repertório linguístico do país.

Muitas estruturas recorrentes no português angolano refletem padrões de organização discursiva e semântica próprios das línguas *bantu*, o que reforça a necessidade de analisar essa variedade a partir de seus contextos históricos, sociais e discursivos específicos. À vista disso, Sassuco (2021) destaca que as interferências linguísticas decorrem das interações sociais e

culturais estabelecidas entre os grupos em contato. Nesse sentido, Angola configura-se como um espaço de intenso atravessamento linguístico, no qual o contato contínuo entre diferentes culturas impacta diretamente a organização e o funcionamento das línguas em interação.

Ainda de acordo com Sassuco (2021, p. 16), as populações angolanas “não conseguem substituir as culturas, por isso assistimos à deslocação, assimilação e mesmo dialectização”. O autor destaca que, pelo fato de o português ocupar uma posição dominante em relação às línguas *bantu* e *khoisan* em Angola, observa-se, em muitos contextos, um movimento de substituição da língua materna pelo português. Esse processo, contudo, não se dá de forma neutra ou homogênea, uma vez que as línguas angolanas continuam a exercer forte influência sobre o português, resultando na incorporação de marcas dialetais, estruturais e discursivas próprias do contexto linguístico angolano.

Analisar o português angolano à luz do pluricentrismo linguístico implica reconhecer Angola como um país lusófono cujas especificidades linguísticas são reflexo direto de sua história sociocultural e dos processos de apropriação local da língua portuguesa, os quais a tornaram constitutiva da identidade linguística de seu povo. Assim como ocorre nas demais variedades africanas do português, reconhecer o português de Angola como uma variedade legítima pressupõe romper com uma visão eurocêntrica da língua, valorizando os usos efetivos produzidos pelos falantes em seus contextos reais de interação e funcionamento discursivo.

Essa perspectiva é extremamente relevante para a presente pesquisa, uma vez que o comportamento da construção *quer dizer* no português angolano pode revelar traços discursivos e pragmáticos específicos, resultantes do contato linguístico e das dinâmicas próprias dessa variedade. Dessa forma, a análise do português de Angola em comparação com o português do Brasil e o português de Moçambique contribui para uma compreensão mais ampla do caráter pluricêntrico da língua portuguesa e de seus efeitos nos processos de variação e gramaticalização investigados neste estudo.

4.3 PROCEDIMENTOS ADOTADOS

A presente subseção tem como objetivo descrever os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Tais procedimentos visam à análise da construção *quer dizer* em diferentes variedades do português – brasileira, moçambicana e angolana –, considerando seus usos, funções discursivas e possíveis trajetórias de gramaticalização.

Quanto aos dados, as etapas seguidas neste estudo foram:

- (i) Levantamento e fichamento das primeiras 300 ocorrências de *quer dizer* de cada variedade examinada (brasileira, moçambicana e angolana), coletadas no *Corpus* do Português, mais especificamente no subcorpus *web/dialetos*. A busca da construção *quer dizer* foi realizada a partir de textos escritos disponibilizados pelo *corpus*, considerando a forma verbal plena da construção e seus diferentes contextos discursivos de uso, com especial atenção para ocorrências que apresentam traços de gramaticalização.
- (ii) Classificação de *quer dizer* a partir dos seus contextos de uso. Nesse caso, foram atestados os seguintes usos: verbo modal + *dicendi*, locução verbal com a função de ‘significa’, conector textual – com as funções de esclarecedor, retificador/ressalva, conclusivo, exemplificador – e marcador discursivo.
- (iii) Delimitação dos grupos de fatores adotados na pesquisa, com vista à análise do processo de gramaticalização da construção *quer dizer*. Foram considerados os seguintes parâmetros: pessoa gramatical do sujeito da construção *quer dizer*; explicitude/omissão do sujeito; presença/ausência da conjunção *que* na construção *quer dizer*; e gêneros textuais.
- (iv) Codificação dos dados e processamento a partir do programa GoldVarb X, tendo em vista os grupos de fatores controlados na pesquisa.
- (v) Análise quantitativa dos dados, com o objetivo de examinar os resultados numéricos a fim de identificar a frequência da construção *quer dizer* bem como sua distribuição dos grupos de fatores controlados em cada variedade analisada. Paralelamente, realizou-se a análise qualitativa dos dados, voltada à interpretação dos resultados com vistas à descrição dos contextos de uso de *quer dizer* no português brasileiro, moçambicano e angolano. Esse procedimento possibilitou verificar em qual variedade a construção *quer dizer* se mostra mais frequente bem como identificar convergências e divergências entre as três variedades do português.

Na subseção a seguir, estão evidenciadas as ocorrências de *quer dizer* em seus diferentes usos, identificados ao longo da pesquisa, que ilustram os estágios de gramaticalização dessa construção.

4.3.1 Usos de *quer dizer*

Aqui apresentam-se e descrevem-se os diferentes usos da construção *quer dizer* identificados no *corpus* analisado, considerando as variedades brasileira, moçambicana e angolana do português. Para tanto, os usos observados nesta pesquisa fundamentam-se em estudos anteriores que se dedicaram à análise dessa construção (Dal Mago, 2001; Görski et al., 2002; Carneiro, 2006; Gonçalves et al., 2007; Severo, 2007; Carvalho; Silva, 2018; Almeida, 2022; Almeida; Carvalho, 2025, entre outros). Esses trabalhos buscaram descrever os usos de *quer dizer* sob a perspectiva da gramaticalização, evidenciando a ampliação do seu escopo funcional e discursivo. Além disso, muitos dos usos descritos nessas pesquisas foram igualmente atestados nos dados analisados neste estudo.

Nesse sentido, as investigações sobre a gramaticalização de *quer dizer* têm demonstrado a existência de um processo gradual de mudança, especialmente no contexto do português brasileiro e moçambicano. Contudo a presente pesquisa amplia esse escopo ao incluir a variedade angolana do português, buscando contribuir para a compreensão do funcionamento dessa construção em outras variedades da língua, em especial nas variedades africanas, historicamente marginalizadas por conta do processo de colonização pelos portugueses.

Os usos apresentados partem de contextos reais de comunicação em que *quer dizer* está inserido, o que permite observar sua atuação tanto em estruturas plenamente verbais quanto em usos mais abstratos e discursivos, associados a diferentes estágios do processo de gramaticalização. Como mencionado anteriormente, foram coletadas, para esta pesquisa, 300 ocorrências das variedades brasileira, moçambicana e angolana e, dentre os usos encontrados estão: verbo volitivo modal + *dicendi* (26), locução verbal com valor de ‘significa’ (27), conectores textuais com funções esclarecedora (28), retificadora/ressalva (29), exemplificadora (30) e conclusiva (31) e marcador discursivo (32). Cabe destacar que nesta pesquisa optou-se por agrupar os usos de retificação e ressalva em uma mesma categoria, do ponto de vista quantitativo, uma vez que as ocorrências específicas de ressalva se mostraram ínfimas na amostra analisada.

- (26) significava apenas a futilidade de a procura de novos modelos. a paz entre democracias liberais, segundo fukuyama, já existia, aliás ele usa esta constatação empírica para fundamentar a sua tese. insisto em isto para dizer que não entendo muito bem o alcance de o que noénhantumbonos **quer dizer**, sobretudo porque ele parte de esta interpretação para construir – a o que me parece – uma crítica a política de os eua e imposição de estas ideias a o resto de o mundo. (PM,

http://ambicanos.blogspot.com/2013/02/o-fimda-historia-de-francis-fukuyama-e_21.html)

Neste uso, *quer dizer* mantém valor composicional, em que o verbo *querer* expressa intenção, vontade ou disposição do falante, enquanto *dizer* conserva seu sentido lexical de enunciação verbal. Trata-se de uma construção considerada como não gramaticalizada, em que há plena transferência semântica entre os constituintes e possibilidade de flexão verbal e concordância com o sujeito.

- (27) O assunto de eleição, até semana passada, era doce de ser abordado, como se fosse mel. Hoje, entretanto, tornou-se fel. Está sendo difícil para ser digerido. Está muito amargo. Há muitos “« porquês »” sem resposta. Por exemplo, o Mpl ficar com cerca de 82 %, ou seja, isso **quer dizer** que só temos 18 % de insatisfeito, em um país que lidera o “« ranking »” de tudo que não presta, como corrupção, desemprego, analfabetismo? O resultado é atípico. Esse resultado mais importa aceitar- lo que questionar-lo. (PA, http://cangue.blogspot.com/2008_09_01_archive.html)

Neste estágio, a construção passa a funcionar como locução verbal, em que *quer dizer* equivale semanticamente a ‘significa’. Observa-se uma perda parcial de composicionalidade, uma vez que o verbo *querer* deixa de expressar vontade e passa a integrar uma única unidade semântica.

- (28) Os professores universitários começaram a utilizar animais há 15, 20 anos e, desde então, já queriam estabelecer limites éticos para o uso de os animais. **Quer dizer**, antes de a sociedade se manifestar a respeito de as questões éticas que implicam esta atividade, os pesquisadores já se manifestaram e criaram regras dentro de as universidades. A experiência de fazer testes com animais foi trazida de o exterior, quando pesquisadores brasileiros começaram a visitar universidades estrangeiras. Em a Inglaterra, por exemplo, essa discussão tem mais de 100 anos. (PB, http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=19731&cod_canal=41)

No uso (28), *quer dizer* atua como conector discursivo, introduzindo uma reformulação cujo objetivo é esclarecer o conteúdo previamente enunciado. A construção já apresenta alto grau de gramaticalização, afastando-se de sua estrutura verbal prototípica e assumindo papel discursivo.

- (29) a.[...] Era uma vez um pato chamado Milton. Sei que Milton não é nome de pato. Mas esse se chamava assim, e você vai logo saber por quê. Quando ele nasceu, todos tiveram a maior surpresa. Aliás, não foi quando ele nasceu, foi quando viram que o ovo dele – **quer dizer**, o ovo que depois seria ele – não era um ovo de pato comum. Era meio azulado e brilhante, quase como um ovo de Páscoa. Mas ovos de

Páscoa são embrulhados. [...] (PB, http://almanaque.folha.uol.com.br/folhinha_texto_marcelo_patinho.htm)

Em (29), *quer dizer* introduz uma correção explícita do enunciado anterior, substituindo uma informação por outra considerada mais adequada ou precisa pelo falante. Esse uso está diretamente relacionado às estratégias que o falante assume para alcançar seu objetivo no discurso.

- (30) a. Poupança não é investimento! É verdade que em a época de a hiperinflação era essencial deixar o dinheiro em a poupança para que o dinheiro não virasse poeira a o final de o mês. Mas hoje em dia, a poupança é o pior negócio para o brasileiro! Em 2010, pra ter uma ideia, a poupança rendeu 6,9 % durante o ano todo. **Quer dizer**, se você deixasse 10.000 reais investidos em a poupança, teria 10.690. Nada mau, né? Receber 690 reais sem fazer nada... Porém, o que esse aparente rendimento esconde é a inflação de o mesmo período, que foi aproximadamente de 5,90 % Em outras palavras, o rendimento real de o ano inteiro foi de míseros 0,94 %: menos de 100 reais em um ano pra 10 mil “« investido »”! (PB, <http://aclassealta.com/vale-a-pena-caderneta-de-poupanca/>)

No caso do exemplo (30), a construção funciona como um conector que introduz exemplos do que foi dito anteriormente. O valor semântico é altamente abstrato e *quer dizer* não mantém mais traços verbais evidentes.

- (31) [...] Vejamos o depoimento, abaixo transcrito, de uma de as alunas com quem conversamos: “« Quando eu era pequena, eu morava com madrinha, né! E minha madrinha me deixava estudar, mas tinha que fazer tudo dentro de casa. Tinha que lavar, passar, cozinhar, tudo. Aí ela me colocava estudar a a noite, né! Trabalhar o dia inteiro e só podia estudar a a noite. Aí quando chegava a noite eu não queria mais nada, já estava cansada, já tinha feito um monte de coisa, aí, **quer dizer**, não escrevi nada, não aprendi nada. Aí eu parei. »” (Stela, 53 anos, manicure). (PB, http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/GarciaInezHelenamuniz.htm)

No uso ilustrado em (31), *quer dizer* introduz uma conclusão derivada do que foi exposto anteriormente. A construção passa a operar no plano discursivo, estabelecendo uma relação de consequência ou fechamento argumentativo.

- (32) O visitante salvou-me de o embaraço, decidindo filosofar sobre a tendência universal de o aumento de a criminalidade. Eu acreditava que o mau momento passara quando ele lançou nova interrogação: – E conduzir? – Conduzir? Ao menos, eu fizesse uso de mais imaginação. A repetição de a pergunta era um estratagema que ameaça saturar. – Sim, conduzir um carro? Acha que posso? – Claro que pode, se tiver carta de condução. – Tenho, sim. Mas é seguro? – Bem... **quer dizer**... é preciso ter alguns cuidados... – Como, por exemplo... por exemplo.... Desta feita,

as imagens cruzaram-me a mente com a velocidade de um chapa cem. Como explicar a o pobre turista que em os semáforos não se arranca quando abre o verde. [...] (PM, <http://mozindico.blogspot.com/2008/12/cidadeque-nos-resta-mia-couto.html>)

No estágio mais avançado de gramaticalização, *quer dizer* funciona como marcador discursivo, com valor predominantemente interacional e pragmático. Nesse uso, exemplificado em (32), a construção não estabelece relação sintático-semântica direta com o enunciado, podendo ocorrer de forma parentética, com mobilidade posicional e, em muitos casos, com função de gestão da interação.

Com relação às hipóteses da pesquisa, no que diz respeito aos usos de *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana, a pesquisa parte das seguintes hipóteses: (i) supõe-se que as variedades brasileira, moçambicana e angolana do português apresentem usos comuns da construção *quer dizer*; (ii) parte-se da hipótese de que os usos da referida construção, nas três variedades, tendem a seguir um percurso semelhante no processo de gramaticalização; (iii) hipotetiza-se que determinados usos de *quer dizer* apresentem maior frequência em uma variedade do português em comparação com as demais; (iv) hipotetiza-se que há uma correlação entre usos mais gramaticalizados e a ausência da conjunção *que*.

4.3.2 Grupos de fatores e hipóteses da pesquisa

Nesta pesquisa, apresentam-se os grupos de fatores linguísticos controlados na análise da construção *quer dizer* bem como as hipóteses que orientaram a investigação. Foram controlados os seguintes grupos de fatores linguísticos: pessoa gramatical do sujeito da construção *quer dizer*; explicitude/omissão do sujeito; presença/ausência da conjunção *que* na construção *quer dizer*; e tipo de sequência linguística. Foi atrelada para cada um desses grupos uma hipótese em relação à construção *quer dizer*.

A seleção desses grupos fundamenta-se na perspectiva da gramaticalização e em trabalhos já realizados, como é o caso de Almeida (2022), que considera que mudanças formais e funcionais de uma construção tendem a se correlacionar com aspectos sintático-discursivos, tais como a configuração do sujeito, o grau de integração sintática e o tipo de sequência linguística em que a construção ocorre. Nesse sentido, ao se considerarem o português brasileiro (PB), o português moçambicano (PM) e o português angolano (PA), observa-se que essas variedades compartilham um cenário de marcada heterogeneidade linguística. À vista disso, “para estudar as motivações internas, o pesquisador deve fazer um levantamento dos fatores

linguísticos que condicionam o uso mais ou menos frequente da nova forma (ou do novo traço) na língua, isto é, das forças estruturais da língua” (Coelho et al., 2010, p. 96). As autoras enfatizam, com isso, a importância de definir parâmetros para a investigação em estudos como, por exemplo, a mudança linguística.

Assim, os grupos de fatores controlados nesta pesquisa buscam afunilar as investigações acerca do processo de gramaticalização da construção *quer dizer* bem como compreender as relações entre forma, função e os novos usos que emergem da língua. A seguir, são explicitados e exemplificados os grupos de fatores considerados na análise.

4.3.2.1 Pessoa gramatical do sujeito da construção *quer dizer*

A pessoa gramatical do sujeito da construção *quer dizer* constitui um dos grupos de fatores controlados nesta pesquisa, uma vez que pode revelar diferentes estágios do processo de gramaticalização da referida construção. De acordo com Almeida (2022, p. 37), “pesquisas sobre mudanças gramaticais (Carvalho, 2011; 2017; Carvalho; Silva, 2018; entre outras) têm demonstrado que, com a gramaticalização de uma forma/construção verbal, a tendência é diminuir o leque de opções em relação à pessoa gramatical”. Nesse sentido, o autor esclarece que esse parâmetro contribui para a investigação da gramaticalização de *quer dizer*, pois mudanças no comportamento do sujeito – especialmente no que diz respeito à sua pessoa gramatical – tendem a refletir graus distintos de subjetivação e de perda de autonomia semântica do verbo.

Além disso, outro ponto salientado por Almeida (2022, p. 37) é que esse grupo de fatores “indica contextos não gramaticalizados, gramaticalizados e em estágios mais avançados de gramaticalização, uma vez que os usos de *quer dizer* podem estar associados a uma ou mais pessoas gramaticais”. Nesse caso, observa-se que *quer dizer* ocorre em diferentes contextos interacionais, podendo o falante alternar entre as pessoas gramaticais ou apresentar preferência por uma delas.

Por sua vez, nos contextos em que *quer dizer* funciona como conector textual ou marcador discursivo, não se observa a realização de pessoa gramatical, o que configura um estágio avançado de decategorização da construção, decorrente do fato de ela não atuar mais como forma verbal plena.

Dessa forma, a análise da pessoa gramatical do sujeito permite observar como a construção *quer dizer* transita de usos mais composicionais e sintaticamente integrados para usos mais fixos e pragmatizados, contribuindo para a compreensão do seu percurso de

gramaticalização nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português. Ao comparar essas variedades, busca-se verificar se há convergências ou particularidades quanto à distribuição das pessoas gramaticais do sujeito, o que pode indicar padrões comuns ou específicos no desenvolvimento funcional da construção.

À vista disso, observam-se, na pesquisa, os seguintes registros de *quer dizer* em relação à pessoa gramatical do sujeito.

P2 – segunda pessoa do singular

- (33) Os azarados são aqueles que são julgados inocentes por o uso de estes materiais bélicos e sortudos são aqueles que só acompanham os países em chamadas por a TV transmitidas de outro mundo. (Quer interagir em o Mavirigano? Escreva para: maviriganogmail.com O policial de o 190 atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro: – Por favor, mandem alguém urgente, entrou um gato em casa!! – Mas como assim? Um gato em casa? – Um gato!!! Ele invadiu minha casa e está caminhando em minha direção!!! – Mas como assim? Você quer dizer um ladrão? – NÃO! Estou falando de um gato mesmo, de esse que faz ‘miau, miau’, e ele está vindo em minha direção!!! – Vocês têm que vir agora!!!! – Mas o que tem de mais um gato ir em a sua direção? – Ele vai me matar, ora bolas!!! E vocês serão os culpados!!! (PM, http://manueldearaujo.blogspot.com/2008_09_01_archive.html)

P3 – terceira pessoa do singular

- (34) O GENERAL PAKAS em Grande' A mencionada afirmação tem ou poderia ter o mesmo condão de o famoso ‘abracadabra!’ de o bruxo ou de o mágico célebre ‘abre-te sésamo’, com tal afirmação General Pakas, desmistificou e desvendou o que parece ser ‘segredo de os deuses’ e blasfêmico, interpretando o espírito e letra de tal afirmação, o general quer dizer que, qualquer militante de o MPLA tendo as necessárias qualificações (e tais qualificações não é atributo de nenhum deus), pode aspirar a presidência de o Partido. (PA, <http://noticiasdeangola.info/noticias.html?start=1485>)

P6 – terceira pessoa do plural

- (35) [...] De seguida o filho disse a o amigo que voltassem a casa com o seu pai e assim voltaram.... Esta conto voltei a ouvir este ano com meu professor de cultura e moral. Isto ilustra exactamente o que a citação bíblica e o slogan de o ferro quer dizer. O tripé que hoje sustenta o País, composto por a pobreza absoluta (instituída por as sucessivas ementas de políticas perversas e desastrosas), por a corrupção medular (acicatado mormente por alguns camaradas de Nachingueia), e por o nepotismo

partidário (que mina a construção de o Estado democrático (PM, http://ekehayiyowani.blogspot.com/2012_03_01_archive.html)
Ainda houve casos de ocorrências de *quer dizer* sem sujeito:

(36) Morador de a Bela-Vista, esse meu parente, matriculou- se em o curso noturno, uma vez trabalhador durante a luz de o dia. Uma cena, entretanto, fez- lo desistir: foi quando um professor exigiu que os alunos se levantassem a a sua chegada em a sala de aulas, para a discordância de o meu familiar, professor afinal. **Ø Quer dizer**, um gajo, com a idade que tem, vem de longe, suporta os riscos de a noite, para agora ser obrigado por um colega a se levantar? Gociante Patissa PERCURSO LITERÁRIO DE O ESCRITOR Breve nota biográfica Daniel Gociante Patissa nasceu em a comuna de o Monte-Belo, município de o Bocoio, província de Benguela, em Dezembro de 1978. (PA, <http://angodebates.blogspot.com/2012/07/durante-decadas-este-edificio-ha-cerca.html>)

Estudos anteriores, como os de Carvalho e Silva (2018), Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), também demonstraram que essa pessoa gramatical é a mais produtiva, o que evidencia que o processo de gramaticalização de *quer dizer* tende a se consolidar preferencialmente na terceira pessoa do singular.

4.3.2.2 *Explicitude/omissão do sujeito*

A explicitude/omissão do sujeito da construção *quer dizer* constitui outro grupo de fatores relevante para a investigação do seu processo de gramaticalização, uma vez que permite observar o grau de integração sintático-discursiva e o nível de autonomia semântica da construção. Carvalho e Silva (2018), Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025) salientam que o avanço da gramaticalização costuma estar associado à redução da estrutura argumental do verbo, o que frequentemente se manifesta por meio da omissão do sujeito ou, em estágios mais avançados, pela completa ausência de referência a uma pessoa gramatical.

Severo (2007, p. 105) evidencia a explicitude/omissão do sujeito, ao argumentar que o “vínculo sintático de *quer dizer* pode ser estabelecido com um sintagma nominal (SN); um pronome demonstrativo (*isto, isso, o que*) que pode estar explícito ou implícito (neste último caso, retomando uma ideia anterior); um pronome relativo; ou uma sentença-sujeito”. Nesse sentido, nos usos mais próximos da forma verbal plena, *quer dizer* tende a ocorrer com sujeito explícito, lexical ou pronominal, preservando características típicas de verbos volitivos e *dicendi*. Nesses contextos, a construção mantém um vínculo direto com um agente responsável pelo ato de dizer ou explicar, o que indica um estágio menos avançado de gramaticalização.

À medida que *quer dizer* passa a desempenhar funções textuais e discursivas, como a de conector textual, observa-se uma crescente omissão do sujeito, sinalizando uma maior abstração funcional. Em tais contextos, *quer dizer* deixa de remeter a um sujeito enunciador específico e passa a operar como um mecanismo de organização do discurso, tornando-se, assim, mais gramaticalizado.

Dessa forma, a análise da explicitude/omissão do sujeito permite compreender como *quer dizer* transita de um uso verbal pleno para funções mais abstratas e discursivas nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português, contribuindo para a análise do processo de gramaticalização de *quer dizer*.

Para tanto, foram encontrados os seguintes usos de *quer dizer* em contextos de sujeito explícito (37) e implícito (38) e em casos sem sujeito (39):

(37) Não devemos nos ater a contemplação da cruz, desenhada ou esculpida, mesmo que seja em ouro ou prata. Nem reverenciar uma cruz, mesmo sem a imagem de Cristo pendurada, ou sobre uma fachada de uma igreja. E, muito menos acreditar que ela nos protegerá, idolatrando a cruz e não a Jesus Cristo vivo. -- Veja que Jesus não foi colocado na cruz sozinho, pois dois ladrões, criminosos condenados foram também mortos ao seu lado. – Cruz **quer dizer** sacrificio, e não é santa. Não existe Santa Cruz, mesmo se houvesse a Cruz original onde Cristo foi pregado. O Poder está em Deus [...] (PM, <http://forum.cemimz.org/index.php?topic=97.0>)

(38) Não sei se é disso que você está falando, mas li em a Lola Aronovich depoimentos de parturientes (não sei se é o termo correto), especialmente pobres e negras, sobre o tratamento absolutamente desrespeitoso dispensado por as (algumas, suponho) equipes, o que é INADIMISSÍVEL, e tinha que ser mais amplamente denunciado. Eu não conhecia essa realidade, e fiquei estarrecido quando soube. Isso tem que mudar com ou sem PD, ainda mais sem. Finalmente um debate interessante com uma pessoa que não conhecia profundamente o assunto!! Os questionamentos do GP são pertinentes! O debate entre os profissionais da saúde deveria ser desta forma. (Isso) Não **quer dizer** que agora todo mundo vai fazer o parto em casa. A questão central é respeitar as pessoas que escolhem o parto domiciliar, pois elas fazem esta escolha conscientes dos riscos e benefícios. O que me irrita muito são os comentários preconceituosos de muitas pessoas que não conhecem o assunto e julgam as mulheres como irresponsáveis. (PB, <https://amaequequeroser.wordpress.com/2012/08/06/cremerj-deixa-eu-ver-se-entendi/>)

(39) Que posição tem quanto a a realidade de professores que vendem notas? Se por acaso eu não fosse estruturalmente céptico às boas intenções de os candidatos, em qualquer contexto que seja, ainda alimentaria esperanças. A mais profunda de as esperanças seria ver uma Associação que estimula afiliação em consciência e não de forma compulsiva como ocorre. Ø **Quer dizer**, é uma espécie de contrato de adesão. Para quem não domina o assunto, logo que se aprova em o exame de admissão, o estudante caloiro é confrontado com ficha de inscrição e automática cobrança de quotas para o ano todo, bem como se deduz que parte de as mais de

seis fotografias de o tipo passe será para a Associação. (PA, http://angodebates.blogspot.com/2013_06_01_archive.html)

Nesses contextos, de acordo com Severo (2007), o sujeito explícito – frequentemente realizado por pronomes demonstrativos – desempenha a função de retomar segmentos anteriores, reforçando o caráter explicativo da construção.

Ainda de acordo com a concepção de Severo (2007), há uma predominância significativa de ocorrências de *quer dizer* com a função de ‘significa’ com sujeitos explicitamente realizados, em especial pronomes demonstrativos, que operam como elementos anafóricos no texto. Pode-se depreender que, embora esse comportamento evidencie um estágio menos avançado de gramaticalização, no qual a construção ainda preserva traços sintático-semânticos da forma plena, infere-se que, a partir do momento em que se tem um sujeito pronominal implícito, já há um início de gramaticalização, pois o contexto se torna mais abstrato.

4.3.2.3 Presença/ausência da conjunção *que* na construção *quer dizer*

A presença ou ausência da conjunção *que* na construção *quer dizer* se relaciona diretamente com o grau de integração sintática da construção e, conseqüentemente, com os estágios de gramaticalização. Em usos mais próximos da forma verbal plena, *quer dizer* tende a aparecer com uma oração explicitada pela conjunção *que*, mantendo seu valor composicional, frequentemente associado ao sentido de ‘significa’.

Estudos como os de Almeida (2022) e Carvalho e Almeida (2025) apontam que a supressão da conjunção *que* está associada a estágios mais avançados de gramaticalização, nos quais ocorre a decategorização da construção verbal. Nesses casos, *quer dizer* deixa de selecionar uma oração subordinada e passa a estabelecer relações textuais marcadas pela linearidade do discurso. Com isso, observa-se que, à medida que a construção avança no *continuum* de gramaticalização, percebe-se uma tendência à omissão da conjunção *que*, o que sinaliza um enfraquecimento da dependência sintática entre *quer dizer* e o segmento subsequente.

A título de ilustração, estão elencadas a seguir, ocorrências de *quer dizer* com a presença (40) e com a ausência (41) da conjunção *que* nas variedades do português brasileiro e angolano:

- (40) Os raios de o Sol entram pelas janelas de o carro, e parte de o calor é absorvida por os assentos, pelo painel, pelo carpete e pelos tapetes. Quando esses objetos liberam calor, ele não sai totalmente pelas janelas. Um pouco se reflete em o interior de o

veículo. O calor que os assentos liberam tem um comprimento de onda diferente de a luz de o Sol que conseguiu atravessar as janelas. Isso **quer dizer que** a quantidade de energia que entra é maior do que a que sai. O resultado é um aumento gradual em a temperatura dentro de o carro. Quando os raios de o Sol atingem a atmosfera e a superfície de a Terra, cerca de 70 % de a energia fica em o planeta e é absorvida pelo solo, pelos oceanos, pelas plantas e por outros elementos. (PB, <http://ambiente.hsw.uol.com.br/questao746.htm>)

- (41) A pergunta que faço é essa: estamos dispostos a melhor e defender Angola com armas pacíficas? Amamos realmente Angola em o ponto de morrer por ela? Amamos os angolanos em o seu sentido real e verdadeiro sem demagogia? Angola está em os bolsos ou em nossos corações? Há muito tempo Angola anda vendida aos estrangeiros, Angola está em os bolsos de os governantes. Os dados negativos sobre Angola são publicados todos anos, onde se pode ler que Angola continua sendo o pior lugar para uma criança nascer e viver, o índice humano de desenvolvimento continua um de os piores. Angola só perde de o Sudão, isto é, depois de a obtenção da paz, **quer dizer** Ø, as coisas permanecem na mesma forma como em o tempo de guerra. Antes se dizia era a guerra, tudo é guerra, mas 8 anos depois de a guerra o dinheiro de o petróleo não se vê onde é aplicado. (PA, http://cacbbr.blogspot.com/2011_02_01_archive.html)

No *corpus* analisado, constatou-se que a presença da conjunção *que* ocorre majoritariamente em contextos não gramaticalizados ou pouco gramaticalizados, ao passo que sua ausência é recorrente em usos de natureza conectiva e discursiva. Tal distribuição reforça a hipótese de que a omissão de *que* constitui um indício formal do avanço do processo de gramaticalização da construção *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português.

Conforme os trabalhos desenvolvidos por Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), nesta pesquisa também se hipotetiza a existência de uma correlação entre os usos mais gramaticalizados da construção *quer dizer* e a ausência da conjunção *que*. Nesse sentido, espera-se que nos dados das três variedades do português examinadas – brasileira, moçambicana e angolana – os usos em que *quer dizer* funciona como conector textual ou marcador discursivo tendam a ocorrer sem a presença da conjunção *que*, o que sinaliza um maior grau de gramaticalização.

4.3.2.4 Tipo de sequência linguística

O tipo de sequência linguística constitui um grupo de fatores relevante para a análise da construção *quer dizer*, uma vez que seus diferentes usos tendem a se distribuir conforme a organização discursiva do texto em que ocorrem. Nessa perspectiva, foram atestadas, nesta pesquisa, as seguintes sequências linguísticas: argumentativa, narrativa, injuntiva e descritiva.

De acordo com Travaglia (2018), a sequência argumentativa volta-se para a persuasão e para o interesse em convencer o interlocutor, a fim de defender um ponto de vista. Esse tipo de sequência, segundo o autor, está relacionado a textos como publicidades, artigos de opinião, editoriais, petições, entre outros. A sequência narrativa, por sua vez, organiza-se a partir da sucessão de fatos, envolvendo personagens, tempo e espaço e, conforme Travaglia (2018), é frequentemente encontrada em gêneros como atas, notícias, romances, novelas etc.

A sequência injuntiva tem como objetivo instruir, orientar ou prescrever ações, como ordens, receitas e procedimentos. Esse tipo de sequência propõe-se a expressar o desejo do locutor para seu interlocutor fazer algo por meio da orientação e da explicação, não tendo, necessariamente, a finalidade de convencer por meio da argumentação. Por fim, segundo Travaglia (2018, p. 1365), “na descrição, o conteúdo é sempre a localização do objeto de descrição (que é opcional), acompanhada das suas características (cores, formas, dimensões, texturas etc.) e componentes ou partes”. Assim, a sequência descritiva tem como objetivo o detalhamento de objetos, pessoas, lugares ou cenas, estando presente em textos como relatos, cardápios, diários, entre outros.

Nos estudos desenvolvidos por Dal Mago (2001) e Almeida (2022), verificou-se que a construção *quer dizer* ocorre com mais frequência em contextos argumentativos. Nessa perspectiva, infere-se que, sob o viés da gramaticalização, construções em processo de mudança linguística apresentam maior produtividade em contextos discursivos que favorecem a explicitação de pontos de vista, a reformulação de enunciados e o encadeamento argumentativo.

A seguir, são elencados os tipos de sequência de *quer dizer* encontrados no *corpus* da pesquisa, a saber: sequência argumentativa (42), sequência narrativa (43), sequência injuntiva (44) e sequência descritiva (45).

- (42) Nossa Homenagem, um reconhecimento a as pessoas pelo seu exemplo de sucesso. Ela nasceu e reside em a cidade de Benguela, atende por o nome de Deolinda Gaspar Simão, e costuma surpreender pela afeição que tem pelo futebol, ombreando com qualquer homem, quer em os bastidores, quer em o ajuizamento de jogos. “*Eu já venho gostando de desporto, em o seu geral, há um bom tempo. Mas, desde o mundial de 1998, aprofundei-me muito mais para esse lado mesmo, que é o futebol. Comecei a gostar, a praticar, estou agora a apitar também. Quer dizer, tudo relacionado mesmo a o futebol*”, conta. Deolinda Gaspar Simão é estudante, escuteira e professora. Mas é em o futebol que vive o maior desafio em a vertente de a arbitragem. “Diz-se categoria provincial. Fazemos jogos de iniciados, juvenis, juniores e seniores. Tive agora uma grande bênção, fui promovida para a 2ª divisão”. (PA, <http://angodebates.blogspot.com/2009/06/futebol-uma-jovem-que-vence-tabus-pelo.html>)

- (43) “*Dá-nos o pau, trazemos-te o produto*” é uma frase com mensagem codificada. O pau e o produto a que se referem não são, na verdade, aqueles objectos que conhecemos. São outros com um valor comercial não acessível a qualquer um. Descodificada, a mensagem da frase **quer dizer** “dá-nos a arma e trazemos-te o corno de rinoceronte”. Trata-se de uma frase famosa e familiar no interior de o Parque Nacional do Limpopo, sobretudo nos meandros da caça furtiva. Um de os guardas de o Parque Nacional do Limpopo contou-nos que é assim como eles (guardas) são aliciados pelos caçadores furtivos, por sinal colegas, com fortes ligações aos caçadores furtivos. (PM, http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/justia_polcia_tribunais/)
- (44) Quando percebemos que a nossa Alma, de algum lugar mais abrangente, consegue ver o mapa de todo o território de a nossa vida, deixamos de lado os excessos de intelectualizarão e a necessidade de estar sempre em o controle; de esse modo, nos sentimos mais confiantes e seguros para seguir adiante. *Os espíritos pioneiros sabem o verdadeiro valor de tomar atitudes arrojadas. Faça alguma coisa que lhe pareça arrojada, isso, de modo algum, quer dizer pôr em risco a sua integridade física. Não tenha medo de caminhar em direção a o desconhecido. Peça a alguém que lhe faça um carinho, ou qualquer coisa que você normalmente não teria coragem de pedir.* Dê o primeiro passo para restabelecer a comunicação positiva e amorosa em um relacionamento. Arrisque-se a sorrir ou a chorar em a hora certa. (PB, <http://ad-mensagensdeamor.blogspot.com/p/reflexao.html>)
- (45) Double opt-in é o processo no qual o usuário precisa confirmar explicitamente que deseja receber mensagens em o e-mail (newsletters e ofertas de serviços ou produtos). Isto deve ser feito através de um link, enviado para o endereço de e-mail de o usuário. veja o exemplo abaixo: *Como o próprio nome sugere, o processo ocorre em duas etapas: A primeira etapa é o momento de o cadastramento. Nela, devemos armazenar o nome de o usuário, o endereço de e-mail, data e hora do cadastramento e o IP de o usuário. Em esta etapa, ainda não podemos utilizar ou compartilhar os dados coletados, isto quer dizer que não devemos enviar mensagens para os contatos que não confirmarem a solicitação de opt-in.* A segunda etapa é a confirmação de o cadastramento. Em ela, devemos armazenar o endereço de e-mail e o IP de o usuário, incluindo a data e hora em que ocorreu a confirmação. (PB, <http://ajuda.uolhost.com.br/index.php?p=resposta&res=613>)

Seguindo as pesquisas de Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), parte-se, neste trabalho, da hipótese de que há uma tendência de os usos mais gramaticalizados da construção *quer dizer* ocorrerem em sequências argumentativas nos dados do português brasileiro, moçambicano e angolano. Compreende-se, a partir disso, que o falante recorre a esse tipo de sequência com o objetivo de expor seu ponto de vista e, nesse processo, utiliza a construção *quer dizer* como recurso na organização do discurso.

Assim, a análise do tipo de sequência linguística permite observar em que contextos discursivos os diferentes usos de *quer dizer* se estabilizam, contribuindo para a compreensão do avanço do processo de gramaticalização da construção nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português.

4.3.3 O instrumental quantitativo: o GoldVarb X

Nesta subseção, descreve-se o instrumental estatístico utilizado para a análise dos dados desta pesquisa, a saber, o programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), amplamente empregado em estudos sociolinguísticos de base variacionista. O uso desse programa possibilita a análise estatística da distribuição das variantes linguísticas em função de grupos de fatores previamente definidos, permitindo identificar quais contextos linguísticos e extralinguísticos favorecem ou desfavorecem a ocorrência de determinadas formas linguísticas variantes.

De acordo com Berlinck e Biazolli (2018), o GoldVarb X tem como objetivo processar grandes volumes de dados, controlando as variáveis previamente delimitadas pelo pesquisador, a fim de analisar e refinar a compreensão do fenômeno linguístico investigado. Além disso, Berlinck e Biazolli (2018, p. 268) destacam que o programa dispõe de diversas funções que contribuem para o aprimoramento da análise, tais como: análises univariadas, que “são casos em que se testam o efeito de uma variável independente sobre uma variável dependente”; análises multivariadas, que “permitem investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes”; e tabulações cruzadas, que “mostram as relações – ou a falta delas – entre as variáveis independentes”. As funções elencadas proporcionam ao pesquisador recursos analíticos mais precisos e sistemáticos, contribuindo para uma interpretação mais consistente dos resultados obtidos na pesquisa.

Para a quantificação de *quer dizer* na análise desta pesquisa, os dados foram previamente codificados, de modo que cada ocorrência da construção – funcionando como verbo, modal + *dicendi* e com valor de ‘significa’, como conector textual (nas funções de esclarecimento, retificação/ressalva, exemplificação e conclusão) e como marcador discursivo – fosse associada aos grupos de fatores controlados, a saber: pessoa gramatical do sujeito, explicitude/omissão do sujeito, presença/ausência da conjunção *que* e tipo de sequência linguística. Esses fatores foram posteriormente cruzados, de modo a possibilitar a análise da correlação entre esses grupos de fatores e os diferentes usos da construção *quer dizer*.

Por fim, cabe ressaltar que, embora o GoldVarb X ofereça suporte quantitativo fundamental para a análise dos dados, seus resultados são interpretados à luz de uma abordagem qualitativa, articulando-se os dados estatísticos às discussões teóricas sobre variação, mudança linguística e gramaticalização. Dessa forma, a análise quantitativa funciona como um

instrumento que subsidia a compreensão dos usos e funções discursivas da construção *quer dizer* no PB, no PM e no PA.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentam-se os resultados da análise dos dados referentes à construção *quer dizer* a partir das ocorrências do *Corpus* do Português, contemplando as variedades brasileira, moçambicana e angolana do português. A análise desenvolvida pauta-se em uma abordagem quali-quantitativa, com o apoio do programa GoldVarb X, conforme os procedimentos metodológicos descritos na seção anterior.

Busca-se, nesta etapa, examinar a distribuição dos diferentes usos da construção *quer dizer* bem como verificar a atuação dos grupos de fatores linguísticos controlados nesta pesquisa. Diante disso, cabe salientar que a abordagem quali-quantitativa, de acordo com Lacerda (2016), tem se fortalecido no século XXI, uma vez que possibilita um maior aprofundamento analítico ao articular procedimentos quantitativos e qualitativos, permitindo uma interpretação mais abrangente do fenômeno linguístico investigado.

A partir desses resultados, pretende-se identificar convergências e divergências entre o português brasileiro, moçambicano e angolano, de modo a compreender os estágios de gramaticalização de *quer dizer* nas três variedades analisadas. Ademais, a análise empreendida encontra-se alinhada às propostas de Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), o que contribui para ampliar a dimensão discursiva da interpretação dos dados apresentados e o papel dos usos efetivos da língua na emergência de novos usos da construção *quer dizer*. Assim, a comparação entre as três variedades permite verificar até que ponto os usos de *quer dizer* seguem trajetórias semelhantes de mudança linguística ou apresentam comportamentos próprios de cada contexto de uso.

A presente seção divide-se em quatro subseções. Na primeira, são apresentados os usos da construção *quer dizer*, funcionando como verbo, conector textual e marcador discursivo. Na segunda, evidencia-se a distribuição quantitativa dos usos de *quer dizer* na amostra da pesquisa. Na terceira, destacam-se os resultados referentes aos grupos de fatores linguísticos controlados na pesquisa (pessoa gramatical, explicitude/omissão do sujeito, presença/ausência da conjunção *que* na construção *quer dizer* e tipo de sequência linguística). Por fim, na quarta seção, destacam-se as convergências e divergências da construção *quer dizer* no PB, no PM e no PA, sintetizando os resultados obtidos a partir da análise quantitativa.

5.1 USOS DE *QUER DIZER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO, MOÇAMBICANO E ANGOLANO

Analisa-se, nesta subsecção, os diferentes usos da construção *quer dizer* identificados no *corpus* desta pesquisa, considerando as variedades brasileira, moçambicana e angolana do português. Foram atestados, portanto, os seguintes usos referentes à construção *quer dizer*: verbo modal + *dicendi*, locução verbal com valor de ‘significa’, uso retificador/ressalva, uso esclarecedor, uso exemplificador, uso conclusivo e marcador discursivo.

(i) Verbo modal + *dicendi*

- (46) a. Não está dizendo que ele deveria ir a Espanha pregar o Evangelho. É mesmo, provavelmente ele foi esquiar! Portanto, e repetindo o argumento, o que Paulo quis dizer em o verso 23 de Colossenses pode ser explicado em o mesmo capítulo, verso seis, “ Em todo o mundo este evangelho vai frutificando ” (Col. 1:6). “« Em todo o mundo »”, como um uso hiperbólico, não deve ser tomado literalmente. O apóstolo aqui provavelmente determinou a entender que o evangelho é uma mensagem universal, concebido para todos os homens e adequado para ser pregado entre todas as nações. O que ele **quer dizer** no contexto de Colossenses é que o Evangelho avançava alcançando vários povos. Uma hipérbole é uma figura de linguagem que contém um exagero óbvio (sem nenhuma intenção de duplicidade) com o objetivo de enfatizar uma verdade, e foi exatamente isto que Paulo fez em Colossenses 1:23. (PB, <http://agrandecidade.com/category/minhas-palavras-nao-passarao/o-evangelho-em-todo-o-mundo/>)
- b. Voltemos matéria de facto! Como já nos habituou, as ideias não estão elaboradas integralmente, o líder pura e simplesmente não elaborou nada sobre em que consistirá tal “« governo de transição »” que vai exigir, nem como vai ser composto e funcionar. Assim, torna algo complicado entender efetiva e exatamente o que ele tem em mente; no entanto, é extremamente importante que saibamos o que ele **quer dizer**. Mea culpa para os profissionais de comunicação... parece também que nenhum de os jornalistas presentes lhe perguntou! O erro de pensar que sabemos ou entendemos como o mundo é ou funciona. Mas ficou a ideia: um governo constituído por políticos de a Frelimo e de a Renamo e mais uns tantos de as outras formações políticas! (PM, <http://diariomoz.com/index.php/opinao/811-o-sombrio-caminho-da-nossa-democracia>)
- c. O GENERAL PAKAS em Grande' A mencionada afirmação tem ou poderia ter o mesmo condão de o famoso ‘abracadabra!’ de o bruxo ou de o mágico célebre ‘abre-te sésamo’, com tal afirmação General Pakas, desmistificou e desvendou o que parece ser ‘segredo de os deuses’ e blasfêmico, interpretando o espírito e letra de tal afirmação, o general **quer dizer** que, qualquer militante de o MPLA tendo as necessárias qualificações (e tais qualificações não é atributo de nenhum

deus), pode aspirar a presidência de o Partido. Que tal aspiração, não é reservada a um grupinho selecto de ‘deuses’ ou algum herdeiro natural de um candidato natural e incontestável. (PA, <http://noticiasdeangola.info/noticias.html?start=1485>)

Observa-se, nos dados apresentados em (46), que os verbos *querer* e *dizer* atuam em sua forma plena, mantendo autonomia semântica e sintática. Em (46a), o sujeito pronominal *ele* acompanha o verbo volitivo *querer*, que modaliza o verbo *dicendi* *dizer*. Nesse caso, o pronome retoma anaforicamente o sintagma nominal “apóstolo”. Quando o locutor destaca “*o que ele quer dizer no contexto de Colossenses é que o Evangelho avançava alcançando vários povos*”, há a intenção de querer dizer algo, por isso a aceção de verbo pleno. Em (46b), o pronome *ele* retoma anaforicamente “o líder”, evidenciando, novamente, o carácter volitivo do verbo *querer*. Já em (46c), “o general” ocupa a posição de sujeito do verbo *querer*, configurando, portanto, o uso modal + *dicendi* da construção *quer dizer*, ou seja, o general, nesse contexto, tem a intenção de dizer que qualquer militante do MPLA “*pode aspirar a presidência de o Partido*”.

Os dados analisados evidenciam, assim, um uso ainda composicional da construção, no qual o verbo *querer* exerce função modalizadora sobre o verbo *dizer*, sem que haja perda significativa de conteúdo semântico por parte de nenhum dos dois verbos. Trata-se, portanto, de um contexto não gramaticalizado, em que os constituintes mantêm suas propriedades lexicais, ainda que se encontrem fortemente associados no discurso. Essa atração funcional entre os verbos pode ser compreendida como resultado da dinamicidade da língua e da recorrência de padrões de uso.

Dal Mago (2001) aponta que, nos contextos de uso modal + *dicendi*, os verbos *querer* e *dizer* preservam sua autonomia semântica, embora estejam ligados sintaticamente. Nesses casos, não se pode ainda falar em locução verbal plenamente constituída, uma vez que o sentido da construção resulta da soma dos significados dos verbos e não de um valor unitário e abstratizado.

Na amostra analisada, constatou-se que o uso modal + *dicendi* apresenta baixa produtividade nas variedades do português brasileiro, moçambicano e angolano, especialmente quando comparado ao uso de *quer dizer* com o valor de ‘significa’, estágio intermediário nos termos de Gonçalves et al. (2007). Depreende-se, de acordo com a amostra desta pesquisa, que o uso modal + *dicendi*, mais composicional, tende a ocupar uma posição mais periférica, enquanto os usos mais abstratizados ganham maior frequência e estabilidade.

Nesse sentido, o princípio da divergência, proposto por Hopper (1991), mostra-se fundamental para a compreensão da trajetória de gramaticalização de *quer dizer*. Segundo esse

princípio, a forma lexical plena não desaparece com o surgimento de usos mais gramaticalizados; ao contrário, continua a coexistir com as novas funções, atuando como fonte e, simultaneamente, como forma independente no sistema linguístico. Assim, mesmo nos contextos em que *quer dizer* mantém seu valor pleno e composicional, a construção convive com usos mais gramaticalizados, influenciando e sendo influenciada.

Dessa forma, a composicionalidade observada nos usos modal + *dicendi* demonstra que os verbos *querer* e *dizer* ainda exercem papel ativo no discurso como unidades lexicais autônomas, ao mesmo tempo em que participam de um processo mais amplo de mudança linguística, no qual emergem novos valores funcionais e discursivos para a construção *quer dizer* nos vários contextos de uso.

(ii) Locução verbal com valor de ‘significa’

- (47) a. Redução no volume de spam por email não **quer dizer**, necessariamente, que há uma redução em o volume de spam. Rik Ferguson, especialista em segurança de a Trend Micro, alertou que o volume de spam não está diminuindo em as caixas de email. O que está acontecendo é na realidade uma migração para as redes sociais. Em breve entrevista ao site The Inquirer, Ferguson comentou que os cibercriminosos seguem as tendências para acompanhar os usuários e que, por conta disso, estão cada vez mais frequentes o uso de canais como o Facebook, Twitter e até mesmo o Instagram para tentar ganhar a atenção de o usuário. O alerta é para que o mesmo comportamento de precaução que foi aprendido com o email seja aplicado em as redes sociais, evitando cair em mensagens suspeitas que carreguem links, por exemplo. (PB, <http://admarcelinovieira.blogspot.com/>)
- b. Não podemos parar de formar o Homem. Temos de criar perspectivas sobre aquilo que queremos de nós em os próximos 10 ou 20 anos, em um aspecto global e sobretudo primando pela qualidade. E esse fraco investimento tem impacto em a produção cultural? Certamente, mas como em tudo há sempre uma exceção à regra. Por exemplo, em Inhambane há uma escola -- que recebe o mesmo orçamento que as outras mas é -- limpíssima. Não possui nenhum risco em a parede, há árvores para sombra plantadas pelos próprios alunos. Então, isso quer **dizer que** mais do que diretores precisamos de líderes em as escolas e professores que comandam as pessoas, gerando a transformação. (PM, <http://iphone.verdade.co.mz/cultura/39384-kulimando-saberes-com-calane-da-silva>)
- c. Um homem de aqueles, que escreve A Sagrada Esperança, não pode ser um criminoso. E eu não estaria aqui a apoiar um criminoso. Se aconteceu essa desgraça, isso não foi ele. Há uma frase que ele disse em o Palácio: “« Aqui onde me puseram, onde nem ouço a chuva. »” Isso, em termos africanos, **quer dizer** muito. Ele queria sair, mas estava amarrado. Quem o manietava? – As forças de o MPLA, de a segurança... Não queriam que ele soubesse. (PA,

<http://giuridicopolitico.blog.com/2008/01/11/nao-acha-que-jes-esta-ha-muito-tempo-no-poder-nao-quero-criar-problemas/>)

Os usos exemplificados em (47) evidenciam um dos usos mais produtivos da construção *quer dizer* na amostra desta pesquisa, a saber, com o valor de ‘significa’. Em (47a), o locutor enfatiza que “a redução no volume de spam por email não **quer dizer**, necessariamente, que há uma redução em o volume de spam”. Nesse contexto, observa-se que a substituição de *quer dizer* por ‘significa’ é plenamente possível, sem prejuízo semântico, o que confirma a produtividade e a estabilidade desse uso na língua e, especialmente, nos dados analisados.

Em (47b), ocorre fenômeno semelhante, ainda que em um contexto discursivo distinto. Nesse caso, o fato de as árvores serem plantadas pelos próprios alunos e gerarem sombra ‘significa’ a necessidade de incentivar práticas de liderança estudantil, sem atribuir exclusivamente a professores e gestores escolares a responsabilidade pela resolução dos problemas da escola. Já em (47c), *quer dizer* mantém o valor de ‘significa’, mas passa a carregar traços semânticos mais abstratos, associados à ideia de relevância ou importância, o que amplia seu escopo discursivo e permite sua inserção em contextos pragmáticos mais complexos. De modo geral, o uso de *quer dizer* com valor de ‘significa’ mostrou-se altamente produtivo nas variedades do PB, do PM e do PA.

De acordo com Almeida (2022, p. 48), “os verbos *querer* e *dizer* já não possuem seus sentidos individuais, funcionam como locução verbal (tendo um único valor semântico), ampliando suas funções nos contextos textuais”. Observa-se, portanto, que, nesse uso, os verbos passam a constituir uma unidade semântica integrada, ainda preservando estatuto verbal, mas já em um estágio intermediário de gramaticalização (Gonçalves et al. (2007), caracterizado pela perda da autonomia semântica dos constituintes e pela consolidação de um único valor funcional – diferentemente do uso modal + *dicendi*, em que ainda há dois núcleos semânticos distinguíveis.

Dal Mago (2001, p. 68) salienta que ‘significa’ atua como um valor sinonímico de *quer dizer* e que, “dado seu caráter lexical, com estatuto verbal, opera prototipicamente num âmbito sintático definido, ligando constituintes de natureza nominal (sujeito e complemento)”. À vista disso, esse uso favorece a ampliação dos contextos de atuação de *quer dizer*, que passa a escopar segmentos oracionais cada vez mais extensos, o que aponta para o avanço do processo de gramaticalização. Ainda de acordo com a autora, o escopo está relacionado ao alcance sintático e semântico de um elemento linguístico, ou seja, a abrangência de *quer dizer* está relacionado ao contexto discursivo em que se encontra.

Nesse estágio intermediário do processo de gramaticalização, conforme proposto por Gonçalves et al. (2007), observam-se evidências do princípio da decategorização, formulado por Hopper (1991). Tal princípio manifesta-se na perda gradual de traços verbais prototípicos da construção, que passa a atuar em contextos mais abstratos e discursivamente orientados, funcionando como sinônimo de ‘significa’ e afastando-se de seu uso plenamente composicional.

Além disso, há no *corpus*, como ilustrado em (48), a ocorrência de *quer dizer* com o sujeito (*isto*) intercalado na locução verbal (*quer isto dizer*). Esse tipo de configuração revela o caráter dinâmico do processo de gramaticalização da construção, uma vez que pequenas variações sintático-discursivas coexistem com formas mais cristalizadas. Tais alternâncias, somadas a outros contextos de uso, contribuem para impulsionar a mudança linguística e evidenciam a convivência entre padrões mais conservadores e construções inovadoras no sistema linguístico. A seguir, apresenta-se o referido exemplo:

- (48) Compreende-se também que em esta evolução ocupem um lugar muito especial os textos legais relativos a o aproveitamento de os recursos naturais. Quanto a os recursos naturais, o discurso legislativo afastou-se progressivamente de a posse de a terra para outros temas. Não **quer** isto **dizer** que a posse de a terra tenha perdido toda a carga ideológica que tinha em os anos setenta ou que tenha deixado de constituir uma questão socialmente relevante – mas quer dizer que o País evoluiu e que se descobriram em os recursos naturais oportunidades e problemas diferentes. A riqueza de Moçambique em os domínios de as pescas, de a produção energética, de os recursos minerais constitui um factor essencial em o lançamento económico de o País e o reenquadramento legal de estes sectores, muitas vezes vindo abolir legislação em vigor há quase um século, é consequência de isso mesmo. (PM, http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2005/09/)

O uso da construção *quer dizer* com valor de ‘significa’, de acordo com Gonçalves et al. (2007), pode ser associado a mais um dos princípios propostos por Hopper (1991), a saber, o princípio da especialização. Esse princípio refere-se ao processo pelo qual, entre diferentes formas potencialmente concorrentes para expressar uma mesma função semântico-discursiva, uma delas se torna progressivamente mais frequente e funcionalmente especializada no uso. Ainda de acordo com Gonçalves et al. (2007), no caso específico de *quer dizer*, observa-se que outras construções verbais semanticamente próximas – como *pode dizer*, *significa dizer*, *quer significar*, entre outras – não conseguiram competir de forma equivalente no discurso. Isso indica que *quer dizer* passou a ocupar, de maneira preferencial, o espaço funcional associado à expressão de equivalência semântica, consolidando-se como a forma mais produtiva para veicular o valor de ‘significa’.

Por fim, o princípio da especialização evidencia que, entre as diversas possibilidades disponíveis na língua para expressar ‘significa’, *quer dizer* tomou a dianteira no uso discursivo, especializando-se progressivamente nessa função. Tal especialização contribui diretamente para o avanço do processo de gramaticalização da construção, uma vez que o aumento de frequência associado à fixação funcional favorece sua estabilização como uma unidade semântico-discursiva relativamente autônoma no sistema linguístico.

(iv) Uso esclarecedor

- (49) a. Oliver diz que já foi agarrado e beijado por Bárbara em festa (Divulgação). De acordo com o portal Terra, Marcos Oliver está a cada dia mais irritado com Bárbara no confinamento de “« A Fazenda 6 »”. E, no que depender dele, em breve o Brasil conhecerá uma história impensável sobre filha de Monique Evans. **Quer dizer:** como ele está em uma casa onde todos os movimentos são filmados, o segredo acabou sendo contado a um dos colegas e o País inteiro já o conhece. Em conversa com Andressa Urach, na noite de sexta-feira (6), o peão afirmou que em seus tempos de stripper no Clube de as Mulheres foi certa vez agarrado pela peoa. “« To esperando uma oportunidade de falar um negócio que sei dela pra falar na cara dela, começou ele. »” Antes de eu casar, tava em temporada em Campos de o Jordão e, quando acabou o show, a Bárbara me empurrou pra dentro do camarim e começou a me beijar. (PB, http://acritica.uol.com.br/buzz/Manaus-Amazonas-Amazônia-Fazenda-Oliver-agarrado-beijado-Barbara_0_989301071.html)
- b. Isso obriga a que as pessoas se filiem forçosamente em um partido político para garantir o seu bem-estar económico e social, o que violenta a liberdade de opção que deveria assistir a qualquer cidadão em um país democrático. * Combate efectivo contra a corrupção, sobretudo em o sector público. É que não há Paz possível enquanto uns poucos engordarem diariamente à custa da miséria da maioria, que emagrece e morre devido à fome e doenças porque os fundos para isso estão a ser desviados para alimentar o luxo em que navega a minoria corrupta. **Quer dizer,** enquanto prevalecer a cultura de impunidade da corrupção, sobretudo entre os que detêm ou detiveram cargos públicos importantes, enquanto isso prevalecer, há- de ser muito difícil convencer as vítimas da corrupção das boas intenções verbais de seja qual for o governo em funções. É preciso que se dê exemplos concretos de que este governo pretende incompatibilizar- se com a corrupção. (PM, <http://associacaomocambicana.blogspot.com/2005/12/um-palmo-do-dia-da-paz.html>)
- c. Em a riqueza o marxista-leninista é violento, virulento. Só ele é que tem direito a o usufruto dos dólares. Os seus irmãos pagam com a prisão ou a morte a reivindicação de a parte que lhes é negada, sonegada. As democracias ocidentais condenam veementemente o marxismo-leninismo, mas em os outros continentes apoiam-no sem reservas. Por aqui se pode premiar a célebre hipocrisia da democracia. **Quer dizer:** no interior do lar há democracia, no exterior selvajaria.

Os célebres democratas são assim: onde há matérias-primas não há democracia. E fazem acordos secretos com os marxistas-leninistas para que estes se apresentem de vez em quando como democratas. (PA, http://folha8.blogspot.com/2011_02_01_archive.html)

De acordo com os dados apresentados em (49), o uso esclarecedor de *quer dizer*, bastante produtivo na amostra desta pesquisa, tem como principal objetivo ampliar e explicitar a informação anteriormente veiculada, reformulando-a de modo a aumentar seu nível de detalhamento explicativo e, assim, favorecer a compreensão do interlocutor. Trata-se de um uso que não corrige o conteúdo proposicional, como ocorre na retificação, mas que expande e aprofunda o sentido do enunciado precedente.

Em (49a), o locutor comenta o modo como Oliver se sentia diante do assédio sofrido por Bárbara Evans no programa “A Fazenda”. Ao afirmar que o Brasil conheceria “uma história impensável” sobre a filha de Monique Evans, o locutor recorre a *quer dizer* para acrescentar informações relevantes, esclarecendo que o segredo acabou sendo contado a um dos colegas. Essa ampliação informacional é fundamental para que o interlocutor compreenda plenamente o sentido da afirmação inicial.

Em (49b), o esclarecimento incide sobre um contexto político de Moçambique. O locutor afirma que recursos financeiros estariam sendo desviados para sustentar o luxo de uma classe dominante e corrupta, enquanto a população enfrenta fome e doenças. Ao empregar *quer dizer*, o locutor amplia o escopo interpretativo do enunciado ao introduzir uma reflexão avaliativa: enquanto a impunidade prevalecer, será difícil que o povo acredite nas intenções discursivas de qualquer governo que venha a assumir o poder. Nesse caso, *quer dizer* funciona como um mecanismo de aprofundamento argumentativo, conectando o dado à avaliação crítica do locutor.

Situação semelhante ocorre em (49c), em que o locutor amplia sua argumentação ao introduzir, por meio de *quer dizer*, uma continuação do raciocínio previamente iniciado. Ao afirmar que “por aqui se pode premiar a célebre hipocrisia da democracia”, o locutor utiliza *quer dizer* com claro valor argumentativo para esclarecer seu ponto de vista, acrescentando que “no interior do lar há democracia, no exterior selvajaria”. Nesse contexto, a construção atua como conector textual, organizando o encadeamento argumentativo e ampliando o conteúdo informacional com vistas ao convencimento do interlocutor.

À vista disso, de acordo com a descrição de Gonçalves et al. (2007, p. 111), *quer dizer* “introduz uma unidade apositiva que geralmente parafraseia uma unidade-base representada por um sintagma ou por oração ou orações, transmitindo *outra maneira de significar*”. Nesse

sentido, os autores destacam a possibilidade de expansão de escopo informacional, uma vez que, em contextos apositivos, a construção permite a ampliação dos significados e o refinamento interpretativo do enunciado.

Sob essa perspectiva, Almeida (2022) ressalta que esse uso articula elementos textuais com o intuito de preservar o objetivo comunicativo do locutor diante da informação veiculada. Além disso, o autor observa que *quer dizer* “adquire uma nova função semântico-pragmática e, da mesma forma que acontece quando tem o valor de retificação, passa a atuar como organizador textual, operando no plano gramatical” (Almeida, 2022, p.51). Alinhado ao entendimento do autor, defende-se que há, nesse uso, uma reanálise categorial, visto que *quer dizer* deixa de funcionar como uma construção verbal plena e passa a atuar como conector textual, consolidando-se como um recurso discursivo de explicitação e ampliação de sentido.

(iii) Uso retificador/ressalva

- (50) a. [...] A Arena de a Amazônia ficou mais próxima, assim como o nosso destino final, de onde saímos, o aeroclube. Prestes a pousar, o comando: “« levanta as pernas! »” e caímos sentados no chão. Encontrei o Marcell, ele não perdeu tempo e já estava gravando o fim da aventura. Levantei, feliz da vida, com a certeza de que quero mais e o arrependimento de não ter saltado antes. Agora a adrenalina dá lugar a tranquilidade, o sentimento predominante em mim foi de paz, como nunca senti. E a 15 km/h só restava curtir a paisagem pelos próximos 6 minutos até chegar ao chão. O Ricardo me deixou navegar **quer dizer**, puxar as batoques (alças) do paraquedas, lógico, no comando dele: “« direita, esquerda »”.
comentários Termos e condições de uso – Comentários O conteúdo de cada comentário é de única e exclusiva responsabilidade civil e penal do cadastrado. nos casos de o usuário ser menor de idade, este deverá obter permissão de seus pais ou responsáveis legais para aderir a este Termo de Uso. (PB, http://acritica.uol.com.br/craque/Manaus-Amazonas-Amazonia-Reporter-descreve-sensacao-saltar-para-quedas_0_989301092.html)
- b. Havia pessoas que pensavam que era um casamento destinado ao fracasso. “« Não dou mais do que um ano »” foi um dos comentários negativos que ouvi. Mas as coisas não são assim. Só acaba quando eu quiser e ele quiser. Não é pelos outros quererem que vai terminar. Nós não deixamos que as pessoas acabem com aquilo que estamos a construir. Corrida de obstáculos O início não foi fácil. Tinha uma posição a defender e foi um bocado complicado. **Quer dizer**, foi e não foi, porque houve pessoas que não entenderam, enquanto que outras me felicitaram. (PM, <http://mulher.sapo.mz/afectos-relacoes/viver-com-um-homem-mais-novo-143280-1.html>)
- c. O “reviscionista” Kruchtchev, entre muitas coisas mais, poderá ler no Relatório secreto ao XX congresso do partido comunista da União Soviética (1956), conquanto referindo-se apenas ao pessoal dirigente da sua agremiação: foi demonstrado que, dos 139 membros e suplentes do Comité Central do Partido,

que tinham sido eleitos no XVII Congresso, 98% tinham sido presos e fuzilados, **quer dizer** 70 %, na maior parte em 1937-1938?. Ou ainda: “« Sorte idêntica foi reservada, não só aos membros do Comité Central, mas também a maioria dos delegados ao XVII Congresso»” [...] (PA, <http://www.27maio.com/nito-alves-1945-1977/>)

- d. Estou a falar do carnaval, foclores, kituxes e sembas muximas, etc..., destes nomes sonantes que conservamos e não tenhamos complexos. Agora há muita coisa a fazer, evidentemente, mas vamos estar sensibilizados nas coisas que são nossas, não nas coisas dos outros. Parece-me que às vezes perde-se um bocado de tempo nas coisas do Brasil, R&B americano, da Europa, não é verdade, dá-se muito mais ênfase nisso, o que não é muito bom para a conservação das nossas tradições. Viveu em bairros como Marçal, Bairro Operário e Coqueiros. Como é que vê Luanda hoje? **Quer dizer**, tomando em conta o tempo conturbado que tivemos aqui, isso fez com que nos afastássemos de outras realidades que seria bom conservar. Esses bairros, de facto, contribuíram para a nossa formação, de homens e mulheres que se impuseram aí, mesmo do ponto de vista das lutas e das reivindicações, esses musseques foram o ponto de partida para muitas coisas maravilhosas. O que é que os seus amigos de infância, que vivem em o país, lhe dizem sobre Angola de os tempos de paz? Cada um tem o seu ponto de vista. (PA, <http://noticiasdeangola.info/noticias/entrevistas.html>)

Os exemplos apresentados em (50) evidenciam ocorrências de *quer dizer* com função retificadora, nas quais o locutor corrige a informação previamente enunciada, substituindo-a por outra que considera mais adequada ao conteúdo que deseja expressar. Trata-se, portanto, de um uso em que a construção atua na reorganização discursiva, incidindo diretamente sobre o enunciado anterior.

Em (50a), o locutor afirma inicialmente que Ricardo o deixou “navegar”, mas, em seguida, retifica essa informação ao elucidar que ele apenas “puxou as alças do paraquedas”. Observa-se, assim, uma correção do conteúdo proposicional, promovida por *quer dizer*, que ajusta a interpretação do enunciado anterior. Em (50b), a locutora reflete sobre os comentários recebidos acerca do seu casamento: ao afirmar que “foi um bocado complicado”, introduz uma retificação ao reformular essa avaliação para “foi e não foi” sinalizando que, apesar das dificuldades, também houve manifestações positivas do seu casamento. Já em (50c), a retificação ocorre quando o locutor abandona a porcentagem 98% e a substitui por 70%, retificando a informação veiculada.

Em (50d), observa-se, de acordo com Gonçalves et al. (2007), um caso raro de ressalva, em que, no desenvolvimento discursivo do locutor, abre-se espaço para a inserção de um adendo, isto é, de uma informação adicional que relativiza ou complementa o que vinha sendo argumentado. Nesse exemplo, ao afirmar que “viveu em bairros como Marçal, Bairro Operário e Coqueiros. Como é que vê Luanda hoje?”, o locutor interrompe momentaneamente o

encadeamento do discurso e, ao empregar *quer dizer*, introduz uma ressalva: “tomando em conta o tempo conturbado que tivemos aqui, isso fez com que nos afastássemos de outras realidades que seria bom conservar”. Observa-se, portanto, uma pausa discursiva que permite a inclusão de uma informação adicional, agregada ao argumento previamente apresentado, funcionando como ajuste interpretativo do ponto de vista exposto.

Nesses contextos, *quer dizer* já não desempenha função verbal plena, mas passa a atuar como conector textual, responsável por orientar o interlocutor no processo de reformulação e ajuste do sentido. Conforme assinalam Gonçalves et al., (2007, p. 110), nesse estágio do processo de gramaticalização, a função verbal “não mais permanece, o item passa a participar do conjunto das categorias textual-discursivas da língua, acumulando diferentes funções pragmáticas”.

Dessa forma, observa-se que o uso retificador/ressalva de *quer dizer* representa um estágio avançado de gramaticalização, uma vez que a construção se desloca para o domínio discursivo-pragmático, passando a operar na organização do discurso, na negociação de sentidos e na adequação discursiva do enunciado em diferentes contextos de uso.

(v) Uso exemplificador

- (51) a. Essa coisa de balé e futebol eu não explicito porque é super comum nos EUA também – a diferença é que lá o futebol é para meninas! – mas adorei sua observação sobre a natação. De fato, acho que a natação para bebês é coisa nossa!:) E também acho ótimo. Uma delícia! Poxa, bem que amaria criar minha Joana em contato tão íntimo com a natureza! Gosto demais! Agora, vc está corretíssima quanto as suas observações sobre os pais brasileiros, **quer dizer**, acho que as mães são muito piores quando o assunto é a beleza física do filhote. Já cansei de ouvir e até de dizer (assumo), que não quero filho feio. Só agora compreendo que essa necessidade é algo generalizado, exterior e principalmente coercitivo que já está mais que posto para nossa sociedade. O pavor, na verdade, é o que outros pensarão e falarão sobre a ausência de beleza de o seu filhote. (PB, <http://amaequequeroser.wordpress.com/2012/01/31/maternidade-a-ultima-fronteira-da-globalizacao/>)
- b. [...] Mas esta norma (art. 84, n. 1 de a CRM) é programática. Como tal, esta norma não pode ser aplicada directamente, isto é, não pode o cidadão moçambicano exigir que o Estado a aplique imediatamente. **Quer dizer**, o cidadão não pode, por exemplo, apresentar queixa em o tribunal para que este condene o Estado a arranjar emprego para ele seja em o Estado como em empresas públicas ou privadas. E isso não significa que o trabalho não seja direito fundamental e dever de cada cidadão. [...] (PM, <http://m.meusalario.org/mocambique/main/leidetrabalho/tratamentojusto/direitosedeveres-laborais>)

O uso exemplificador da construção *quer dizer* foi identificado apenas no PB e no PM, não tendo sido encontrado no PA na amostra analisada. Considerando que o *corpus* utilizado é composto predominantemente por dados escritos, pode-se inferir que a baixa ocorrência desse uso no *corpus* esteja relacionada à própria natureza da amostragem desta pesquisa. Nesse sentido, é plausível supor que, em *corpora* de modalidade oral, esse uso apresente maior produtividade, uma vez que a exemplificação é um recurso recorrente na interação face a face e em práticas discursivas mais espontâneas. No entanto, no domínio escrito, observa-se uma frequência reduzida desse emprego.

Em (51a), identifica-se de forma bastante clara o funcionamento de *quer dizer* como introdutor de exemplificação. O locutor afirma, inicialmente, que uma mãe ama criar a filha em contato com a natureza; contudo, ao recorrer a *quer dizer*, acrescenta uma informação com valor exemplificador, ao mencionar que as mães são muito piores quando se trata da beleza física de seus filhos. Nesse caso, a informação anterior não se mostra suficiente para sustentar o ponto de vista do locutor, tornando necessária a introdução de um exemplo que concretize e torne mais inteligível o conteúdo previamente apresentado. Assim, *quer dizer* atua como um articulador discursivo que ancora a argumentação em um caso específico, ampliando o conteúdo informacional.

Em (51b), o locutor discute uma norma prevista na Constituição da República de Moçambique (CRM), afirmando, inicialmente, que “não pode o cidadão moçambicano exigir que o Estado a aplique imediatamente”. Ao empregar *quer dizer* como articulador textual exemplificador, o locutor introduz um exemplo esclarecedor: “o cidadão não pode, por exemplo, apresentar queixa em o tribunal para que este condene o Estado a arranjar emprego para ele seja em o Estado como em empresas públicas ou privadas”. Nesse contexto, *quer dizer* introduz um caso concreto que ilustra a afirmação geral previamente enunciada, funcionando como um mecanismo argumentativo.

(vi) Uso conclusivo

- (52) a. O modelo autônomo de letramento é aquele em que o problema da não aprendizagem é uma questão individual. Vejamos o depoimento, abaixo transcrito, de uma das alunas com quem conversamos: “« Quando eu era pequena, eu morava com madrinha, né! E minha madrinha me deixava estudar, mas tinha que fazer tudo dentro de casa. Tinha que lavar, passar, cozinhar, tudo. Aí ela me colocava estudar a noite, né! Trabalhar o dia inteiro e só podia estudar a noite. Aí quando chegava a noite eu não queria mais nada, já estava cansada, já tinha feito um monte de coisa, aí, **quer dizer**, não escrevi nada, não aprendi

nada. Aí eu parei. »” (PB, http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/GarciaInezHelenaMuniz.htm)

- b. [...] De acordo com YassinAmuji, presidente do Vilankulo FC, “vamos encarar o Moçambola com a mesma humildade, responsabilidade e determinação que caracteriza o grupo de trabalho. [...] Pretendemos, certo, jogadores que constituam uma mais-valia para a equipa. “« Mas também vamos manter a nossa filosofia que passa por proporcionar a os mesmos uma formação suplementar »”, afirmou para, mais adiante, recordar: “« ano passado, por exemplo, optámos por proporcionar a alguns jogadores cursos de inglês, para além de terem tirado a carta de condução. **Quer dizer**, estamos a pensar em a formação de estes jogadores. Em seu futuro »”. [...] (PM, http://desportodemocambique.blogspot.com/2010_01_01_archive.html)

Em (52), observa-se o uso conclusivo da construção *quer dizer*, em que o conector é empregado para encerrar o ponto de vista do locutor, funcionando como um mecanismo de fechamento discursivo. Tal uso foi atestado apenas no PB e no PM, não tendo sido registrado no PA.

No excerto apresentado em (52a), *quer dizer* introduz a conclusão do turno argumentativo da locutora. Inicialmente, ela relata o cansaço acumulado ao longo do dia – “quando chegava a noite eu não queria mais nada, já estava cansada, já tinha feito um monte de coisa” – e, ao empregar *quer dizer*, sintetiza e conclui sua experiência ao afirmar que “não escrevi nada, não aprendi nada. Aí eu parei”. Nesse contexto, a construção atua como um articulador textual conclusivo, reorganizando as informações apresentadas e marcando o encerramento do raciocínio desenvolvido.

Em (52b), tem-se um contexto argumentativo relacionado à formação de jogadores de futebol, em que o locutor menciona, inicialmente, iniciativas como cursos de inglês e a obtenção da carta de condução. A introdução de *quer dizer* sinaliza a conclusão interpretativa do enunciado, quando o locutor afirma que “estamos a pensar em a formação de estes jogadores. Em seu futuro”. Assim, *quer dizer* funciona como um articulador que condensa e sintetiza o argumento previamente exposto.

Sob a perspectiva da gramaticalização, o uso conclusivo evidencia um estágio avançado do processo, no qual *quer dizer* se afasta significativamente de suas propriedades verbais, passando a atuar como um conector textual, na organização discursiva, com o objetivo de fechar a síntese argumentativa, reforçando a inserção desse uso na interação discursiva.

(vii) Marcador discursivo

- (53) a. Olá! Meu nome é Luciana. Tenho 28 anos e há dois meses fui diagnosticada com artrite reumatóide. Mas ao fazer um exame de rotina na dentista ela identificou que eu estou produzindo pouca saliva. Conversei com minha reumatologista e ela disse que posso não ter artrite reumatóide, ou posso ter a AR e a síndrome de sjogren, então estamos investigando. Os sintomas não me incomodam muito, **quer dizer**... Não me incomodam em nada ainda. Gostaria de saber como é a progressão de essa doença. Todos os portadores necessariamente terão todos os sintomas? Eu tive duas “« crises »” com dores em as articulações, inchaços e vermelhidão em as juntas e manchas vermelhas em as pernas. Logo fui encaminhada a um reumatologista e comecei a tomar Plaquinol 200 mg por dia. Agora não sinto mais dores, mas estou realmente apavorada com essa doença, pois pesquisando, vi que ela não entra em remissão como as outras doenças auto-imunes. (PB, <http://adordesermulher.blogspot.com/2010/06/sindrome-de-sjogren-como-se-diagnostica.html>)
- b. O visitante salvou-me do embaraço, decidindo filosofar sobre a tendência universal de o aumento de a criminalidade. Eu acreditava que o mau momento passara quando ele lançou nova interrogação: – E conduzir? – Conduzir? Ao menos, eu fizesse uso de mais imaginação. A repetição de a pergunta era um estratagema que ameaça saturar. – Sim, conduzir um carro? Acha que posso? – Claro que pode, se tiver carta de condução. – Tenho, sim. Mas é seguro? – Bem... **quer dizer**... é preciso ter alguns cuidados... – Como, por exemplo... por exemplo.... Desta feita, as imagens cruzaram-me a mente com a velocidade de um chapa cem. Como explicar ao pobre turista que nos semáforos não se arranca quando abre o verde. Como explicar que, em certas esquinas, o vermelho corresponde ao verde e só se pára no amarelo? Que em outros cruzamentos o verde corresponde ao amarelo? Como esclarecer que os chapas nunca param em os semáforos e param sempre no meio de a estrada? O estrangeiro entendeu a demora na minha resposta. (PM, <http://mozindico.blogspot.com/2008/12/cidade-que-nos-resta-mia-couto.html>)
- c. A resposta foi a mesma, o Obama já ganhou sim, porque a sociedade americana estava pronta para esse facto. Muito bem jovens, disse eu. E resolvi abanar-lhes a cabeça. Se os americanos estão prontos para aceitar que um representante de a minoria negra pode ser presidente de os states, quando estaremos nós em Angola preparados para um branco ser presidente de Angola? Ficaram a olhar para mim, e vi que ficaram surpreendidos com a pergunta. Houve um que começou a gaguejar. Bem, ó kota... **quer dizer**, não sei, mas pode ser. Eu apenas fiquei calado a olhar para eles, como que a dar-lhes tempo para me responderem. Levantei-me e disse não há maka juventude. Um dia vocês respondem-me. E fui cirandar para outras mesas e para outras conversas. (PA, http://blogdangola.blogspot.com/2008_06_01_archive.html)

O uso de *quer dizer* como marcador discursivo, exemplificado em (53), ilustra de forma clara a dinamicidade da língua nas interações discursivas. Embora esse uso não tenha se mostrado altamente produtivo na amostra desta pesquisa, infere-se que, em contextos de

oralidade, sua ocorrência tende a ser significativamente mais frequente. Tal fato se justifica porque o marcador discursivo está fortemente associado a processos interacionais, como hesitação, reformulação, planejamento e gerenciamento do turno de fala.

Em (53a), observa-se um comentário de uma internauta acerca de sua condição de saúde, gênero textual que apresenta forte aproximação com a oralidade. Nesse contexto, ao afirmar que “os sintomas não me incomodam muito, **quer dizer**... Não me incomodam em nada ainda”, percebe-se que *quer dizer* introduz uma pausa reflexiva, funcionando como um recurso de reformulação do enunciado da informação. O marcador sinaliza o momento em que a falante revê e ajusta a informação previamente veiculada, evidenciando um processo de autocorreção discursiva.

Em (53b), tem-se um excerto de um texto de Mia Couto, igualmente marcado por traços de oralidade. Ao afirmar que o bairro é seguro, o locutor rapidamente reconsidera essa avaliação: “tenho, sim. Mas é seguro? – Bem... **quer dizer**... é preciso ter alguns cuidados...”. A presença de *quer dizer* entre reticências intensifica seu caráter reflexivo e interacional, indicando uma reavaliação imediata do conteúdo proposicional anteriormente expresso. Nesse caso, o marcador atua como um mecanismo de suspensão momentânea, permitindo ao falante reorganizar seu posicionamento discursivo.

Já em (53c), o uso de *quer dizer* está associado a um contexto de hesitação motivada pela incerteza. No trecho: “houve um que começou a gaguejar. Bem, ó kota... **quer dizer**, não sei, mas pode ser”, o marcador discursivo funciona como um recurso de preenchimento de pausa, explicitando a dúvida do falante quanto à informação que está sendo construída. Esse uso evidencia a função interpessoal de *quer dizer*, ao sinalizar ao interlocutor o caráter não categórico da afirmação.

O uso de *quer dizer* como marcador discursivo caracteriza-se, portanto, por sua natureza altamente dinâmica e adaptável, podendo atuar em diversos contextos interacionais. Conforme destacam Gonçalves et al. (2007), nesse estágio a construção passa a ocorrer nas fronteiras de constituintes, adquirindo maior independência sintática e deslocando-se para o plano discursivo-pragmático. Ainda segundo os autores, nesses contextos há uma focalização não no conteúdo já expresso, mas na informação que está por vir, o que explica a recorrência de pausas e hesitações associadas ao uso de marcadores discursivos.

Dal Mago (2001) ressalta um aspecto central desse uso: sua ausência de fixidez posicional, uma vez que o marcador discursivo emerge das necessidades interacionais do ato de fala. Para a autora, trata-se de um uso situado em um nível extratextual, pois permite ao

falante realizar um planejamento discursivo em tempo real, utilizando *quer dizer* como estratégia para organizar o fluxo do discurso e preencher pausas também no plano cognitivo.

Autores como Dal Mago (2001), Gonçalves et al. (2007), Carvalho e Silva (2018), Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025) convergem ao considerar o uso de *quer dizer* como marcador discursivo o estágio mais avançado de gramaticalização da construção. Na amostra desta pesquisa, envolvendo o PB, o PM e o PA, também se constatou que esse uso representa o ponto máximo do *continuum* de gramaticalização.

Segundo Martelotta (2011), esse estágio corresponde à atuação prioritária no plano interpessoal, em que o falante se orienta diretamente para o interlocutor, mobilizando recursos pragmático-discursivos para otimizar a interação. Segundo o autor,

O elemento deixa de atuar no nível representacional, característico dos elementos que fazem referência a dados mais objetivos associados ao nosso mundo biossocial, para atuar no nível interpessoal, que engloba as expressões de valor processual, ou seja, aquelas cujas funções estão relacionadas aos processos através dos quais o falante elabora seu enunciado para um determinado ouvinte em um contexto específico de uso. (Martelotta, 2011, p. 92)

Os dados biossociais enfatizados pelo autor – sentimentos, ações, qualidades, objetos e entidades – são tradicionalmente expressos por substantivos, verbos e adjetivos. No entanto, conforme enfatiza Martelotta (2011, p. 93), marcadores discursivos também podem indicar “o tipo de relacionamento lógico com o qual [o falante] busca relacionar as informações transmitidas, o tipo de modalização que usa para marcar uma posição em relação ao que diz, entre outras coisas”. Sob essa perspectiva, infere-se que recursos como atenuações, reformulações, hesitações e marcas de subjetividade são mobilizados em função dos objetivos discursivos do falante. Nesse sentido, *quer dizer*, enquanto marcador discursivo, consolida-se como uma estratégia pragmática altamente funcional, evidenciando sua plena inserção no domínio discursivo da língua.

Além disso, é importante registrar que, na amostra desta pesquisa, foram identificadas três ocorrências de *quer dizer* em contextos ambíguos, atestados somente no PB (54a e b) e no PM (55). Esses dados correspondem aos mesmos tipos de ocorrência descritos por Almeida (2022), razão pela qual a análise aqui desenvolvida fundamenta-se na proposta apresentada pelo referido autor. No PA não foram registrados usos da construção em contextos ambíguos. Nesse caso, observou-se a coexistência dos seguintes usos em um mesmo contexto: verbo modal + *dicendi* e locução verbal com valor de ‘significa’, explicitados nos exemplos (54a e b); e verbo

modal + *dicendi*, locução verbal com valor de ‘significa’ e marcador discursivo, no exemplo (55).

- (54) a. [...] Sem cair em o melodrama ou o discurso político, o filme revela sentimentos conflitantes de cada um de os membros de as famílias. O pai árabe prefere deixar tudo como está, o pai israelense precisa lidar com seu orgulho militar e sua esposa franco-judia não consegue esconder a forte conexão que sente por o filho de sangue, que fala francês fluentemente após um período em seu país. “« **Quer dizer** que eu sou o outro? »”, pergunta Joseph, a o saber a verdade. Mas exatamente o que é outro? Yacine é mais judeu por os laços de sangue do que ele, criado como um? Estes são alguns de os interessantes questionamentos de a trama, que aborda o que define uma identidade frente a um impasse familiar, e também ideológico. [...] (PB, <http://2001video.empresarial.ws/blog/?p=10359>)
- b. [...] O primeiro estado de uma Igreja pode ser comparado a inocência da infância, que é uma antevisão da inocência da sabedoria que o homem alcançará por meio de uma vida de regeneração. Com isso não se **quer dizer que** o primeiro estado de uma Igreja seja desprezível e inconveniente. Está longe de ser assim, pois é de o primeiro estado que depende o futuro desenvolvimento de a Igreja. Esse primeiro estado é como uma semente de que brotará uma árvore frutífera; é como os restos implantados em a infância e em a meninice, sem os quais homem algum pode se regenerar. [...] (PB, <http://24.229.2.221/sermoes/117.html>)
- (55) Por favor tio. Eu não entendo chinês. – É latim, seu imbecil. E eu sou japonês. Alter ego significa outra personalidade. Tu nasceste e cresceste como um rapaz chamado Malenga Tana mas o teu cérebro está a utilizar outra identidade, em este momento. És uma outra pessoa em o mesmo corpo. – **Quer dizer**, eu sou eu mas não sou eu? – Sim. Tu e Malenga têm o mesmo subconsciente mas consciências diferentes. Como duas pessoas que partilham o mesmo carro. – Mas eu não entendo. Quem é esse tal de Malenga? – Ele arriscou a vida para salvar o meu neto. Ele tem a minha eterna gratidão. Eu criei- te para proteger-lo. – Como é que eu vou fazer isso se quando eu estou acordado ele está a dormir e vice-versa? – Por isso é que eu vou- te ensinar o ninjutsu. (PM, <http://jorgedeamizade.com/historias-mal-contadas/o-misterioso-js/o-misteriososvidade-heroi-2/>)

Em (54), observa-se a ocorrência da ambiguidade da construção *quer dizer*, uma vez que o contexto permite mais de uma interpretação possível, o que inviabiliza uma classificação do uso. Em (54a), quando o locutor indaga “**quer dizer** que eu sou o outro?”, há pelo menos duas leituras possíveis. Na primeira interpretação, tem-se o uso de *quer dizer* como verbo pleno modal + *dicendi*, em que o falante formula uma pergunta com o intuito de confirmar se Joseph realmente está afirmando que ele não é seu filho legítimo. Nesse caso, o verbo *querer* mantém seu valor volitivo, modalizando o verbo *dizer*. Na segunda interpretação, é possível compreender *quer dizer* com valor de locução verbal equivalente a ‘significa’, o que permitiria formular: “significa que eu sou o outro?”. Nesse contexto, a construção já não expressa uma

intenção de dizer, mas uma relação de equivalência semântica entre os dois verbos com um único sentido.

Em (54b), o locutor reflete sobre o primeiro estado da igreja, inicialmente comparando-o à inocência da infância, para, em seguida, acrescentar: “com isso não se **quer dizer que** o primeiro estado de uma Igreja seja desprezível e inconveniente”. Nesse trecho, novamente se observam duas possibilidades interpretativas. A primeira corresponde ao uso de *quer dizer* como verbo modal + *dicendi*, em que o locutor explicita que não pretende afirmar algo a respeito do estado inicial da igreja. A segunda leitura permite interpretar a construção como equivalente a ‘significa’, resultando na seguinte sentença: “com isso não se **quer dizer que** o primeiro estado de uma Igreja seja desprezível e inconveniente”. Assim, o contexto permite tanto uma leitura volitiva quanto uma leitura explicativa, caracterizando um claro caso de contexto ambíguo.

Em (55), a ambiguidade é ainda mais complexa, uma vez que se observa a sobreposição de três possíveis usos da construção *quer dizer*. Em uma primeira interpretação, o trecho “você **quer dizer** que eu sou eu mas não sou eu?” pode ser compreendido como uso pleno de *quer dizer* na função modal + *dicendi*, em que o locutor busca confirmar a intenção comunicativa do interlocutor. Uma segunda interpretação permite compreender *quer dizer* como locução verbal com valor de ‘significa’, havendo a implicitude do sujeito pronominal (*isso*), o que resultaria na leitura “isso quer dizer que eu sou eu mas não sou eu?”. Há ainda uma terceira possibilidade interpretativa para (55), em que *quer dizer* atua como marcador discursivo, funcionando como um elemento prefaciador da pergunta. Nesse caso, conforme aponta Almeida (2022), a construção não contribui diretamente para o conteúdo proposicional, mas organiza o discurso, podendo ser interpretada como “eu sou eu, mas não sou eu”.

Esses contextos ambíguos corroboram o pressuposto de que a gramaticalização não ocorre de forma abrupta, mas sim gradualmente, nas quais formas antigas e emergentes coexistem sincronicamente. Segundo Hopper (1991), tais ocorrências podem ser compreendidas como reflexo dos princípios da estratificação e divergência, uma vez que diferentes camadas funcionais da construção permanecem ativas no sistema linguístico, sem que uma elimine completamente a outra.

Os contextos analisados também ilustram o que Diewald (2006, p. 22) denomina de contexto crítico, caracterizado “pela coincidência – ou melhor, pelo embate – de duas formas

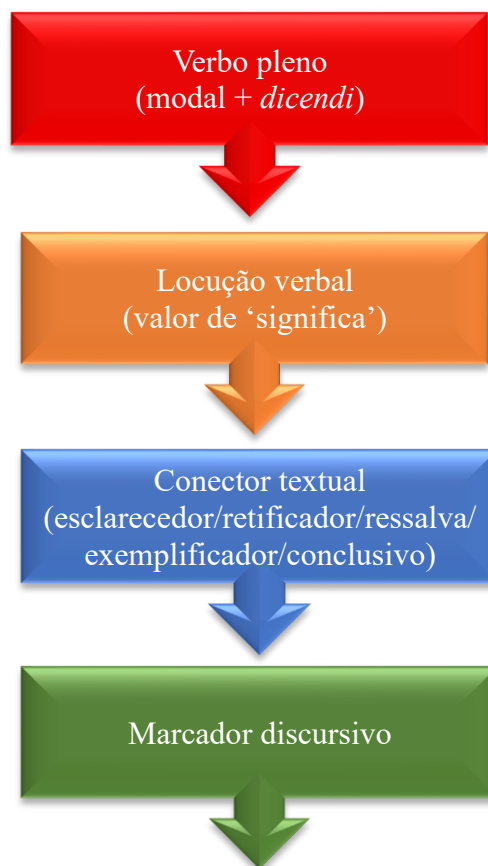
verbais que eram morfologicamente e morfossintaticamente ambíguas”¹⁵. Nesse tipo de contexto, coexistem valores distintos de uma mesma forma, o que torna instável sua interpretação, favorecendo a emergência de novas interpretações discursivas. Sob essa perspectiva, os contextos críticos reduzem a objetividade interpretativa do enunciado, uma vez que intensificam a ambiguidade e ampliam o espaço para reanálises. Trata-se, portanto, de ambientes discursivos altamente propícios à mudança linguística, pois colocam em concorrência usos antigos e emergentes.

No caso de *quer dizer*, observa-se que esses contextos não apenas evidenciam a sobreposição entre usos verbais plenos e usos gramaticalizados como também revelam um aumento da complexidade discursiva. Assim, os contextos críticos têm uma função fundamental no processo de gramaticalização, pois permitem observar a transição gradual da construção entre diferentes estágios.

Com base nos usos da construção *quer dizer* detectados nos dados do PB, do PM e do PA investigados neste trabalho, ratificando o que propõe Almeida (2022, p. 76), assume-se a trajetória de gramaticalização dessa construção conforme ilustrado na Figura 2, a seguir.

¹⁵ Do original: “The critical context is characterized by the coincidence – or rather the clash – of two verbal forms that were both morphologically and morpho-syntactically ambiguous. These forms could not therefore mutually disambiguate each other” (Diewald, 2006, p. 22, tradução nossa).

Figura 2: Trajetória da gramaticalização de *quer dizer*



Fonte: Elaboração própria.

Como ilustrado na trajetória apresentada na Figura 2, o uso verbal pleno de *quer dizer* é o mais composicional, mantendo-se mais próximo de sua forma original de uso. Nesse sentido, Dal Mago (2001) e Gonçalves et al. (2007) defendem que esse uso constitui o ponto de partida para a emergência de outros valores funcionais da construção. Assim, diversos contextos em que *quer dizer* preserva seu estatuto verbal favorecem o desencadeamento do processo de gramaticalização, possibilitando o surgimento de novos usos na língua. Nesse percurso, a seta direcionada para baixo na Figura 2 representa, conforme Gonçalves et al. (2007), o caráter não conclusivo desse processo, indicando que a construção permanece suscetível à emergência de novas funções.

Nessa perspectiva, observa-se, a partir da Figura 2, uma perda gradual dos traços verbais, à medida que a construção avança no *cline* de gramaticalização, concomitantemente havendo um aumento do grau de abstratização semântica. Assim, à medida que esse processo se intensifica, *quer dizer* passa a atuar de forma cada vez mais subjetiva, deslocando-se para o plano da interação pragmática no discurso.

Além disso, como já observado, a Figura 2 evidencia um *cline* de mudança linguística em que, conforme Almeida (2022, p. 56), ocorre uma progressiva abstratização dos significados de *quer dizer*, caracterizada pela passagem de “sentidos representacionais (modal + *dicendi* e valor de ‘significa’) > funções gramaticais (esclarecedora/retificadora/ressalva/exemplificadora/conclusiva) > funções pragmáticas/interacionais (marcador discursivo)”. Nesse percurso, a mudança categorial revela um processo de redução da composicionalidade associado à intensificação da abstratização semântica, o que faz com que a construção atue cada vez mais no plano discursivo.

De acordo com Gonçalves et al. (2007, p. 107), há uma tendência de reanálise quando *quer dizer* inicia seu processo de gramaticalização, especialmente no momento em que passa a ser interpretado como sinônimo de ‘significa’. Nesse estágio, torna-se difícil delimitar as fronteiras entre os constituintes, o que evidencia um enfraquecimento da composicionalidade e uma reorganização estrutural da construção.

Os usos gramaticalizados de *quer dizer*, como conector textual e marcador discursivo, passam a desempenhar um papel central na organização do discurso, contribuindo para a coerência e a interpretação da informação. Sobre isso, Dal Mago (2001, p. 22) ressalta que “o elemento que faz a organização textual é chamado de conector e o que faz a interação dialógica é marcador”, estabelecendo uma distinção funcional clara entre as duas categorias. Enquanto o conector textual atua na organização interna do texto, o marcador discursivo organiza o fluxo da fala e, em determinados contextos, também da escrita.

A autora destaca ainda que, nesse processo, “o **quer dizer** perdeu em significação sintática, despiendo-se de seu valor de conector, no entanto houve ganho em significação pragmática/interativa” (Dal Mago, 2001, p. 120). Sob essa perspectiva, à medida que a decategorização se intensifica, *quer dizer* migra progressivamente para o domínio da interação entre locutor e interlocutor.

Com base nesses resultados, defende-se, nesta pesquisa, que o processo de gramaticalização dos usos de *quer dizer* no PB, no PM e no PA tendem a seguir percursos semelhantes, uma vez que os dados analisados revelam um número significativo de usos equivalentes entre as variedades, o que corrobora a hipótese inicialmente formulada.

A próxima subseção apresenta os resultados quantitativos referentes à construção *quer dizer* e à distribuição de seus usos, conforme o que se encontrou na amostra desta pesquisa.

5.2 USOS DE *QUER DIZER*: DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS NA AMOSTRA

Para a realização desta pesquisa foram coletadas 900 ocorrências de *quer dizer*, distribuídas igualmente entre o PB, o PM e o PA. Assim foram analisadas 300 ocorrências para cada variedade. No entanto, na etapa de análise quantitativa, três ocorrências foram descartadas – duas do PB e uma do PM – por apresentarem contextos ambíguos quanto ao estatuto funcional da construção *quer dizer*. Tais ocorrências já foram discutidas anteriormente, nos exemplos do PB (54a e b) e do PM (55). As tabelas 1, 2 e 3, apresentadas a seguir, trazem a distribuição das ocorrências de *quer dizer* de acordo com seus diferentes valores de uso, permitindo uma visualização comparativa entre as três variedades do português analisadas.

Tabela 1: Distribuição dos usos de *quer dizer* nos dados do PB

Usos de <i>quer dizer</i>		Ocorrências	Percentual
Verbo	Modal + <i>dicendi</i>	16	5,4%
	‘Significa’	204	68,4%
Conector textual	Esclarecedor	54	18,1%
	Retificador/ressalva	13	4,4%
	Exemplificador	3	1%
	Conclusivo	4	1,3%
Marcador discursivo		4	1,4%
Total		298 ¹⁶	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Distribuição dos usos de *quer dizer* nos dados do PM

Usos de <i>quer dizer</i>		Ocorrências	Percentual
Verbo	Modal + <i>dicendi</i>	27	9%
	‘Significa’	175	58,5%
Conector textual	Esclarecedor	76	25,4%
	Retificador/ressalva	9	3%
	Exemplificador	3	1%
	Conclusivo	5	1,7%
Marcador discursivo		4	1,4%
Total		299 ¹⁷	100%

Fonte: Elaboração própria.

¹⁶ Excluídas as duas ocorrências de dados ambíguos.

¹⁷ Excluída uma ocorrência de dado ambíguo.

Tabela 3: Distribuição dos usos de *quer dizer* nos dados do PA

Usos de <i>quer dizer</i>		Ocorrências	Percentual
Verbo	Modal + <i>dicendi</i>	3	1%
	‘Significa’	192	64%
Conector textual	Esclarecedor	82	27,4%
	Retificador/ressalva	18	6%
	Exemplificador	-	-
	Conclusivo	1	0,3%
Marcador discursivo		4	1,3%
Total		300	100%

Fonte: Elaboração própria.

As Tabelas 1,2 e 3 apontam o uso de *quer dizer* com valor de ‘significa’ como o mais produtivo na amostra aqui analisada, configurando-se como o uso mais relevante nas três variedades examinadas nesta pesquisa. De acordo com os resultados quantitativos, observa-se que, no PB, esse uso corresponde a 68,4% das ocorrências; no PM, a 58,5%; e no PA, a 64%. Conforme já discutido ao longo deste trabalho, Gonçalves et al. (2007) situam esse uso em um estágio intermediário de gramaticalização, no qual a construção ainda preserva traços verbais, embora já apresente sinais de reanálise semântica.

Por outro lado, o uso modal + *dicendi* apresentou baixa frequência nas três variedades investigadas, fato que também pode ser justificado pela natureza predominantemente escrita do *corpus* analisado. Chama atenção, entretanto, a distribuição desse uso entre as variedades: o PM apresentou 9% das ocorrências, índice superior ao do PB (5,4%) e, sobretudo, ao do PA (1%). Na variedade angolana, esse percentual extremamente reduzido sugere que o uso modal + *dicendi* de *quer dizer* é praticamente residual na amostra examinada. Ainda assim, os dados corroboram a atuação do princípio da divergência, proposto por Hopper (1991), segundo o qual a forma/função fonte pode continuar coexistindo com outras formas/funções já gramaticalizadas.

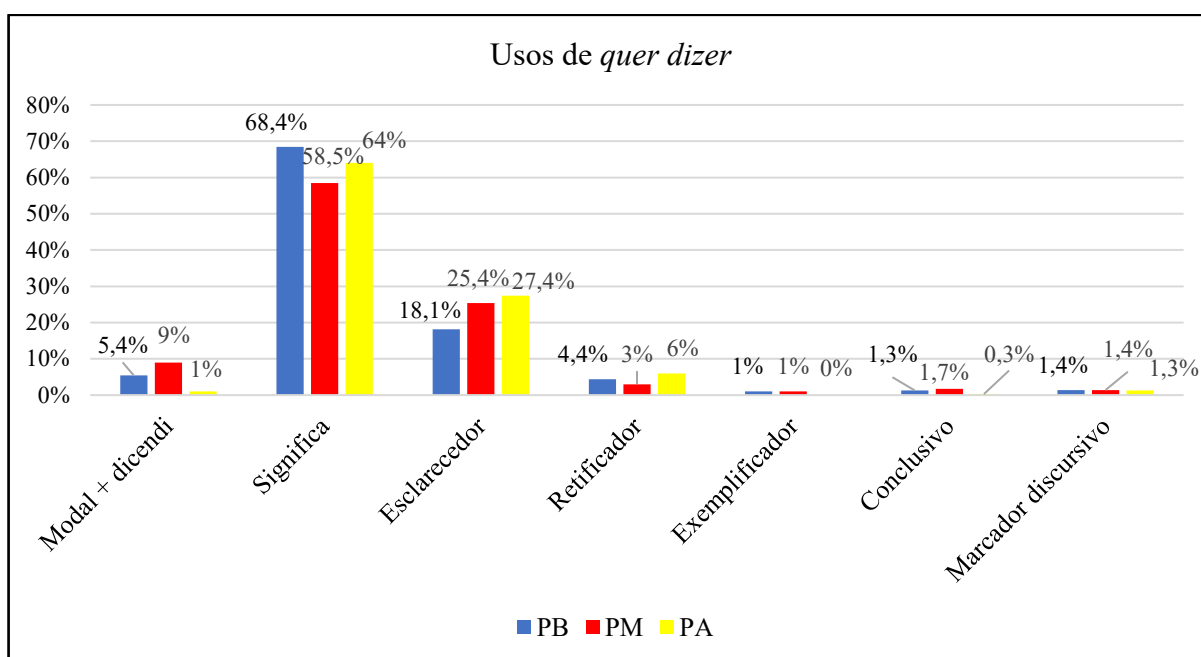
Os usos de *quer dizer* como conector textual também se mostraram bastante produtivos na amostra desta pesquisa. Segundo Gonçalves et al. (2007), esse estágio representa um nível mais avançado de gramaticalização, uma vez que a construção passa a acumular diferentes funções pragmáticas no discurso. Dentre esses usos, destaca-se o esclarecedor, que foi o mais frequente nas três variedades analisadas, com os seguintes percentuais: PB (18,1%), PM (25,4%) e PA (27,4%). Esses dados evidenciam o uso de *quer dizer* na organização textual discursiva e na ampliação do conteúdo informacional em textos escritos.

No que se refere ao uso de *quer dizer* como marcador discursivo, os resultados revelam uma frequência bastante baixa nas três variedades: PB (1,4%), PM (1,4%) e PA (1,3%).

Considerando que esse uso é amplamente atestado em contextos de oralidade, sua baixa expressividade na amostra pode ser atribuída, sobretudo, à predominância de textos escritos no *corpus* analisado. Embora esse seja o uso mais gramaticalizado da construção, conforme discutido anteriormente, os estágios menos avançados continuam a ser amplamente mobilizados nos contextos mais prototípicos da língua escrita.

Dessa forma, a baixa ocorrência de *quer dizer* como marcador discursivo parece estar diretamente relacionada às características do *corpus* selecionado. Os resultados quantitativos aqui discutidos podem ser visualizados de forma sintética no Gráfico 1, que apresenta a distribuição geral dos usos da construção *quer dizer* nas três variedades analisadas.

Gráfico 1: Distribuição dos usos de *quer dizer* nos dados do PB, do PM e do PA (percentuais)



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o Gráfico 1, depreende-se que duas das hipóteses que orientaram esta pesquisa foram confirmadas: (i) a de que haveria usos comuns da construção entre as variedades brasileira, moçambicana e angolana; e (ii) a de que determinados usos poderiam ocorrer com maior frequência em uma variedade do que nas outras. Nesse sentido, os sete usos de *quer dizer* identificados nesta investigação – modal + *dicendi*, valor de ‘significa’, conector textual (com funções esclarecedora, retificadora/ressalva, exemplificadora e conclusiva) e marcador discursivo – foram atestados nas variedades do PB, do PM e do PA, com exceção do uso exemplificador, que não foi registrado na variedade angolana na amostra analisada.

De modo geral, observam-se tendências de frequência bastante semelhantes entre os usos de *quer dizer* nas três variedades, embora com pequenas variações percentuais. O valor de ‘significa’ mostra-se ligeiramente mais frequente no PB, enquanto a função esclarecedora apresenta maior incidência no PA. Já o uso modal + *dicendi* revela uma diferença mais expressiva, com maior incidência no PM, quando comparado ao PB e, sobretudo, ao PA.

Esses resultados reforçam a hipótese de que, embora as variedades compartilhem trajetórias semelhantes no processo de gramaticalização da construção *quer dizer*, há ajustes quantitativos específicos que refletem preferências discursivas e padrões de uso particulares a cada variedade.

5.3 PARÂMETROS LINGUÍSTICOS

Nesta subseção, apresentam-se os resultados referentes aos grupos de fatores linguísticos controlados na pesquisa, com o objetivo de analisar os diferentes usos da construção *quer dizer* encontrados. Foram considerados, especificamente, os seguintes parâmetros: (i) pessoa gramatical do sujeito da construção *quer dizer*; (ii) explicitude/omissão do sujeito; (iii) presença/ausência da conjunção *que* na construção *quer dizer*; e (iv) tipo de sequência linguística em que a construção ocorre.

5.3.1 Resultados para a pessoa gramatical do sujeito

As Tabelas 4, 5 e 6, apresentadas a seguir, expõem os resultados referentes à correlação entre a pessoa gramatical do sujeito e os diferentes usos da construção *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português, respectivamente. Esses dados permitem observar de que modo a pessoa gramatical do sujeito se distribui nos distintos estágios de funcionamento da construção, contribuindo para a compreensão de seus padrões de uso e de seu comportamento no processo de gramaticalização nas três variedades analisadas.

Tabela 4: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da pessoa gramatical no PB

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
P2	10	-	-	-	-	-	-
P3	6	204	-	-	-	-	-
P6	-	-	-	-	-	-	-
Sem sujeito	-	-	54	13	3	4	4
Total	16	204	54	13	3	4	4

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da pessoa gramatical no PM

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
P2	9	-	-	-	-	-	-
P3	18	174	-	-	-	-	-
P6	-	1	-	-	-	-	-
Sem sujeito	-	-	76	9	3	5	4
Total	27	175	76	9	3	5	4

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 6: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da pessoa gramatical no PA

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
P2	-	-	-	-	-	-	-
P3	3	189	-	-	-	-	-
P6	-	-	-	-	-	-	-
Sem sujeito	-	-	82	18	3	1	4
Total	3	189	82	18	3	1	4

Fonte: Elaboração própria.

Nas Tabelas 4, 5 e 6, observam-se os usos lexicais da construção *quer dizer*, quando esta funciona como verbo modal + *dicendi* e com valor de ‘significa’. Nesse sentido, no que diz respeito à pessoa gramatical do sujeito, distribuem-se na amostra ocorrências de P2 (segunda pessoa) e P3 (terceira pessoa). Registra-se apenas uma ocorrência de P6 (terceira pessoa do plural) na variedade moçambicana, exemplificado em (58), não tendo sido identificadas ocorrências dessa pessoa gramatical nem no PB nem no PA. Em números absolutos, nas três

variedades analisadas, o uso de *quer dizer* com valor de ‘significa’ em contextos de P3 (56a, b e c) mostrou-se o mais produtivo: 204 ocorrências no PB, 174 no PM e 189 no PA. No que se refere ao uso modal + *dicendi* (57a, b e c), verificou-se maior número de ocorrências em P2 (57a) no PB (10 dados) e em P3 (57b) no PM (18 dados). Já no PA, houve apenas três ocorrências, atestadas exclusivamente com P3 (57c). Constatase, portanto, que, no PB e no PM, o emprego de *quer dizer* como modal + *dicendi* apresenta uma tendência à P2, enquanto no PA esse uso se restringe à P3, o que sugere diferenças sutis de distribuição quanto à pessoa gramatical entre as variedades analisadas.

- (56) a. [...] Hoje, a esfera sexual lhes coloca problema, mas, compreendam bem que, a partir do momento em que vocês acederem, inteiramente, a seu corpo de Existência, seus corpos multidimensionais, os órgãos sexuais, não têm mais razão de ser. Há tanta alegria a reencontrar e a esposar, ainda que por um milionésimo de segundo, com toda alma que vocês reencontram. Mas a sexualidade lhes parecerá ferramenta de posse, qualquer que seja o lado Divino que ela tenha criado e manifestado em esta densidade. Entretanto, as coisas se transformam, tudo se transforma, no entanto, isso não **quer dizer** que vocês devam recusar, sob uma forma ou outra, se seu apelo à sexualidade está presente em você, porque ele participa ainda de a Divindade. Assim, cada caminho é diferente com relação a isso. [...] (PB, <http://amorporgaia.blogspot.com/2013/04/questoes-relevantes-ao-arcanjo-anael-10.html>)
- b. [...] A bioestratigrafia, ciência que estuda os estratos de rocha pelo seu conteúdo de fósseis, é usada atualmente para correlacionar a “« idade relativa »” de estratos de rochas de continentes diferentes, por alguns fósseis que contém, denominados fósseis índice. Estes métodos de datação relativa foram usados no século XIX para construir uma seqüência estratigráfica com a limitação de não ser possível atribuir valores numéricos em anos para desde a sua formação. A parte mais detalhada desta seqüência, consistindo de rochas sedimentares contendo fósseis, é conhecida como o Eon Fanerozóico (Fanerozóico **quer dizer** aparecimento da vida). O Fanerozóico é dividido em eras e períodos como mostra a Tabela 1. Tentativas de avaliação de o tempo decorrido foram feitas baseadas sempre em hipóteses naturalistas e uniformitárias a respeito da temperatura da Terra, a salinidade dos mares e taxas de acúmulo de sedimentos. (PM, <http://origins.swau.edu/papers/global/time/>)
- c. Os partidos devem começar por fazer um levantamento para saberem se têm quadros suficientes com perfil e capacidade para se apresentarem como candidatos em todo o país. Porque os autarcas têm de ter capacidade para administrar e não apenas para fazerem discursos políticos. A Constituição diz que “« a autonomia local compreende o direito e a capacidade efectiva das autarquias locais gerirem e regulamentarem, nos termos da Constituição e da lei, sob sua responsabilidade e no interesse das respectivas populações, os assuntos públicos locais »”. Isto **quer dizer** que os autarcas devem estar preparados para governar. São numerosas as atribuições de uma autarquia, à luz do que a

Constituição diz. E essa realidade revela os desafios e a complexidade das tarefas que esperam os eleitos do Poder Local. (PA, http://m.jornaldeangola.sapo.ao/opinioao/artigos/um_debate_que_exige_preparacao_dos_actores_politicos)

- (57) a. [...] Não liga para o que ninguém disser, vai no seu tempo e faz aquilo que achar melhor para vocês dois. Boa hora para você, assim que ela vier e do jeito que ela vier. Bjs Além das suas idéias, já li que estimular os mamilos (como passar a toalha ou bucha em preparação para amamentar) também libera ocitocina, e pode ajudar a começar o parto. Alguns também dizem que comer abacaxi ajuda, mas tem que ser purinho, não com açúcar. Se é verdade, não sei...) Boa sorte! Ilana **quer dizer** que vocês continuam firmes e fortes... somente na espera. Que bom que está bem, na espera do trabalho de parto. Acho que está certíssima! Pra que antecipar? Só porque o povo está falando demais. O melhor nesse momento é ignorar, viver esse finalzinho da gravidez muito tranquila ao lado da sua família. [...] (PB, <http://11sao3.blogspot.com/2012/08/para-entrar-em-trabalho-de-parto.html>)
- b. Não sei escrever em língua Changane, mas há momentos em que a língua portuguesa, apesar de ter sido a primeira da minha comunicação, impõe certas limitações quando se trata de expressar algumas ideias e sentimentos. Por isso, mesmo de forma incorrecta ai vai o seguinte provérbio changane “A te hau te lhekana macovo”, **quer dizer** que os macacos riem-se dos olhos encovados uns dos outros! Ainda não me parece clara, a ideia. O macaco consegue ver os seus próprios olhos, encovados, por isso ri-se dos outros. Suponho que este provérbio seja usado para descrever situações negativas em que alguém critica o outro sem olhar para seus próprios defeitos. Quero sugerir, aqui, um outro sentido para o provérbio, desta vez um sentido positivo. Afinal nós é que emprestamos sentido ao mundo. (PM, http://circulodesociologia.blogspot.com/2007_06_01_archive.html)
- c. Penso, no entanto, que é hora de dizer que a nossa UNITA não merece a direcção que tem. Eu disse que o presidente Samakuva esteve no leste a fazer o seu trabalho e, por isso, não estranho nada do que o PRS disse na Assembleia Nacional. Eles foram alinhados para dizer o que a UNITA não **quer dizer**. Cada um faz o seu trabalho: o PRS fala e a UNITA faz. Vejam a mobilização que a UNITA fez na Quibala. Alguém tem dúvidas de que havia agentes a instrumentalizar aquelas pessoas para se revoltarem contra as instituições do Estado? Tal como digo sempre, eu só posso alertar. Quem de direito que assuma o dever de garantir a paz, a tranquilidade social e o bem-estar do nosso povo. (PA, http://cacbbr.blogspot.com/2011_02_01_archive.html)
- (58) [...] Esta conto voltei a ouvir este ano com meu professor de cultura e moral. Isto ilustra exactamente o que a citação bíblica e o slogan de o ferro **quer dizer**. O tripé que hoje sustenta o País, composto por a pobreza absoluta (instituída por as sucessivas ementas de políticas perversas e desastrosas), por a corrupção medular (acicatado mormente por alguns camaradas de Nachingueia), [...] (PM, http://ekekhayiyowani.blogspot.com/2012_03_01_archive.html)

Nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português, as funções mais gramaticalizadas de *quer dizer* – isto é, como conector textual (59) e como marcador discursivo (60) – apresentam comportamento semelhante, uma vez que não admitem sujeito gramatical. Em (59a, b e c), observa-se o uso esclarecedor, introduzindo uma ampliação explicativa do segmento anterior, operando, portanto, no plano da organização textual. Como já destacado anteriormente, nesse uso *quer dizer* não desempenha seu uso pleno, mas funciona como elemento articulador no texto. Já em (60a, b e c), *quer dizer* assume a função de marcador discursivo, deslocando-se ainda mais do domínio verbal e passando a atuar no plano interpessoal, operando como recurso discursivo, podendo sinalizar reformulação, hesitação, atenuação, entre outras possibilidades.

(59) a. [...] O primeiro ponto a levar em consideração, é que é realmente difícil encontrar mulher que não carregue pelo menos uma dessas características, entre outras piores. Mas o segundo, que é o “« xis »” da questão neste texto, é que na maioria das vezes são justamente ESTAS mulheres que nunca estão solteiras. **Quer dizer**, aquelas garotas legais, que não ligam que o namorado saia de vez em quando para beber com os amigos, topam aquelas suas aventuras malucas, é fiel e dedicada, te apoia, resolve discussões como adulta e nunca compete com você, são as mesmas que os homens chamam pra tomar um chopp de vez em quando [...] (PB, <http://amelhordasintencoes.wordpress.com/2011/10/>)

b. Boaventura de Sousa Santos (proeminente sociólogo português) escreveu um texto no qual chama atenção do conhecimento científico ser arrogante e totalitário. Eu olho muitas vezes gente que anda na universidade como eu, e académicos que eu tenho muito respeito e admiro pelo trabalho que fazem, a forma como fazem a crítica ao Governo leva muitas vezes a que estas pessoas não sejam respeitadas porque aparecem a fazer a crítica de forma arrogante e totalitária como diz Boaventura de Sousa Santos. **Quer dizer**, se nos fazermos os nossos estudos como académicos e fazemos a nossa crítica a quem está a governar de forma responsável e mostramos com " a "» mais "« b "» que há falhas que estão a acontecer, e que há vários caminhos para dar a volta a falha, somos mais susceptíveis a ser ouvidos e a ser respeitados e não a ser combatidos. (PM, <http://comunidademocambicana.blogspot.com/2013/03/a-riqueza-nao-se-distribui-defende.html>)

c. A minha esperança é que, tal como na luta pela paz, a sociedade civil, que jogou um papel de grande relevo nesse sentido, possa agora reorientar a sua acção, apoiando e " vigiando" o esforço dos estadistas na direcção dos dois Rs. Doutro modo, **quer dizer**, se cairmos no erro de nos embalar na corrida para as eleições só por eleições ou na beleza de um novo texto constitucional, estou convencido que estará mais longe o advento do arranque para o progresso social e a paz sustentada que todos almejamos. (PA, <http://marcolinomoco.com/?author=1&paged=7>)

(60) a. O problema era que continuava sem expulsar o feto. De maneira que, um dia, decidi dirigir-me a a Fundación Jiménez Díaz, na Praça de Cristo-Rei, em

Madrid, para ver o que se passava. Quando cheguei, o ginecologista perguntou-me o que eu tinha. – Nada, é que fiz um aborto – respondi. – Espontâneo ou não? – disse ele. – Não – admiti. – Pois! **Quer dizer**, os outros “« dão a bronca »” e agora tenho de ser eu a resolver-la. – Não me diga isso, estou destrozada... – lamentei-me. – Em que clínica o fez? – Em a Dátor. Disseram-me que era a melhor. – Sim, claro. Em terra de cegos, quem tem um olho é rei... – troçou [...] (PB, <http://aborto.aaldeia.net/tens-de-abortar/>)

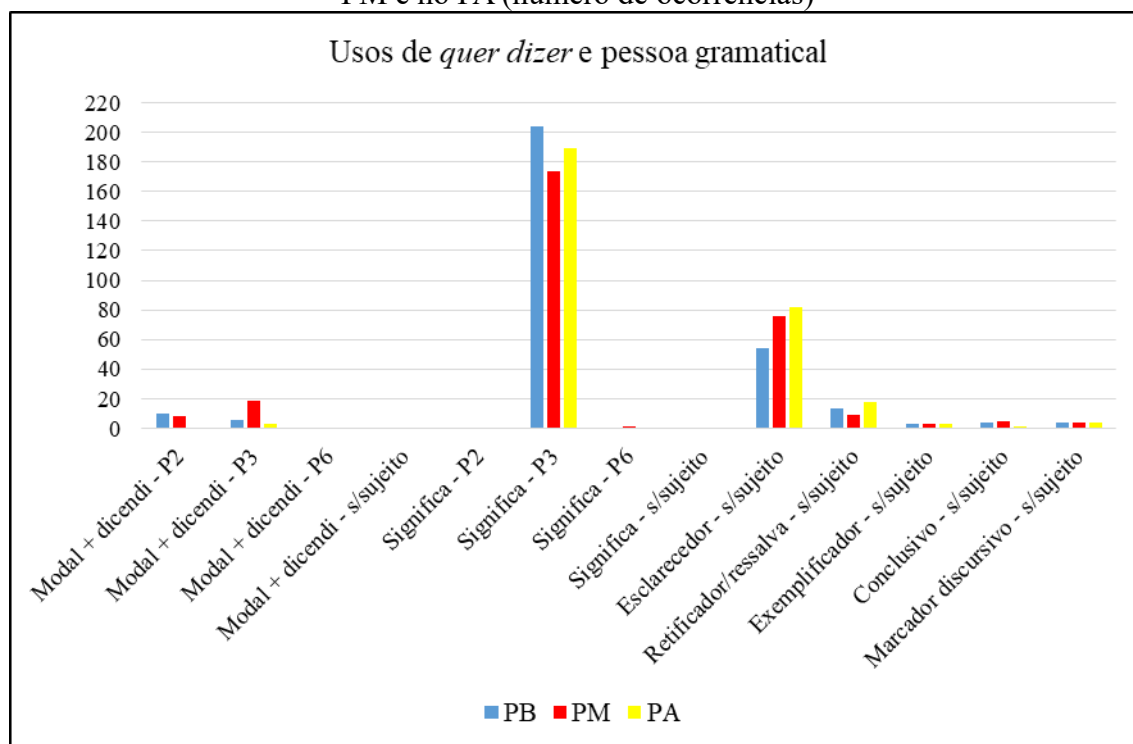
- b. [...] A repetição de a pergunta era um estratagema que ameaça saturar. – Sim, conduzir um carro? Acha que posso? – Claro que pode, se tiver carta de condução. – Tenho, sim. Mas é seguro? – Bem... **quer dizer**... é preciso ter alguns cuidados... – Como, por exemplo... por exemplo.... Desta feita, as imagens cruzaram-me a mente com a velocidade de um chapa cem. Como explicar a o pobre turista que em os semáforos não se arranca quando abre o verde. [...] (PM, <http://mozindico.blogspot.com/2008/12/cidade-que-nos-restamia-couto.html>)
- c. E resolvi abanar-lhes a cabeça. Se os americanos estão prontos para aceitar que um representante de a minoria negra pode ser presidente de os states, quando estaremos nós em Angola preparados para um branco ser presidente de Angola? Ficaram a olhar para mim, e vi que ficaram surpreendidos com a pergunta. Houve um que começou a gaguejar. Bem, ó kota... **quer dizer**, não sei, mas pode ser. Eu apenas fiquei calado a olhar para eles, como que a dar-lhes tempo para me responderem. Levantei-me e disse não há maka juventude. Um dia vocês respondem-me. (PA, http://blogdangola.blogspot.com/2008_06_01_archive.html)

A hipótese aventada nesta pesquisa, seguindo o trabalho desenvolvido por Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), é de que a pessoa gramatical predominante do sujeito de *quer dizer* é a terceira pessoa do singular no PB, no PM e também no PA, mais especificamente no uso com o valor de ‘significa’. Nesse contexto, a construção ainda preserva traços verbais e, consequentemente, mantém vínculo com o sujeito gramatical, sendo P3 a forma mais produtiva.

Entretanto a pesquisa revelou que, embora esse contexto tenha sido apontado por Carvalho e Silva (2018) como um dos ambientes que favorecem a gramaticalização de *quer dizer* em conector textual e marcador discursivo, ocorre, nesses estágios mais avançados, a perda do sujeito e, por conseguinte, da marca de pessoa gramatical. Assim, nas funções de conector textual e marcador discursivo, a construção deixa de seleccionar argumento externo, característica das formas verbais, o que evidencia um processo de decategorização nos termos de Hopper (1991).

O gráfico 2, a seguir, sintetiza esses resultados gerais, evidenciando a correlação com a pessoa gramatical e cada variedade sob exame.

Gráfico 2: Distribuição dos dados de *quer dizer* em função da pessoa gramatical no PB, no PM e no PA (número de ocorrências)



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar no Gráfico 2, a distribuição geral dos dados referentes à pessoa gramatical é muito semelhante nas três variedades. No que se refere ao uso modal + *dicendi*, verifica-se que apenas no PB e no PM houve ocorrências no contexto de P2; já ocorrências com P3 foram registradas nas três variedades. Não foram encontrados dados desse uso com P6 nem em orações sem sujeito.

Em relação ao uso de ‘significa’, as três variedades apresentaram produtividade com P3. Registrou-se apenas uma ocorrência em contexto de P6, no PM, exemplificado em (58), o que demonstra tratar-se de caso isolado e pouco representativo na amostra. Esse resultado confirma a hipótese de predominância da terceira pessoa nos contextos em que *quer dizer* já se encontra em estágio intermediário de gramaticalização.

Já o contexto sem sujeito foi registrado categoricamente nos usos de conector textual (esclarecedor, retificador/ressalva, exemplificador e conclusivo) e marcador discursivo nas três variedades, o que reforça o processo de decategorização da construção nesses estágios mais avançados de gramaticalização. Nesses casos, observa-se a perda de traços verbais, como a seleção de sujeito e a marcação de pessoa gramatical. Com isso, percebe-se que o PB, o PM e o PA apresentam comportamento linguístico semelhante quanto à correlação entre pessoa gramatical e os usos de *quer dizer*, especialmente no que concerne à forte associação de P3 ao

valor de ‘significa’ e à ausência de sujeito nos usos mais gramaticalizados. Esses resultados corroboram a hipótese de que o percurso de gramaticalização da construção tende a seguir trajetórias convergentes nas variedades analisadas.

5.3.2 Resultados para a explicitude/omissão do sujeito

As Tabelas 7, 8 e 9, apresentadas a seguir, evidenciam os resultados referentes ao parâmetro explicitude/omissão do sujeito da construção *quer dizer* no PB, no PM e no PA, respectivamente. Com isso, a análise desse grupo de fatores permite observar de que modo a realização ou não do sujeito se correlaciona com os diferentes usos da construção, oferecendo indícios relevantes acerca de seu estágio de gramaticalização.

Tabela 7: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da explicitude/omissão do sujeito no PB

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Sujeito	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / Ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Explícito	9	169	-	-	-	-	-
Implícito	7	35	-	-	-	-	-
Sem sujeito	-	-	54	13	3	4	4
Total	16	204	54	13	3	4	4

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da explicitude/omissão do sujeito no PM

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Sujeito	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Explícito	24	139	-	-	-	-	-
Implícito	3	36	-	-	-	-	-
Sem sujeito	-	-	76	9	3	5	4
Total	27	175	76	9	3	5	4

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da explicitude/omissão do sujeito no PA

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Sujeito	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Explícito	3	129	-	-	-	-	-
Implícito	-	63	-	-	-	-	-
Sem sujeito	-	-	82	18	-	1	4
Total	3	192	82	18	-	1	4

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar nas Tabelas 7, 8 e 9, o uso de ‘significa’ foi o mais produtivo em contextos de sujeito explícito nas três variedades do português aqui analisadas. Em (61a), exemplifica-se esse uso na variedade brasileira do português.

Um dado que chama atenção, contudo, é a presença relativamente mais expressiva de sujeito implícito no PA (61c) no uso de ‘significa’. Embora o percentual majoritário continue sendo o de sujeito explícito, essa oscilação pode indicar uma tendência de gramaticalização no PA. Já no uso modal + *dicendi* não houve ocorrência com sujeito implícito no PA, mantendo-se a realização explícita do sujeito nessa variedade. No PB, no PM e no PA, por sua vez, foram encontrados, no uso de ‘significa’, tanto contextos com sujeito explícito, como em (61a), dado do PB, (61b), dado do PM, e em (61d), dado do PA, quanto com sujeito implícito, exemplificado em (61c), dado do PA.

Em (61a), o sujeito pronominal *isso* introduz a concepção do locutor de que grande parte da poluição é proveniente dos veículos. Em (61b), o sujeito explícito é a *submissão feminina*, a partir do qual se defende a ideia de que uma família necessita de uma liderança. Já em (61d), o sujeito oracional é *usar um sapato ou vestido de marca*, por meio do qual se destaca que o uso de roupas ou calçados de marca não implica, necessariamente, estar na moda.

- (61) a. [...] De acordo com a Agência de Proteção Ambiental, os motores dos veículos produzem cerca de metade dos poluentes como os compostos orgânicos voláteis, óxido de nitrogênio e partículas em suspensão. 75 % das emissões de monóxido de carbono vêm dos automóveis. Em áreas urbanas, as emissões nocivas dos automóveis são responsáveis por algo entre 50 e 90 % da poluição do ar. Isso quer dizer então, que grande parte da poluição do ar vem de nossos veículos. Porque muitas pessoas relutam em abandonar seus carros ou reduzir o número de horas que passam nas ruas, a indústria automotiva tem feito mudanças importantes ao longo dos anos para ajudar a reduzir essa emissão nociva produzida pelos veículos. [...] (PB, <http://ambiente.hsw.uol.com.br/poluicao-ar-carros.htm>)

- (61) b. Se alguém tiver muitas filhas, sua riqueza aumentará significativamente com o pagamento de lobolo, quando elas casarem. A submissão da referida adolescente se enquadra na visão de que marido e mulher são seres diferentes. A submissão feminina, entendida como o reconhecimento das diferenças de gênero. Homem e mulher são diferentes, logo têm papéis diferentes, que devem ser valorizados. A submissão feminina quer dizer que uma família precisa de uma liderança. Nenhum organismo social vive sem uma liderança. Nem mesmo uma família, que precisa de uma liderança para o planeamento do futuro e para a tomada de decisões. (PM, <http://eliassantaylor85.blogspot.com/2013/08/analise-de-fenomenos-na-perspectiva.html>)
- (61) c. À medida que vamos conhecendo os recantos e vielas de a cidade, descobrimos que tudo existe em uma espécie de mutabilidade estática, onde o que parece terminado ainda está por fazer e o provisório é definitivo. A um dado momento, qualquer sítio está em obras. Não **quer dizer** que as obras não avancem, porque até vamos vendo [...] (PA, <http://afonsoloureiro.net/blog/?tag=zungueiras>)
- (61) d. Paulo Pascoal: Penso que o Angolano durante muito tempo esteve privado de algumas coisas, vivemos 30 anos de guerra e agora que isso acabou e o Angolano tem poder de compra, quer tudo. Mas como houve 30 anos de lapso de informação sobre muitas coisas, hoje o que é mais comercial é o que as pessoas querem. Então de repente vê, como nunca, mulheres Angolanas vestidas pelas melhores casas do mercado internacional, porque é o que elas estão habituadas a ver nessas revistas. Mas usar um sapato ou vestido de marca não quer dizer que esteja necessariamente na moda, é trabalho feito. Para mim eterna moda, é alguém que consegue usar tudo, estar bem e a fazer sentido, não estar mascarado. Estar na moda é usar uma capulana, ou um chapéu ou ir descalço e as pessoas olharem e dizerem: "grande estilo", para mim isso é que é moda. (PA, http://platinaline.com/index.php?option=com_k2&view=item&id=5854:grande-entrevista-unitel-com-paulo-pascoal&Itemid=384)

Outro aspecto relevante refere-se às ocorrências sem sujeito, especialmente no PA. Considerando o uso esclarecedor, observam-se apenas dados sem sujeito nessa variedade (82 dados) com um quantitativo próximo ao verificado no PM (76 dados) e superior ao registrado no PB (54 dados). Esses resultados sugerem uma tendência mais acentuada à perda de propriedades sintáticas verbais nas variedades africanas analisadas, o que pode ser interpretado como indício de maior avanço no processo de gramaticalização nesses contextos específicos.

De modo geral, enquanto o PB demonstra maior inclinação à preservação de traços verbais – evidenciada pela frequência mais elevada de sujeito explícito – o PM e o PA apresentam tendência relativamente maior à omissão ou ausência do sujeito, sobretudo nos usos mais gramaticalizados. Essa diferença sugere que cada variedade pode favorecer padrões estruturais distintos, possivelmente refletindo ritmos diferenciados no processo de gramaticalização de *quer dizer*.

Nas três variedades analisadas, as ocorrências de *quer dizer* sem sujeito foram categóricas nos usos como conector textual (62) e marcador discursivo (63). Observa-se, portanto, que o total de ocorrências classificadas como “sem sujeito” corresponde exatamente ao total de usos em que *quer dizer* desempenha funções como conector textual – esclarecedor, retificador/ressalva, exemplificador e conclusivo – e como marcador discursivo. Esse resultado confirma a hipótese de que, à medida que a construção avança no processo de gramaticalização, há perda dos traços verbais, especialmente da projeção do sujeito, configurando um caso de decategorização.

- (62) [...] Não faz sentido, em termos de presidência da república. Mesmo que não se tenha em conta os anos de guerra, é um absurdo, de 1992 a 2012 serão 20 anos. Não é somente vergonhoso para o candidato JES, mas para os homens e mulheres angolanos. As nossas universidades todos os anos formam quadros, há angolanos que se estão a formar em o exterior (**quer dizer** com mais ou menos eficácia), temos gente competente nos partidos políticos, a começar pelo próprio MPLA. É tempo e há urgência de Angola conhecer novos rumos; com novos dirigentes e novos pensamentos. [...] (PA, <http://noticiasdeangola.info/noticias/politica-angolana.html?start=765>)
- (63) Há três anos que tento as públicas. – Já, esses gajos são maningue corruptos. Mas eu não tenho mola, rapaz – o tipo lançou todo o mau hálito para a minha cara. – Achas que eu sou o quê? Árvore de dinheiro? Banco? – Eu prometo fazer horas extras, por favor. – Onde é que já viste horas extras na discoteca? Esta cena abre a noite e fecha de manhã. Acabou! -- Posso trabalhar em a sua barraca do Fajardo. – **Quer dizer...** agora queres competir com a minha filha... O gajo sufocou-me com a fumaça de Palmar que soltou. Não sei se foi a nicotina ou a cabanga ele estivera a beber. [...] (PM, <http://jorgedeamizade.com/historias-mal-contadas/uma-historia-mal-contada/uma-historia-mal-contada-a-chamada-1/>)

Em (62), apresenta-se uma ocorrência do PA em que *quer dizer* funciona como conector retificação/ressalva, sem qualquer realização do sujeito. Já em (63), dado do PM, observa-se o emprego de *quer dizer* como marcador discursivo, igualmente sem sujeito, evidenciando seu deslocamento para o plano pragmático-interacional. Esses dados reforçam que, nas três variedades analisadas, os usos mais gramaticalizados da construção se caracterizam pela ausência categórica do sujeito.

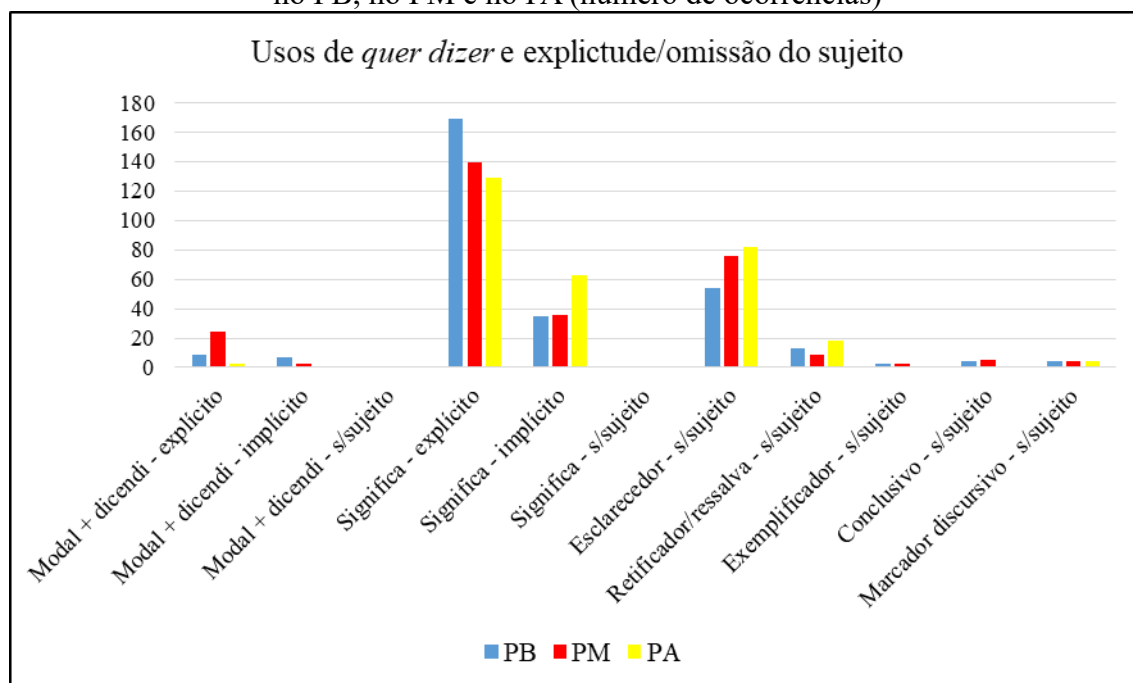
De acordo com os dados apresentados, confirma-se, portanto, a hipótese de que usos menos gramaticalizados tendem a ocorrer com sujeito explícito – preservando traços sintático-semânticos do verbo pleno – ao passo que usos mais gramaticalizados apresentam maior propensão à omissão ou à completa ausência do sujeito, como ocorre quando *quer dizer* funciona como conector textual e marcador discursivo.

Todavia, no que se refere especificamente ao uso de *quer dizer* com valor de ‘significa’, observa-se que essa construção foi muito produtiva em contextos com sujeito explícito nas três variedades. No PB, o sujeito explícito ocorreu em 169 dados, ao passo que os contextos de sujeito implícito apresentaram menos ocorrências (35 dados). No PM, o sujeito explícito também nesse uso, com 139 ocorrências contra 36 dados com sujeito implícito. De modo semelhante, no PA, o sujeito explícito ocorreu em 129 dados, sendo os casos de sujeito implícito um pouco mais representativos nessa variedade (63 dados).

Esses resultados indicam que, no estágio intermediário de gramaticalização representado, de acordo com Gonçalves et al. (2007), pelo valor de ‘significa’, ainda há forte preservação de traços verbais, especialmente no que se refere à projeção do sujeito. No entanto, quando se considera o conjunto geral dos dados – incluindo os usos como conector textual e marcador discursivo –, verifica-se que as variedades moçambicana e angolana apresentam maior frequência de contextos com sujeito implícito ou completamente ausente, o que pode sinalizar uma tendência mais acentuada à decategorização nessas variedades.

Desse modo, a análise desse grupo de fatores confirma que a explicitude do sujeito está diretamente relacionada ao grau de gramaticalização da construção: quanto mais preservados os traços verbais, maior a tendência à realização explícita do sujeito; quanto mais avançado o processo de gramaticalização, maior a propensão à omissão ou à ausência categórica do sujeito. O Gráfico 3, a seguir, ilustra os resultados gerais referentes à distribuição de *quer dizer* nos contextos de explicitude, omissão e ausência de sujeito nas variedades examinadas.

Gráfico 3: Distribuição dos dados de *quer dizer* em função da explicitude/omissão do sujeito no PB, no PM e no PA (número de ocorrências)



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar no Gráfico 3, mais uma vez as três variedades apresentam comportamento semelhante, mas com algumas divergências que merecem destaque. Quanto ao uso modal + *dicendi*, o PM é a variedade que apresenta o maior índice de sujeito explícito (24 dados contra nove do PB e três do PA), o que indica maior preservação de traços associados ao estatuto verbal da construção.

Com o valor de ‘significa’, houve dados de sujeito explícito e de sujeito implícito nas três variedades, com o PB liderando os casos com sujeito explícito e o PA à frente nos casos de sujeito implícito (63 dados), distanciando-se das variedades brasileira (35 dados) e moçambicana (36 dados). Esse resultado sugere que na variedade angolana há maior propensão à omissão do sujeito, o que pode sinalizar avanço no processo de gramaticalização.

No que se refere aos contextos sem sujeito – considerados os mais gramaticalizados, por envolverem a perda categorial da estrutura verbal –, observa-se maior frequência nas variedades africanas em comparação com o PB. Como dito anteriormente, esses resultados reforçam a hipótese de que, embora as três variedades compartilhem trajetórias semelhantes de mudança, as variedades moçambicana e angolana apresentam maior incidência de contextos compatíveis com estágios mais avançados de gramaticalização bem como com a decategorização de *quer dizer*.

Desse modo, a distribuição dos dados relativos à explicitude, implicitude e omissão do sujeito evidencia não apenas convergências entre as variedades mas também nuances quantitativas que podem refletir diferentes tendências de uso e estágios de gramaticalização da construção *quer dizer* no PB, no PM e no PA.

5.3.3 Resultados para a presença/ausência da conjunção *que*

Este grupo de fatores tem como objetivo verificar em quais contextos de uso da construção *quer dizer* ocorre a presença da conjunção integrante *que* bem como identificar possíveis correlações entre esse elemento e os diferentes estágios de gramaticalização da construção. Parte-se da hipótese de que usos menos gramaticalizados – aqueles em que *quer dizer* mantém maior estatuto verbal – tenderiam a ocorrer com a conjunção *que*, ao passo que usos mais gramaticalizados – como conector textual e marcador discursivo – apresentariam maior propensão à sua ausência.

As Tabelas 10, 11 e 12, apresentadas a seguir, expõem os resultados referentes à distribuição das ocorrências de *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português, considerando a presença/ausência da conjunção *que*. Esses dados permitem observar em que medida a integração sintática da construção se mantém ou se enfraquece nas diferentes funções desempenhadas por *quer dizer*, contribuindo, assim, para a compreensão de seu percurso de gramaticalização nas três variedades aqui analisadas.

Tabela 10: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da presença/ausência da conjunção *que* no PB

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Conjunção <i>que</i>	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Presença	6	124	1	-	-	-	-
Ausência	10	80	53	13	3	4	4
Total	16	204	54	13	3	4	4

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da presença/ausência da conjunção *que* no PM

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Conjunção <i>que</i>	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Presença	3	104	4	-	-	-	-
Ausência	24	71	72	9	3	5	4
Total	27	175	76	9	3	5	4

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 12: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função da presença/ausência da conjunção *que* no PA

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Conjunção <i>que</i>	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Presença	1	130	1	-	-	-	-
Ausência	2	61	82	18	-	1	4
Total	3	191	83	18	-	1	4

Fonte: Elaboração própria.

Nas três variedades estudadas, a presença da conjunção *que* é amplamente constatada nas ocorrências de *quer dizer* com valor de ‘significa’ (64): 124 dados no PB, 104 no PM e 130 no PA.

- (64) a. [...] Agravantes para as chances de congelamentos. Má aclimação e desidratação: Congelamentos podem ocorrer a qualquer altitude, só vão depender da temperatura na qual o corpo humano for exposto e por quanto tempo. No entanto, as grandes altitudes contribuem em 50 % no risco de congelamentos. O gasto calórico é extremamente alto em altitudes, mas muito além disso, a hidratação é o fator chave para a gravidade de um congelamento. Uma má aclimação significa **que** o escalador não se hidratou direito e isso **quer dizer que** seu sangue está espesso (o que é ocasionado por aumento de glóbulos vermelhos). Sangue espesso circula com mais dificuldade e com menos velocidade pelo corpo. [...] (PB, <http://altamontanha.com/Artigo/1233/prevencao-e-tratamento-de-congelamentos>)
- b. [...] Dos vários sectores da reforma do sector Público cujos ventos da transparência ainda não abanaram as suas estruturas, destaca-se o ponto relacionado com a Transparência do salário do chefe do estado. Para começar, importa fazer referência ao decreto 10/75 que fixava a remuneração mensal a que tinha direito o Presidente da República. Isto **quer dizer que** o salário do mais alto dignitário da República Popular de Moçambique em 1975, período da ditadura, guerra, fome, miséria, desventura em que as medidas de construção do Estado redundaram em um fracasso total rumo ao colapso do Estado era um acto

de domínio e de conhecimento público, em última análise, era Transparente. (PM, http://ndhaneta.blogspot.com/2011_06_01_archive.html)

- c. O assunto de eleição, até semana passada, era doce de ser abordado, como se fosse mel. Hoje, entretanto, tornou-se fel. Está sendo difícil para ser digerido. Está muito amargo. Há muitos “« porquês »” sem resposta. Por exemplo, o Mpla ficar com cerca de 82 %, ou seja, isso **quer dizer** que só temos 18 % de insatisfeito, em um país que lidera o “« ranking »” de tudo que não presta, como corrupção, desemprego, analfabetismo? O resultado é atípico. Esse resultado mais importa aceitar-lo que questionar-lo. (PA, http://cangue.blogspot.com/2008_09_01_archive.html)

Esses números evidenciam uma taxa bastante elevada de ocorrência da conjunção nas três variedades, com destaque para a variedades angolana, em que a presença é mais frequente. Tal comportamento confirma que, nesse uso, *quer dizer* mantém forte integração sintática com a oração subsequente, preservando traços típicos de construções verbais. Observa-se que, de modo geral, há maior incidência de ocorrências com a presença da conjunção do que com sua ausência.

Sob a perspectiva da gramaticalização, esse grupo de fatores revela um dado importante: a maior incidência de ausência da conjunção tende a associar-se a contextos mais gramaticalizados da construção. Isso se explica pelo fato de que, à medida que *quer dizer* avança no *cline* de mudança – especialmente quando começa a atuar como conector textual ou marcador discursivo –, enfraquece-se sua integração sintática com a oração subsequente, tornando desnecessária a conjunção integrante *que* na vasta maioria dos casos. Assim, a ausência da conjunção *que* pode ser interpretada como indício de maior autonomia discursiva e de maior abstração funcional da construção, em consonância com o princípio da decategorização.

Ao observar o uso modal + *dicendi*, um dado relevante emerge na análise: nesse contexto, a ausência da conjunção *que* apresenta índices relativamente superiores aos registrados em outros usos menos gramaticalizados. No PB, a ausência foi registrada em 10 dados; no PM, em 24 dados; e no PA em dois dados. Ainda que, em termos absolutos, esses números não sejam relevantes, chama atenção o fato de que, justamente em um uso considerado fonte no *cline* de gramaticalização, já se percebem indícios desse processo, com mais ausência do que presença da conjunção.

Essa diminuição da ocorrência da conjunção pode ser interpretada como um possível indicador de gramaticalização, na medida em que revela uma alteração na estrutura sintática da construção. Conforme destaca Almeida (2022, p. 66), “*quer dizer* ocorre em contexto em que não seleciona uma oração como objeto direto, mas sim um sintagma nominal, representado pelo

pronome relativo *que*”, como ilustrado em (65). Nesse tipo de configuração, observa-se uma reorganização sintática que enfraquece a dependência oracional típica do verbo pleno. Nessa perspectiva, ainda é possível observar que, mesmo atuando como verbo pleno com valores composicionais preservados, *quer dizer* caminha em direção à redução da conjunção integrante, o que pode ser interpretado como um estágio inicial de gramaticalização, evidenciando, assim, o caráter gradual e difuso do processo.

- (65) a. Às vezes culpamos as outras pessoas pelo que nos acontece, ou até mesmo ao Senhor. Mas esta é a forma mais fácil de reagir. Às vezes tentamos esquecer os problemas na esperança de que eles desapareçam. Entretanto, a fim de responder a pergunta de como devemos reagir as situações difíceis e desencorajadoras, devemos voltar a o nosso texto onde o Senhor diz: “« Tenho-vos dito isto para que em Mim tenhais paz. Em o mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo. Eu venci o mundo »”. O que o Senhor **quer dizer** com isso? Como podemos ter bom ânimo quando passamos por aflições? Será que o Senhor está dizendo que devemos ficar felizes mesmo quando a vida está difícil espiritual ou naturalmente? Antes do texto deste sermão o Senhor fala abertamente aos Seus discípulos sobre Ele mesmo, como Ele veio do Pai e voltaria para o Pai, e sobre como aqueles que O amam, amam também o Pai, porque Ele e o Pai são um. (PB, <http://24.229.2.221/sermoes/95.html>)
- b. Da data da publicação da notícia? Ou da data em que a afirmação foi proferida? Ou 30 dias a partir do início do problema? Mas aí já passam dois meses. Sem este esclarecimento, como passados 30 dias irei exigir resultados e responsabilidades se nem sei quando termina o prazo estabelecido para resolver o problema? A afirmação prossegue (evasiva): “... estamos em um processo muito avançado de contactos com a vizinha África do Sul...” O quê o director **quer dizer** com processo muito avançado? Está avançado porquê? Em que ponto se encontra? E os contactos? Em que consistem e como estão sendo feitos? Da forma como a afirmação foi feita quais as garantias que os moradores do Esturro têm que o problema será mesmo resolvido e em pouco tempo? (PM, <http://circulodesociologia.blogspot.com/2007/06/explicaes-que-no-passam-de-chauvinismos.html>)
- c. Penso, no entanto, que é hora de dizer que a nossa UNITA não merece a direcção que tem. Eu disse que o presidente Samakuva esteve no leste a fazer o seu trabalho e, por isso, não estranho nada do que o PRS disse na Assembleia Nacional. Eles foram alinhados para dizer o que a UNITA não **quer dizer**. Cada um faz o seu trabalho: o PRS fala e a UNITA faz. Vejam a mobilização que a UNITA fez na Quibala. Alguém tem dúvidas de que havia agentes a instrumentalizar aquelas pessoas para se revoltarem contra as instituições do Estado? Tal como digo sempre, eu só posso alertar. Quem de direito que assumo o dever de garantir a paz, a tranquilidade social e o bem-estar do nosso povo. (PA, http://cacbbr.blogspot.com/2011_02_01_archive.html)

Ressalta-se que, nos dados analisados, os empregos de *quer dizer* como conector textual e como marcador discursivo – considerados, nesta pesquisa, os usos mais avançados no *cline* de gramaticalização – tendem a ocorrer majoritariamente sem a presença da conjunção integrante *que*. Entre esses usos, destaca-se o valor esclarecedor (66), que se mostrou o mais produtivo nas três variedades analisadas. Com esse valor, foram registradas 53 ocorrências no PB, 72 no PM e 82 no PA, sem conjunção, evidenciando maior incidência desse padrão, especialmente na variedade angolana.

- (66) a. [...] O sentido de urgência, incomensuravelmente maior na solução da greve da polícia, passou longe de ser só do governo do estado. Ou da determinação pessoal das autoridades. Isto é o que mais precisa ficar claro: o sentido de urgência foi coletivo. Multiplicou-se em escala maciça não só na imprensa, mas nas redes sociais, nas relações interpessoais e comunitárias, nas ruas e praias -- pois, de outra forma, quase não se ouviu falar do interior. **Quer dizer**, não há parâmetro de comparação: a greve dos policiais foi muito mais importante para a sociedade do que a dos professores. E, em consequência, resolvida também com escandaloso senso de urgência, se posta em paralelo com a outra. É este o problema. O ponto de onde se deveria partir. O ponto que deveria ser mais destacado. Indicado com mais urgência. [...] (PB, <http://afetivagem.blogspot.com/p/o-giz-e-o-cacetete.html>)
- b. O primeiro aspecto que quero mencionar têm a ver com o facto de Bourdieu ter, ele próprio, reflectido criticamente sobre o conceito. Um conceito que está presente, praticamente, desde seus primeiros anos de carreira académica como forma de posicionar o que designou de " habitus " dentro do espaço social. **Quer dizer**, para Bourdieu, o espaço social (também designado por Campo) é um lugar (uma configuração) de lutas por ' capital simbólico ' que está organizado em torno de interesses tais como a educação, ciência, arte, política, literatura e por aí em diante. Cada um de esses interesses pode se constituir em um campo social. Os indivíduos, (a quem Bourdieu designa por agentes ou actores sociais) interagem dentro desse espaço ou desses campos através dos seus habitus (disposições inculcadas e capital cultural' -- valores, crenças, gostos, visões etc). (PM, http://circulodesociologia.blogspot.com/2008_05_01_archive.html)
- c. [...] A economia fragiliza- se e aumenta a sua vulnerabilidade externa, tanto por a contração de o mercado interno derivada de as políticas predominantes, como por as pressões sobre o sector externo, o que leva a que a dinâmica económica passe a depender em grande medida de variáveis externas, **quer dizer**, da dinâmica das economias desenvolvidas, assim como de a entrada de capitais. Em o contexto de a liberalização financeira e de grandes requerimentos de entradas de capitais, as políticas monetárias [...] (PA, http://resistir.info/mexico/huerta_alternativas.html)

Curiosamente, dentre os usos mais gramaticalizados, o único que ainda apresentou casos residuais com a presença da conjunção *que* foi o esclarecedor – com ocorrências bastante

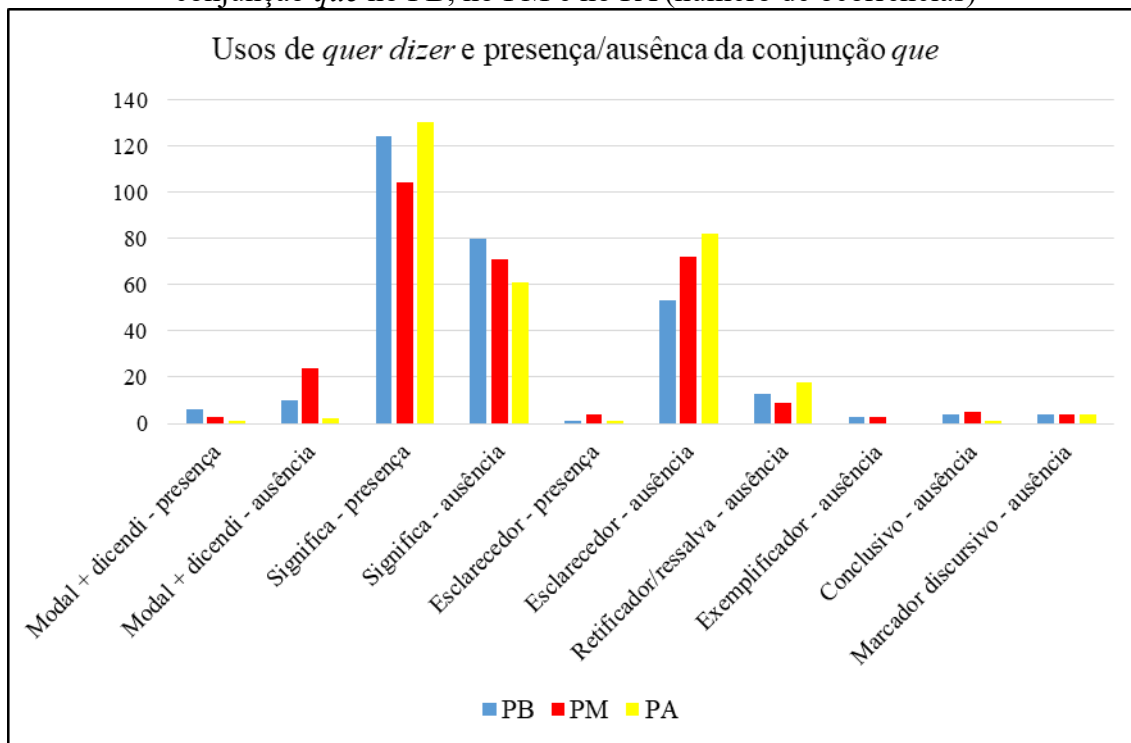
reduzidas: uma no PB, quatro no PM e uma no PA. Esses dados sugerem que, embora a tendência geral seja a ausência da conjunção, há ainda vestígios estruturais que revelam estágios intermediários no processo de mudança.

Observa-se, com isso, que os contextos em que *quer dizer* funciona como conector textual ou marcador discursivo tendem a não admitir a conjunção integrante, justamente por se tratar de usos em que a construção já não seleciona uma oração subordinada como complemento verbal. Nesses casos, como ressaltado anteriormente, há perda de dependência sintática e maior autonomia discursiva, o que reforça o princípio da decategorização de Hopper (1991), uma vez que a construção se afasta progressivamente de seu comportamento verbal prototípico. Assim, infere-se nesta pesquisa que a ausência da conjunção integrante está relacionada à emergência de novos usos, pois a construção passa a operar predominantemente no plano textual e interpessoal, organizando a informação, introduzindo reformulações ou orientando a interpretação do interlocutor.

Em suma, a partir das reflexões apresentadas, observa-se, no que se refere a este grupo de fatores, uma tendência à perda da conjunção integrante *que* no processo de gramaticalização de *quer dizer*. Todavia essa conjunção ainda se mostra bastante produtiva no estágio intermediário descrito por Gonçalves et al. (2007), no qual a construção funciona com valor de ‘significa’, introduzindo orações completivas e preservando traços de sua estrutura verbal original.

Nessa perspectiva, alinhado ao que propõe Almeida (2022), aventou-se nesta pesquisa a hipótese de que haveria uma correlação entre os usos mais gramaticalizados – conector textual e marcador discursivo – e a ausência da conjunção *que*. Os resultados obtidos confirmam essa hipótese, uma vez que tais usos ocorreram predominantemente sem a conjunção, evidenciando maior autonomia sintático-discursiva da construção. Para tanto, à medida que *quer dizer* se afasta do comportamento verbal prototípico e deixa de selecionar complementos oracionais, passa a atuar como conector textual e marcador discursivo. O Gráfico 4, a seguir, ilustra os resultados totais referentes à presença e à ausência da conjunção *que* nos diferentes contextos analisados.

Gráfico 4: Distribuição dos dados de *quer dizer* em função da presença/ausência da conjunção *que* no PB, no PM e no PA (número de ocorrências)



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar no Gráfico 4, nas três variedades no português analisadas houve maior incidência da presença da conjunção *que* nos usos modal + *dicendi* e, sobretudo, no uso com valor de ‘significa’. No que se refere especificamente ao valor de ‘significa’, o PB apresentou 124 ocorrências com a conjunção; o PM, 104; e o PA, 130. Isso evidencia forte associação entre esse estágio intermediário de gramaticalização e a manutenção da estrutura completa.

Em contrapartida, nos usos mais gramaticalizados – conector textual (esclarecedor, retificador/ressalva, exemplificador e conclusivo) e marcador discursivo – predominam amplamente as ocorrências sem a conjunção *que* nas três variedades. No caso específico da função esclarecedora, registram-se índices de ausência bastante altos no PB (53/54 dados), no PM (72/76 dados) e no PA (82/83 dados). Os demais usos como conector textual e como marcador discursivo não apresentaram registros com a presença da conjunção, confirmando a tendência de desvinculação sintática característica do estágio mais avançado de gramaticalização identificado nesta pesquisa.

Esses resultados reforçam a hipótese de que a presença da conjunção *que* está associada a contextos em que *quer dizer* ainda preserva traços verbais e seleciona complemento oracional,

ao passo que sua ausência se correlaciona a usos em que a construção passa a operar prioritariamente no plano textual e discursivo.

5.3.4 Resultados para o tipo de sequência linguística

Este grupo de fatores tem como objetivo identificar em quais sequências linguísticas – narrativa, descritiva, argumentativa e injuntiva – os diferentes usos de *quer dizer* apresentaram maior produtividade nas variedades PB, PM e PA. Parte-se do pressuposto de que determinadas funções da construção tendem a ocorrer com maior frequência em contextos discursivos específicos, especialmente aqueles que favorecem a reformulação e a organização argumentativa. Nas Tabelas 13, 14 e 15, a seguir, apresentam-se os resultados quantitativos referentes à distribuição das ocorrências de *quer dizer* nas quatro sequências linguísticas consideradas, permitindo observar padrões de recorrências e possíveis diferenças entre as variedades analisadas.

Tabela 13: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função do tipo de sequência linguística no PB

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Sequência	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Narrativa	1	11	6	6	-	-	2
Descritiva	2	6	2	2	-	-	1
Argumentativa	11	178	45	5	3	4	1
Injuntiva	2	9	1	-	-	-	-
Total	16	204	54	13	3	4	4

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 14: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função do tipo de sequência linguística no PM

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Sequência	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Narrativa	5	2	4	1	-	-	1
Descritiva	1	4	3	-	-	-	-
Argumentativa	20	169	69	7	3	5	3
Injuntiva	1	-	-	1	-	-	-
Total	27	175	76	9	3	5	4

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 15: Distribuição dos usos de *quer dizer* em função do tipo de sequência linguística no PA

Usos	Verbo		Conector				Marcador discursivo
Sequência	Modal + <i>dicendi</i>	Significa	Esclarecedor	Retificador / ressalva	Exemplificador	Conclusivo	
Narrativa	-	2	3	-	-	-	-
Descritiva	-	2	-	1	-	-	-
Argumentativa	3	185	79	17	3	1	4
Injuntiva	-	-	-	-	-	-	-
Total	3	189	82	18	3	1	4

Fonte: Elaboração própria.

As Tabelas apresentadas evidenciam tanto convergências quanto divergências entre os usos de *quer dizer* e os tipos de sequência linguística. Observa-se que, nas três variedades analisadas, há clara predominância da sequência argumentativa, especialmente nos usos de *quer dizer* com valor de ‘significa’ e como conector textual.

No que diz respeito ao uso com valor de ‘significa’ (67), verifica-se forte associação com a sequência argumentativa nas três variedades: no PB, esse contexto corresponde a 178 ocorrências; no PM, a 169; e no PA, a 185.

- (67) a. Para os casos em que a dose de Dexametazona estiver sendo ministrada por mais de uma semana, é necessário reduzir a dosagem gradativamente antes de pará-la completamente. *Esta droga é extremamente forte e perigosa, provavelmente a pior de todas mencionadas aqui. Há dezenas de contra-indicações no uso de Dexametazona, no entanto, alguns farmacêuticos insistem em vender-lo sem prescrição médica. Isso quer dizer que se a pessoa tiver diabetes, problemas cardíacos, estiver tomando algum antibiótico, for alérgico, etc, está pondo sua vida em risco não consultando um médico.* Durante o uso de Dexametazona, fique longe de qualquer tipo de foco infeccioso. O seu sistema imunológico estará deprimido e infecções serão contraídas facilmente. Evite qualquer tipo de imunização com a presença de Dexametazona em seu corpo. (PB, <http://altamontanha.com/Artigo/1274/remedios-e-tudo-sobre-altitude>)
- b. Por outras palavras, o assédio sexual é o acto de “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”. *Alguns exemplos de Assédio Sexual podem ser: piadas, comentários, carícias ou pedidos de favores sexuais indesejados, intimidação, ameaças, represálias, recusa de promoção, demissão ou outras injustiças resultantes de uma recusa de favores sexuais. Isto quer dizer que não se pode mais paquerar a colega de trabalho? Nada impede que dois colegas de trabalho se apaixonem e, muitas vezes, até se casem e formem família.* Porém, pedir em namoro a uma colega de trabalho só pode ter duas respostas: ou SIM ou NÃO. Se você receber um “« sim »”, pode ir em frente que não há crime algum nisso. (PM, <http://m.meusalario.org/mocambique/main/lei-de-trabalho/tratamento-justo/assedio-sexual-no-local-de-trabalho>)

c. *Acho que neste orçamento também podia caber a questão das casas, mas isso tem a ver com o Programa de Investimentos Públicos (PIP) e nós temos tido algumas dificuldades em conseguir verbas nesta rubrica. E por isso mesmo ainda estamos a estudar como, de facto, resolver este problema. Há quem diga que no Instituto Nacional de Habitação há verbas para pagar isso, quer dizer que nós podíamos fazer um contrato com o empreiteiro. Quando o empreiteiro quisesse dinheiro, ia buscar-lo a o Instituto.* Estive a ler esta madrugada (porque acordei muito cedo) e acho que ainda assim temos que regulamentar algumas coisas para ter uma certa uniformidade, por um lado, e o rigor em ver quem é o responsável. (PA, <http://angola-luanda-pitigrili.com/who%E2%80%99s-who/k/general-kundi-paihama>)

Observa-se, nos dados apresentados, a predominância de contextos argumentativos no uso de *quer dizer* com valor de ‘significa’. No exemplo (67a), o locutor desenvolve uma argumentação a respeito da dexametasona, e *quer dizer* assume claramente o valor de ‘significa’, contribuindo com a precisão do argumento. Em (67b), ao discutir o assédio sexual no ambiente de trabalho, o locutor mobiliza *quer dizer* para delimitar seu ponto de vista. Já em (67c), a argumentação sobre as obras no país é acompanhada pelo uso de *quer dizer* como recurso interpretativo.

Os resultados desta pesquisa confirmam a hipótese de que esse uso, embora ainda preserve traços verbais, atua de maneira produtiva em contextos de explicitação conceitual e reformulação argumentativa, funcionando como recurso de construção de sentido no desenvolvimento do ponto de vista do locutor.

De modo semelhante, o uso de *quer dizer* como conector textual (68) com a função esclarecedora também apresenta maior incidência na sequência argumentativa: no PB, corresponde a 45/54 ocorrências; no PM, a 69/76; e no PA, a 79/82. Esse resultado reforça a relação entre a gramaticalização e a organização discursiva, uma vez que, em contextos argumentativos, há maior necessidade de explicitar, reformular e detalhar informações para sustentar a progressão temática e fortalecer a orientação argumentativa no texto. Infere-se, portanto, que há uma tendência de os usos mais gramaticalizados de *quer dizer* ocorrerem com sequências argumentativas, visto que esse tipo de organização textual favorece mecanismos de reformulação e encadeamento lógico-discursivo.

- (68) a. A segunda espécie de recebedores reconhece e aprende a verdade, mas somente por alguma afeição natural por algum proveito próprio e, assim, quando perdem de vista esse proveito ou benefício imediato, falsificam e finalmente negam a verdade. *As sementes da verdade caem em terrenos pedregosos, onde não há terra bastante e, por não terem raízes, secam-se. Com esta espécie existe apenas uma afeição natural pela verdade, quer dizer, eles recebem a verdade da Palavra por causa de algum propósito mundano e não para correção de suas*

vidas. Quando por isso surgem as tentações espirituais por causa da verdade, desistem delas e as falsificam em suas mentes. Deixam que o calor de o sol do amor de si resseque e queime a vida dentro da semente de a verdade. (PB, <http://24.229.2.221/sermoes/88.html>)

- b. *Foi assim que, em Macomia, um juiz conversando com jornalistas, à volta de uns copos, disse que havia passado por ele estrangeiros com muito dinheiro no carro, exageradamente avultado, sem saber que os mesmos acabavam de ser detidos na província de Manica, exactamente por causa do que ele achou normal. **Quer dizer**, viu muito dinheiro, não se alarmou e, em Manica, quem esteve atento deteve-os, e com muita razão! É dizer, quando somos chamados a prestar serviço não o fazemos e quando a nossa acção se torna ruim a sociedade, lá estamos, incluindo desmobilizar investidores, como é o caso em apreço, que já tem nomes, que por uma questão de ética não é agora que vamos publicar.* (PM, http://comunidademocambicana.blogspot.com/2009_06_01_archive.html)
- c. *Não se pagam mais os salários e as pensões em tempo, os preços da comida e dos medicamentos estão a subir, o valor do Kwanza no mercado está a baixar! Muitas das obras estão paradas e vários projectos de desenvolvimento foram cancelados. **Quer dizer**, o Governo fez o povo pagar a factura da sua campanha eleitoral, dos carros de luxo que importou para comprar consciências, e agora não cumpre as promessas que fez! A explicação oficial que dá para tais incumprimentos é a crise financeira internacional. Não aceitemos isso, porque não é verdade. Quero explicar-vos hoje que nem tudo o que vai mal na nossa economia se deve a crise internacional.* (PA, http://cangue.blogspot.com/2009_03_01_archive.html)

Quanto ao uso como conector textual com função esclarecedora, também se verifica forte inserção em contextos argumentativos. Em (68a), ao refletir sobre as “sementes da vida”, o locutor utiliza *quer dizer* para ampliar e esclarecer o conteúdo anteriormente exposto, promovendo uma reformulação que intensifica a orientação argumentativa do enunciado. Em (68b), a construção articula uma tecitura argumentativa relacionada a um episódio envolvendo dinheiro, funcionando como um reorganizador da informação e do encadeamento lógico do discurso. De modo semelhante, em (68c), ao tratar de salários, pensões e do contexto inflacionário, *quer dizer* introduz um segmento esclarecedor que contribui para a progressão temática e para a consolidação do posicionamento do locutor.

As demais sequências linguísticas também se mostraram produtivas em determinados usos de *quer dizer*, embora com distribuições distintas entre as variedades analisadas. No PB, a sequência injuntiva apresentou predominância no uso de ‘significa’, com nove ocorrências, seguida do modal + *dicendi*, bem menos expressivo, com apenas dois dados. Já a sequência narrativa revelou-se promissora no uso com valor de ‘significa’ (11 dados), além de apresentar ocorrências relevantes dos usos esclarecedor e retificador/ressalva (seis dados em cada uso), o que indica que, mesmo nesses contextos, há espaço para reformulações e explicitações. No que

se refere à sequência descritiva, observou-se maior ocorrência do valor de ‘significa’ (seis dados), acompanhada de índices semelhantes para os usos retificador/ressalva, esclarecedor e modal + *dicendi* (dois dados em cada uso), evidenciando que a descrição também favorece operações de explicitação e reorganização informacional.

No PM, a sequência injuntiva distribuiu-se igualmente entre o uso modal + *dicendi* e o uso retificador/ressalva, com uma ocorrência para cada, um número reduzido de dados. A sequência narrativa mostrou-se particularmente produtiva no uso modal + *dicendi* (cinco dados), seguida do uso esclarecedor (quatro dados), sugerindo que, nessa variedade, a narração ainda preserva contextos em que os valores volitivo e modal + *dicendi* se mantêm ativos. Quanto à sequência descritiva, verificou-se predominância do uso com valor de ‘significa’ (quatro dados), acompanhado do uso esclarecedor (três dados).

No PA, não foram registradas ocorrências em sequência injuntiva na amostra analisada. A sequência narrativa concentrou-se principalmente no uso esclarecedor (três dados), seguida pelo uso com valor de ‘significa’ (dois dados), o que evidencia uma forte tendência à organização textual por meio de reformulações, muitas vezes explicativas. Já a sequência descritiva foi mais produtiva no uso de ‘significa’ (dois dados) e com presença tímida no uso retificador/ressalva (um dado), demonstrando que, nessa variedade, a descrição favorece tanto a atribuição de significado quanto a correção ou o ajuste de informações.

Assim, os resultados confirmam que, embora a sequência argumentativa seja a mais produtiva nas três variedades, as demais sequências linguísticas também contribuem significativamente para a distribuição funcional de *quer dizer*, revelando que os diferentes estágios de gramaticalização da construção se articulam de maneira sensível à organização discursiva nos textos.

As Tabelas 13, 14 e 15 evidenciam que os usos de *quer dizer* com valor de ‘significa’ e como modal + *dicendi* se mostraram altamente produtivos na sequência argumentativa nas três variedades analisadas. Os usos de *quer dizer* como conector textual também foram bastante produtivos nessa mesma sequência, especialmente nas funções esclarecedora e retificadora/ressalva. As demais sequências linguísticas – narrativa, descritiva e injuntiva – revelaram-se menos produtivas na amostra desta pesquisa quando comparadas à sequência argumentativa no PB, no PM e no PA. O uso de *quer dizer* como marcador discursivo, embora pouco frequente de modo geral, também apresentou algumas ocorrências na sequência argumentativa: uma no PB, três no PM e quatro no PA.

Destaca-se ainda que os usos exemplificador e conclusivo ocorreram exclusivamente na sequência argumentativa. A sequência injuntiva foi detectada, no PB, nos usos modal + *dicendi*,

‘significa’ e esclarecedor; no PM, apenas nos usos modal + *dicendi* e retificador/ressalva; e, no PA, não houve ocorrências. Assim, a sequência argumentativa foi a única que contemplou todos os usos de *quer dizer* identificados na pesquisa.

No PA, observa-se que o uso modal + *dicendi* foi registrado exclusivamente na sequência argumentativa (três ocorrências). O uso com valor de ‘significa’ foi amplamente predominante, com 189 dados, considerando todas as sequências linguísticas. Quanto aos conectores textuais, destaca-se um dado em sequência descritiva com uso retificador/ressalva e três dados em sequência narrativa com uso esclarecedor. Tal como nas demais variedades, os usos exemplificador, conclusivo e marcador discursivo apresentaram pouca ou nenhuma ocorrência nas sequências narrativa, descritiva e injuntiva.

No PM, os usos exemplificador e conclusivo também figuraram apenas na sequência argumentativa, enquanto o marcador discursivo foi registrado em três dados do tipo argumentativo e em um dado do tipo narrativo. De modo geral, portanto, esses usos mais gramaticalizados apresentaram baixa produtividade fora do contexto argumentativo.

De acordo com a hipótese formulada nesta pesquisa, em alinhamento com o trabalho de Almeida (2022), esperava-se que os usos mais gramaticalizados de *quer dizer* – especialmente como conector textual – ocorressem predominantemente em contextos argumentativos, com ênfase na função esclarecedora. Essa hipótese foi parcialmente confirmada, uma vez que a sequência argumentativa concentrou a maioria das ocorrências do uso esclarecedor nas três variedades analisadas.

Além disso, considerando o conjunto dos usos identificados – modal + *dicendi*, ‘significa’, esclarecedor, retificador/ressalva, exemplificador, conclusivo e marcador discursivo –, o valor de ‘significa’ mostrou-se o mais produtivo na sequência argumentativa no PB, no PM e no PA, reforçando o papel central dessa função no estágio intermediário da gramaticalização da construção.

Feita a análise dos resultados referentes aos parâmetros linguísticos considerados na investigação da gramaticalização de *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português, apresentam-se, na próxima subseção, as principais convergências e divergências identificadas a partir dos dados desta pesquisa.

5.4 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE O PB, O PM E O PA

Esta subseção tem por objetivo apresentar as possíveis convergências e divergências relativas à construção *quer dizer*, no que se refere aos parâmetros linguísticos considerados

nesta pesquisa – pessoa gramatical do sujeito da construção, explicitude/omissão do sujeito, presença/ausência da conjunção integrante *que* e tipo de sequência linguística. A partir desses fatores, busca-se identificar a existência de tendências comuns e particularidades nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português, com vistas à compreensão do percurso de gramaticalização dessa construção nas três variedades linguísticas.

Além disso, esta subseção possibilita ampliar as reflexões acerca do processo de gramaticalização no português, especialmente no que concerne às variedades africanas, ainda pouco contempladas em estudos comparativos dessa natureza. Ao observar o comportamento de *quer dizer* em diferentes contextos estruturais e discursivos, torna-se possível verificar em que medida as variedades compartilham um mesmo *cline* de mudança linguística ou apresentam especificidades que sinalizam ritmos diferenciados de gramaticalização.

A Tabela 16, apresentada a seguir, sintetiza os resultados gerais por meio de dados absolutos e percentuais, organizando as ocorrências em dois grandes grupos: usos [- gramaticais], correspondentes aos empregos ainda marcados por traços verbais (modal + *dicendi* e valor de ‘significa’), e usos [+ gramaticais], que englobam os empregos como conector textual (esclarecedor, retificador/ressalva, exemplificador e conclusivo) e marcador discursivo. Essa categorização permite visualizar de forma mais ampla a distribuição funcional da construção e detectar possíveis tendências de avanço no processo de gramaticalização de *quer dizer* nas variedades analisadas.

Tabela 16: Usos de *quer dizer* menos e mais gramaticalizados no PB, no PM e no PA

Usos	PB		PM		PA	
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual
[- gramaticalizado]	220	74%	202	68%	195	65%
[+gramaticalizado]	78	26%	97	32%	105	35%
Total	298	100%	299	100%	300	100%

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar na Tabela 16, os usos classificados como [- gramaticais], isto é, aqueles que ainda preservam traços verbais mais evidentes (modal + *dicendi* e valor de ‘significa’) correspondem a 74% das ocorrências no PB, 68% no PM e 65% no PA. Já os usos [+ gramaticais] – conector textual (esclarecedor, retificador/ressalva, exemplificador e conclusivo) e marcador discursivo – representam 26% no PB, 32% no PM e 35% no PA. Assim, os dados apontam para um *continuum* funcional em que diferentes graus de gramaticalização convivem e se distribuem de maneira relativamente semelhante no PB, no PM e no PA, ainda que com pequenas variações percentuais que merecem interpretação cuidadosa.

Esses resultados indicam que, na amostra analisada, os empregos com traços verbais ainda são majoritários nas três variedades, o que evidencia a permanência significativa dos estágios menos avançados do processo de gramaticalização. Contudo chama atenção também o fato de que as variedades africanas, o PM e o PA, apresentam percentuais ligeiramente mais elevados de usos [+ gramaticais] em comparação com o PB, o que pode sinalizar uma tendência relativamente mais acentuada de expansão funcional da construção naquelas variedades.

Sob a perspectiva da gramaticalização, esse quadro confirma a coexistência de diferentes estágios no interior do mesmo sistema linguístico, em consonância com o princípio da divergência proposto por Hopper (1991), segundo o qual a forma fonte continua ativa mesmo após o surgimento de novas funções mais abstratas. Assim, embora os usos verbais sejam predominantes, a presença consistente de conectores textuais e, relativamente, de alguns usos de marcador discursivo nas três variedades revela que *quer dizer* está amplamente integrado ao domínio textual e discursivo.

Assim, a análise dos dados referentes aos usos de *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português permite identificar tanto convergências significativas quanto divergências pontuais no comportamento dessa construção. De modo geral, os resultados evidenciam que as três variedades compartilham semelhanças funcionais no que diz respeito à trajetória de gramaticalização de *quer dizer*, ainda que apresentem diferenças quantitativas e tendências específicas em determinados contextos.

Uma primeira convergência percebida na análise diz respeito ao repertório de usos atestados na pesquisa. Nas três variedades, em alinhamento com os trabalhos desenvolvidos por Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), foram identificados os seguintes usos: modal + *dicendi*, ‘significa’, conector textual – com funções esclarecedora, retificadora/ressalva, exemplificadora e conclusiva – e marcador discursivo. A única exceção refere-se ao exemplificador, não registrado na amostra do PA. Ainda assim, percebe-se que o conjunto geral das funções confirma a hipótese de que o percurso de gramaticalização de *quer dizer* se manifesta de forma amplamente semelhante nas três variedades analisadas.

Outra convergência percebida, também constada nos trabalhos de Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025) para o PB e o PM, refere-se à produtividade do uso com valor de ‘significa’, que se mostrou o mais frequente nas três variedades, representando, de acordo com Gonçalves et al. (2007), o estágio intermediário de gramaticalização. Esse dado reforça a ideia de que a construção, embora avance para funções textuais e discursivas, mantém forte presença em contextos ainda marcados por traços verbais. Além disso, o uso esclarecedor, entre os

conectores textuais, foi o mais produtivo no PB, no PM e no PA, evidenciando uma tendência de expansão de *quer dizer* para funções de organização e ampliação do conteúdo informacional.

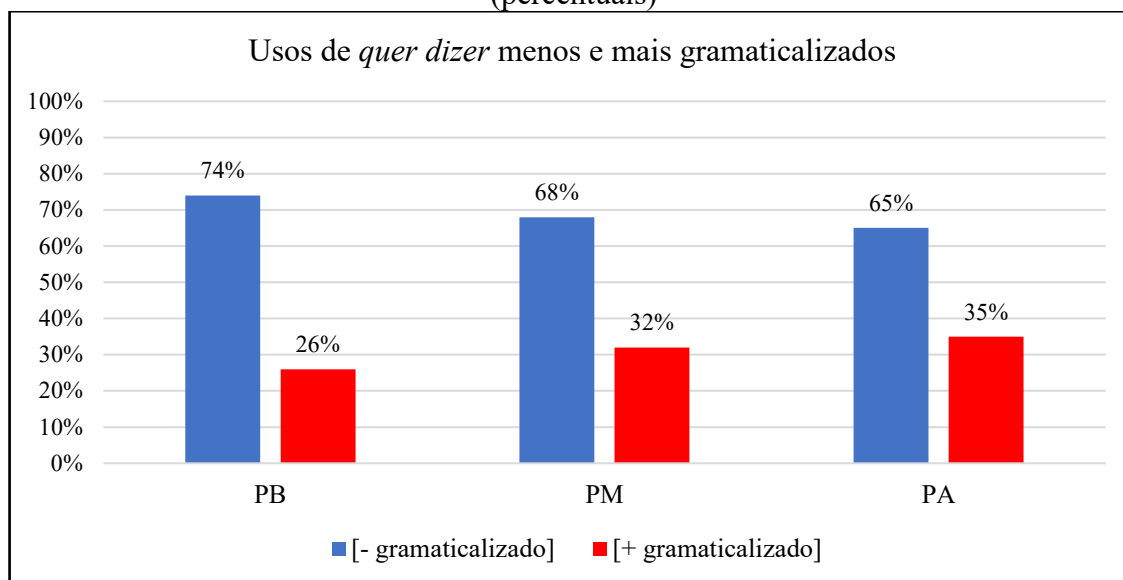
No que concerne aos parâmetros linguísticos analisados, também se observam convergências expressivas. A predominância da terceira pessoa do singular nos contextos verbais, a forte associação entre os usos mais gramaticalizados e a ausência de sujeito bem como a correlação entre conector textual/marcador discursivo e ausência da conjunção *que* são tendências confirmadas nas três variedades. Esses resultados apontam para um comportamento semelhante e para um processo de decategorização gradual.

Entretanto algumas divergências merecem destaque. Assim como nos trabalhos de Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), nesta pesquisa também se constatou que no PM o uso modal + *dicendi* apresentou maior incidência percentual em comparação com o PB e, sobretudo, com o PA, onde esse uso foi praticamente residual. No que se refere à explicitude do sujeito, as variedades africanas revelaram maior tendência à omissão ou ausência de sujeito, o que pode indicar maior avanço em determinados contextos de gramaticalização. Já o PB apresentou maior índice de sujeito explícito, especialmente no uso com valor de ‘significa’, preservando traços verbais da construção.

Outra diferença constatada está relacionada à distribuição por tipo de sequência linguística. Embora a sequência argumentativa tenha sido predominante em todas as variedades, o PA não apresentou ocorrências em sequência injuntiva, enquanto o PB demonstrou maior diversidade de distribuição entre os tipos narrativo, descritivo e injuntivo. É importante ressaltar que essas variações estão mais associadas às características da amostra desta pesquisa do que necessariamente a diferenças mais profundas entre as variedades.

Diante do exposto, pode-se afirmar, assim como também constatado por Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025), que as convergências superam as divergências. O comportamento de *quer dizer* nas três variedades aponta para um percurso de gramaticalização amplamente semelhante, com diferenças sobretudo de ordem quantitativa e de distribuição contextual. Assim, os dados corroboram a hipótese de que o PB, o PM e o PA participam de um mesmo *continuum* de mudança linguística, ainda que cada variedade apresente particularidades decorrentes de sua história sociolinguística e de seus contextos específicos de uso. A seguir, sintetizam-se, no Gráfico 5, os usos de *quer dizer* [- gramaticais] e [+ gramaticais] nas três variedades analisadas.

Gráfico 5: Usos de *quer dizer* menos e mais gramaticalizados no PB, no PA e no PM (percentuais)



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 5 ilustra, em termos percentuais, a distribuição dos usos [- gramaticalizados] e [+ gramaticalizados] da construção *quer dizer*, evidenciando a predominância dos usos com traços verbais nas três variedades analisadas. De modo geral, os empregos [- gramaticalizados] – correspondentes aos valores modal + *dicendi* e ‘significa’ – mostraram-se mais produtivos no PB, no PM e no PA. Em contrapartida, os usos [+ gramaticalizados] – conector textual e marcador discursivo – apresentaram menor frequência relativa nas três variedades quando comparadas aos usos verbais. Todavia é possível observar de maneira bastante clara uma tendência mais acentuada das variedades africanas, PM e PA, para o emprego de usos [+ gramaticalizados], em comparação com o PB, o que pode indicar uma maior expansão funcional da construção naquelas variedades.

Esse resultado reforça a perspectiva de que o processo de gramaticalização de *quer dizer* encontra-se em curso nas três variedades, distribuindo-se ao longo de um *continuum* funcional. Ao mesmo tempo, evidencia que, embora estágios menos gramaticalizados ainda sejam predominantes, há um avanço significativo em direção a funções textuais e discursivas, especialmente no PM e no PA. Dito isso, tecem-se, a seguir, as considerações finais desta pesquisa, nas quais se retomam as hipóteses levantadas, os principais resultados alcançados e as contribuições do estudo para a compreensão da gramaticalização de *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última seção são apresentadas as considerações finais desta pesquisa, com vistas a sintetizar os resultados obtidos bem como as abordagens teóricas que fundamentaram o estudo. Esta investigação teve como objetivo analisar a construção *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português, sob a perspectiva da gramaticalização, buscando descrever seus usos, identificar seus estágios de mudança linguística e verificar possíveis convergências e divergências entre o PB, o PM e o PA.

A pesquisa se propôs a analisar o processo de gramaticalização da construção *quer dizer* no português brasileiro, moçambicano e angolano, à luz do Funcionalismo linguístico de orientação norte-americana. A partir desse objetivo geral, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: (i) identificar e descrever os usos de *quer dizer* nas três variedades analisadas; (ii) estabelecer critérios para a distinção entre usos menos e mais gramaticalizados; (iii) propor uma sistematização dos estágios de gramaticalização da construção; (iv) examinar a influência do contexto morfossintático na emergência e no funcionamento dos usos gramaticalizados; e (v) comparar as variedades em foco, a fim de identificar convergências e divergências no percurso funcional da construção.

No que concerne à fundamentação teórica, a pesquisa ancorou-se no Funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, com ênfase na abordagem da gramaticalização, conforme proposto por Hopper e Traugott, 2003 [1993], Martelotta, Votre e Cezario (1996), Gonçalves et al. (2007), Furtado da Cunha (2011), Martelotta (2011), e Martelotta e Kenedy (2015), entre outros. Além disso, o estudo dialogou com investigações específicas sobre a construção *quer dizer*, tais como: Dal Mago (2001), Görski et al. (2002), Carneiro (2006), Gonçalves et al. (2007), Severo (2007), Carvalho e Silva (2018), Almeida (2022) e Almeida e Carvalho (2025).

A partir da análise das 900 ocorrências do PB, do PM e do PA extraídas do *Corpus* do Português (subcorpus *Web/dialetos*) (Davies; Ferreira, 2006), foi possível constatar que *quer dizer* apresenta um percurso de gramaticalização que vai do uso verbal pleno modal + *dicendi* ao valor de ‘significa’, avançando para funções textuais e discursivas (conector textual) e, em estágio mais abstrato, para marcador discursivo. Esse percurso confirma a existência de um *cline* de mudança caracterizado por perda gradual de composicionalidade, redução de traços sintático-semânticos verbais, aumento da abstratização e maior atuação no plano interpessoal do discurso.

Quanto à metodologia, esta pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa, combinando procedimentos próprios da metodologia qualitativa e da metodologia quantitativa, conforme propõe Lacerda (2016). No que se refere à dimensão qualitativa, destacou-se sua importância para a identificação dos estágios de gramaticalização da construção *quer dizer* bem como para a interpretação dos contextos de uso e dos casos de contexto ambíguo detectado nesta pesquisa. Por sua vez, o tratamento quantitativo dos dados possibilitou verificar tendências de frequência, produtividade e distribuição funcional da construção nas três variedades examinadas. Essa etapa foi fundamental para a comparação entre o PB, o PM e o PA, permitindo observar convergências e divergências não apenas no plano descritivo mas também em termos numéricos.

Ademais, foram controlados grupos específicos de fatores linguísticos, a saber: (i) pessoa gramatical do sujeito; (ii) explicitude/omissão do sujeito; (iii) presença/ausência da conjunção *que*; e (iv) tipo de sequência linguística (narrativa, descritiva, argumentativa e injuntiva). O controle desses parâmetros possibilitou analisar a construção em interface com os aspectos textual e discursivo, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do processo de gramaticalização de *quer dizer* nas variedades investigadas.

Este estudo adotou uma perspectiva sincrônica de análise, isto é, partiu de um recorte temporal específico para observar o funcionamento da construção nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português em seu estado atual de uso. A opção metodológica concentrou-se na descrição e interpretação dos estágios coexistentes na contemporaneidade, permitindo evidenciar a convivência de diferentes graus de gramaticalização.

Os resultados encontrados possibilitaram responder às seguintes questões orientadoras levantadas na pesquisa: (i) Quais usos são observados para a construção *quer dizer* nas variedades brasileira, moçambicana e angolana do português? (ii) Quais reconfigurações funcionais e indícios de mudança categorial podem ser identificados nos usos da construção nas três variedades analisadas? (iii) Quais usos da construção apresentam maior grau de gramaticalização à luz dos critérios adotados na pesquisa? (iv) Quais estágios de gramaticalização podem ser propostos para a construção *quer dizer* a partir dos dados analisados? (v) Quais convergências e divergências se observam nos empregos da construção *quer dizer* nas variedades do português examinadas?

Os usos identificados nesta pesquisa para a construção *quer dizer* foram verbo modal + *dicendi*, uso com valor de ‘significa’, conector textual (esclarecedor, retificação/ressalva, exemplificador, conclusivo) e marcador discursivo. Sendo assim, observaram-se mudanças

categoriais no funcionamento da construção, evidenciando diferentes estágios no processo de gramaticalização.

Sob esse viés, identifica-se um estágio relacionado ao domínio verbal, representado pelos usos modal + *dicendi*, considerado menos gramaticalizado, e ‘significa’, que está associado ao que Gonçalves et al. (2007) caracterizaram como um estágio intermediário no percurso de mudança. Em seguida, observam-se usos em que *quer dizer* passa a atuar como conector textual, desempenhando funções como esclarecimento, retificação/ressalva, exemplificação e conclusão, evidenciando um grau mais avançado de gramaticalização. Por fim, registra-se o uso de *quer dizer* como marcador discursivo, no qual a construção assume funções interacionais no discurso, uso considerado mais gramaticalizado.

Esse percurso evidencia um *cline* de mudança linguística no qual a construção transita de um funcionamento predominantemente lexical e verbal para funções cada vez mais gramaticais e discursivas. Nesse sentido, conforme observa Almeida (2022, p. 76), “*quer dizer* perdeu sentidos representacionais (modal + *dicendi* e valor de ‘significa’) relativos à classe de verbos e adquiriu funções gramaticais (como conector textual) e pragmáticas/interacionais (como marcador discursivo)”.

Em termos quantitativos, o uso com valor de ‘significa’ foi o mais produtivo nas três variedades, configurando-se como estágio intermediário no processo de gramaticalização. Os usos como conector textual – especialmente com a função esclarecedora – também apresentaram produtividade significativa no PB, no PM e no PA. Já o uso modal + *dicendi* e o marcador discursivo mostraram menor frequência na amostra de modo geral. Supõe-se nesta pesquisa que a baixa produtividade do marcador discursivo se deve à predominância de dados escritos no *corpus* analisado.

A análise dos grupos de fatores revelou resultados importantes. Quanto à pessoa gramatical do sujeito, verificou-se predominância da terceira pessoa do singular nos usos verbais, sobretudo em contextos com valor de ‘significa’. Nos usos mais gramaticalizados (conector textual e marcador discursivo), observou-se a perda do sujeito e, consequentemente, a decategorização da construção, conforme previsto por Hopper (1991).

Quanto ao parâmetro explicitude/omissão do sujeito, confirmou-se a hipótese de que usos menos gramaticalizados tendem a ocorrer com sujeito explícito, enquanto usos mais gramaticalizados favorecem a omissão ou a ausência total do sujeito. As variedades moçambicana e angolana apresentaram maior tendência a contextos sem sujeito, sugerindo maior produtividade de usos gramaticalizados nessas duas variedades, em comparação com o português brasileiro.

Em relação à presença/ausência da conjunção *que*, constatou-se forte associação entre o valor de ‘significa’ e a presença da conjunção, enquanto os usos mais gramaticalizados tendem a ocorrer sem o *que*. Tal resultado reforça a correlação entre perda de integração sintática e avanço no processo de gramaticalização.

No que concerne ao tipo de sequência linguística, a sequência argumentativa mostrou-se predominante em praticamente todos os usos, sobretudo no valor de ‘significa’ e de conector textual. Esse resultado confirma a hipótese de que contextos argumentativos favorecem a emergência e a consolidação de usos mais abstratos e discursivos por exigirem reformulação, esclarecimento e encadeamento lógico de informações.

Cabe ainda destacar a ocorrência do uso de *quer dizer* com valor de ressalva, que, nesta pesquisa, foi amalgamado aos usos de retificação, configurando-se uma mesma categoria (retificação/ressalva), pois, do ponto de vista quantitativo, sua ocorrência foi ínfima. Esse uso foi identificado em apenas um dado no PA, o que sugere baixa produtividade dessa função no *corpus* desta pesquisa. Ainda que pouco frequente, tal ocorrência é relevante do ponto de vista da análise funcional, pois evidencia a possibilidade de ampliação das funções discursivas da construção *quer dizer*. Dessa forma, esse resultado reforça a importância de investigações futuras em *corpora* mais amplos, a fim de verificar se esse valor funcional se confirma ou se amplia em outras amostras do português.

De modo geral, os resultados evidenciam que o processo de gramaticalização de *quer dizer* apresenta comportamento semelhante nas três variedades analisadas, embora com pequenas diferenças de frequência. As variedades africanas, especialmente o PA, demonstraram maior inclinação para usos [+ gramaticais], o que pode refletir especificidades discursivas e sociolinguísticas dessas comunidades.

Esta pesquisa contribui, portanto, para os estudos sobre gramaticalização no âmbito do português pluricêntrico, ampliando o escopo de análise para além da variedade brasileira e valorizando, nesse caso, as variedades moçambicana e angolana, frequentemente menos contempladas em estudos dessa natureza. Ao analisar o fenômeno sob uma perspectiva comparativa, reforça-se a legitimidade das diferentes normas e práticas linguísticas do espaço lusófono, evidenciando que processos de mudança linguística operam de forma dinâmica nas diversas variedades do português.

Com isso, conclui-se que a trajetória de gramaticalização de *quer dizer* no PB, no PM e no PA confirma a vitalidade e a dinamicidade do português em suas múltiplas variedades, revelando um processo contínuo de reconfiguração funcional que articula dimensões sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas. Em suma, a investigação aqui proposta está em diálogo

com a perspectiva dos estudos decoloniais no campo da linguística, sobretudo por analisar comparativamente as variedades brasileira, moçambicana e angolana do português, contribuindo, assim, com a descentralização da matriz eurocêntrica e com uma compreensão mais plural da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ABDULA, Rajabo Alfredo Mugabo. Língua, diversidade e ensino: a situação do português e das línguas bantu em Moçambique. In: TIMBANE, Alexandre António; FREITAG, Raquel Meister Ko (org.). **As línguas africanas e o português na África lusófona**: reflexões, descrições e políticas de ensino. Belém: Home, 2023. p. 72-82.
- ABRAÇADO, Jussara; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João. Línguas pluricêntricas em seu percurso histórico e na atualidade. **Domínios de lingu@gem**, v. 17, p. 1766-1778, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/71896>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- ALBUQUERQUE, Davi. O português como língua pluricêntrica e as atitudes linguísticas de falantes em Timor-leste. **Caderno Seminal**, n. 42, Rio de Janeiro, p. 326-360, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/64435>. Acesso em: 29 set. 2025.
- ALMEIDA, Eduardo Ferreira dos Santos. **Entre o português brasileiro e o português moçambicano**: considerações sobre o processo de gramaticalização de *quer dizer*. 2022. 81f. Monografia (Graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas) – Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2022.
- ALMEIDA, Eduardo Ferreira dos Santos; CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização da construção *quer dizer* no português brasileiro e moçambicano. In: SIMÕES NETO, Natival Almeida; SANTOS, Deivid Borges; KNOTH, João Vitor (org.). **Pesquisas contemporâneas sobre a língua portuguesa**: perspectivas funcionalistas, cognitivistas e construcionais. Salvador: EDUFBA, 2025. p. 247-270.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; BIAZOLLI, Caroline Carnielli. Ferramentas metodológicas para análises (sócio)linguísticas. **Estudos Linguísticos**, v. 47, n. 1, São Paulo, p. 260-273, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2047-Texto%20do%20Artigo-8140-8189-10-20181016.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- BOLINGER, Dwight. **Aspects of language**. New York/Chicago/San Francisco/Atlanta: Harcourt, Brace & World, Inc., 1968.
- BRYMAN, Alan. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, Tim; WILLIAMS, Malcolm (ed.). **Knowing the social world**. Philadelphia: Open University Press, 1998. p. 138-156.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARNEIRO, Assunção Guimarães. **O conector discursivo “quer dizer”**: um caso de gramaticalização. 2006. 79f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos. **Estudos Linguísticos**, v. 40, n. 1, p. 82-91, 2011. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v1_t07.red6.pdf?/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v1_t07.red6.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Gramaticalização e contexto morfossintático: o que *acham*, *olham* e *dizem* os soteropolitanos? In: LOPES, Norma da Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira; PARCEIRO, Lúcia Maria de Jesus (org.). **Estudos sobre o português do Nordeste**: língua, lugar e sociedade. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-106.

CARVALHO, Cristina dos Santos; SILVA, Eliêda de Matos. Gramaticalização de QUER DIZER na fala popular de Salvador. In: LOPES, Norma da Silva; CARVALHO, Cristina dos Santos; SOUZA, Constância Maria Borges (org.). **Fala e contexto no português brasileiro**: estudos sobre variação e mudança linguística. Salvador: EDUNEB, 2018. p. 155-186.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (org.). **Gramática do português falado**, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-121.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. Variação e mudança linguística. In: COELHO, Izete Lehmkuhl et al. (org.). **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. p. 89-106.

CALOSSA, Bernardino Valente. Português língua materna e não materna em Angola: implicações didáticas e políticas. In: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (org.). **O português de/em Angola**: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino. São Paulo, 2021. p. 142-159. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2305>. Acesso em: 12 jan. 2026.

DAL MAGO, Diane. **Quer dizer**: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30361263.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.

DAL MAGO, Diane. Uma possível trajetória para o item lexical QUER DIZER. **Working Papers em Linguística**, v. 6, p. 135-155, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/6124/5670>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DAL MAGO, Diane. QUER DIZER: um item lexical expandindo suas funções. In: Jornada Nacional de Estudos Linguísticos. **GELNE**, João Pessoa: UFPB, s/p, 2004. Disponível em: <http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2004/PDF/Diane%20Dal%20Mago.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. **Corpus do português**. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 23 jun. 2024.

DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, v. 1, Düsseldorf, p. 1-29, 2006. Disponível em: [www.constructions-online.de:0009-4-6860](http://www.constructions-online.de/0009-4-6860). Acesso em: 20 set. 2022.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FIRMINO, Gregório Domingos. Ascensão de uma norma endógena do português em Moçambique: desafios e perspectivas. **Gragoatá**, v. 26, n. 54, Niterói, p. 163-192, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/46324>. Acesso em: 29 set. 2025.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. **ReVEL**, v. 7, n. 13, s/p, 2009. Disponível: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_estrategias_gramaticalizadas_de_interacao.pdf. Acesso em: 01 jan. 2026.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-174.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-45.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. Linguística Funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice (org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRRN, 2016. p. 13-58. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21375/3/Funcionalismo%20e%20ensino%20de%20gram%C3%A1tica%20%28livro%20digital%29.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: A constructional grammar approach to argument structure**. London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 15-18.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. Gramaticalização de construções. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 103-117.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de Gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 67-90.

GÖRSKI, Edair Maria et al. Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. **Estudos Linguísticos**, n. 31, São Paulo, s/p, 2002. Disponível

em:

<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/gt003.htm>. Acesso em: 29 set. 2025.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a Conceptual Framework**. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HOPPER, Paul-Jean. Emergent grammar. **Berkeley Linguistic Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, Paul-Jean. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (ed.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 17-35.

HOPPER, Paul-Jean; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge University Press, 2003 [1993].

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Resultados definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação**. Luanda: INE, 2025. Disponível em: https://ine.gov.ao/publicacoes/detalhes/NDc0MTE%3D?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 02 de jul. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados: Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 02 de jul. 2026.

JOHNSON, R. Burke; ONWUEGBUZIE, Anthony J.; TURNER, Lisa. Toward a definition of mixed methods research. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 1, p. 112-133, 2007.

KIALANDA, Kialunda Sozinho; TIMBANE, Alexandre António. A língua lingala como língua nacional, internacional, de identidade e da cultura angolana: política linguística crítica. In: TIMBANE, Alexandre António; FREITAG, Raquel Meister Ko (org.). **As línguas africanas e o português na África lusófona: reflexões, descrições e políticas de ensino**. Belém: Home, 2023. p. 83-95.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 1, p. 83-101, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440/4032>. Acesso em: 16 mai. 2024.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors: we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. **Investigations in cognitive grammar**. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2009.

LONGO, Beatriz de O.; CAMPOS, Odette de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (org.). **Gramática do português falado**, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497.

LOPES, Armando Jorge. **A batalha das línguas**: perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique. Luanda: Editora das Letras, 2013.

LOPES, Armando Jorge; SITOE, Salvador Júlio; NHAMUENDE, Paulino José. **Moçambicanismos**: para um léxico de usos do português moçambicano. Maputo: Livraria Universitária, 2002.

LOPES, Monclar Guimarães; ROSÁRIO, Ivo da Costa. Metodologia da pesquisa sincrônica. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 15-36.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUCCHESI, Dante et al. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 75-100.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. **Estudos Linguísticos**, v. 2, p. 47-60, 2008. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/clunl/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/2c-mario-martellota.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-17.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (org.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 45-70.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1958 [1912].

MINGAS, Amélia A. **Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda**. Luanda: Caxinde, 2000. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5ef03758b043462e524e5504/t/5f2e7f9d735d02639dd91408/1596882941239/Interfere%CC%82ncia+do+Kimbundu+no+Portugue%CC%82s+falado+em+Lwanda+-+Ame%CC%81lia+Mingas.pdf>. Acesso em: 01 de jul. 2026.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e gramática: teoria gramatical ou teoria do uso. **Guavira Letras**, v. 12, Campo Grande, p. 36-45, 2011.

PEREIRA, Marília Pinheiro. **O ensino de português como língua pluricêntrica em contextos multilíngue e multicultural**: intervenções didáticas nas aulas de português como língua de herança na Alemanha. 2024. 295f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. *África*, n. 27-28, p. 63-89, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/africa/article/view/96063>. Acesso em: 10 jan. 2026.

PIRES, Patrícia de Carvalho et al. Processos de gramaticalização dos verbos *ir*, *chegar* e *dar*: de predador a auxiliar. *Revista Philologus*, v. 27, p. 1-14, 2021.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, Angélica Terezinha Carmo. **Eu fui e fiz esta tese**: as construções do tipo *foi fez* no português do Brasil. 2006. 222f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 2008 [1931].

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **GoldVarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre António. Evidências sociolinguísticas da variedade angolana do português e o combate ao preconceito linguístico. In: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (org.). **O português de/em Angola**: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino. São Paulo, 2021. p. 54-80. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2305>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SASSUCO, Daniel Peres. Problemática de contacto das línguas bantu de Angola e o português: um olhar sobre o contacto fonético-fonológico. In: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (org.). **O português de/em Angola**: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino. São Paulo, 2021. p. 13-42. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2305>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SEVERO, Cristine Görski. *Quer dizer* e seus usos: análise de dados de escrita. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos, v. 11, Juiz de Fora, p. 101-115, 2007. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo074.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2022.

SILVA, Josimar Santana; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. Percurso histórico e sociolinguístico de Angola. In: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio (org.). **O português de/em Angola**: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino. São Paulo, 2021. p. 142-159. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2305>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SILVA, Viviane Marcelina. **Usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana**: variação e gramaticalização. 2021. 149f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

SOARES DA SILVA, Augusto. O português no mundo e a sua standardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional. In: BARROSO, Henrique (org.). **O português na casa do mundo, hoje**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2018. p. 110-132. Disponível em: https://ciencia.ucp.pt/ws/portalfiles/portal/29415097/2018_Portugues_no_mundo_standardizacao.pdf. Acesso em: 2 jan. 2026.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. 318f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipologia textual ensino de língua. **Domínios de Linguagem**, v. 12, p. 1336-1400, 2018. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/Tipologia%20textual%20e%20ensino%20-%20Dom%C3%ADnios%20da%20Linguagem%2041612-185711-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.